

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS NATURAIS E EXATAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA**

**ESPAÇO E TEMPO
NAS MINAS DO CAMAQUÃ EM
CAÇAPAVA DO SUL/RS**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

ROGÉRIO MARQUES SILVA

**Santa Maria, RS, Brasil
2008**

**ESPAÇO E TEMPO
NAS MINAS DO CAMAQUÃ EM
CAÇAPAVA DO SUL/RS**

por

Rogério Marques Silva

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Geografia, Área de Concentração Meio Ambiente e Sociedade, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Geografia**

Orientador: Prof. Drº Eduardo Schiavone Cardoso

**Santa Maria, RS, Brasil
2008**

**Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Ciências Naturais e Exatas
Programa de Pós-Graduação em Geografia**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada,
aprova a Dissertação de Mestrado

**ESPAÇO E TEMPO
NAS MINAS DO CAMAQUÃ EM
CAÇAPAVA DO SUL/RS**

elaborado por
Rogério Marques Silva

como requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em Geografia

COMISSÃO EXAMINADORA:

Eduardo Schiavone Cardoso, Dr^o.
(Presidente/Orientador - UFSM)

César De David, Dr^o. (UFSM)

Gil Soderro de Toledo, Dr^o (USP)

Santa Maria, 15 de dezembro de 2008.

Agradecimentos

Ao refletirmos sobre nossas ações, percebemos que existe uma série de acontecimentos que convergem na direção da execução destas. Quando olhamos para frente de nosso tempo, nossos sentidos tornam-se confusos e apreensivos, uma vez que não conhecemos o caminho que nos será apresentado. E quando analisamos o passado, todos aqueles fatos que um dia nos pareceram desordenados adquirem uma lógica (se é que ela existe) diante das realidades do tempo presente.

A partir desta pequena reflexão, pensa-se que assim como tudo na vida, este trabalho é o resultado de uma verdadeira complexidade de ações cuja combinação e o resultado apresentam-se nas páginas posteriores, o que torna demasiado complicado o ato de agradecimento, uma vez que inúmeras pessoas de alguma forma contribuíram para este. Obrigado professor Eduardo. Penso que sem sua ajuda e paciência seria bem mais difícil diante dos obstáculos que me foram apresentados. Agradeço minha família, principalmente meus pais cujos esforços para minha formação fogem de qualquer possibilidade em agradecer com poucas palavras. Sou muito grato a Universidade Federal de Santa Maria por ter me amparado em mais esta etapa. Obrigado aos colegas e amigos pelo companheirismo dedicado ao longo desta jornada. Aos funcionários da Companhia Brasileira do Cobre em Caçapava do Sul, entrevistados e demais colaboradores, sou bastante grato. Muito obrigado a toda nação brasileira por sustentar esta universidade e a evolução deste país. Agradeço enfim a todas as forças do universo que conspiram a favor do cumprimento de nossos deveres e objetivos.

Dedicatória

Dedico este trabalho a minha mãe, Amélia Marques Silva e a Memória de meu pai, Athila de Freitas Silva que através de seus ensinamentos se fez presente na execução deste trabalho.

RESUMO

Dissertação de Mestrado
Programa de Pós-Graduação em Geografia
Universidade Federal de Santa Maria

ESPAÇO E TEMPO NAS MINAS DO CAMAQUÃ EM CAÇAPAVA DO SUL/RS

AUTOR: Rogério Marques Silva

ORIENTADOR: Eduardo Schiavone Cardoso

Data e Local da Defesa: Santa Maria, 15 de dezembro de 2008.

Atualmente, vive-se uma realidade onde a questão econômica possui grande importância. Diante disto, o espaço geográfico, produto das transformações sócio-econômicas ao longo do tempo, pode servir de importante foco de pesquisa no que confere a tais tendências. Neste contexto, apresenta-se as Minas do Camaquã, no município de Caçapava do Sul, no Rio Grande do Sul, um conjunto de vilas operárias formadas ao longo de 130 anos de exploração de cobre, como objeto de estudo, cujo objetivo se é a tentativa do entendimento das transformações espaciais ao longo do processo de extração de cobre verificando-se ainda as tendências futuras para este espaço. A metodologia de pesquisa parte de uma visão dialética, onde inicialmente realizou-se o levantamento da história do local a fim de se estudar as diferentes conformações espaciais ao longo da produção de cobre. Posteriormente, buscou-se através de entrevistas qualificadas e aplicação de questionários o entendimento da dinâmica espacial durante e após o término da atividade de mineração, verificando-se ainda as prováveis tendências espaciais para os próximos anos. A partir de 1942, a Companhia Brasileira do cobre - CBC passou a extrair cobre nesta região. Deste momento em diante, a paisagem local passaria a comportar uma estrutura urbana formada por uma área industrial e um conjunto de sete vilas além de clubes, praças, hospitais entre outros. Após 50 anos, a profundidade das reservas de cobre, aliada aos baixos preços do minério e a política brasileira de privatizações, foram os motivos que levaram o encerramento das atividades no ano de 1996. Deste momento em diante, toda a estrutura dos tempos de mineração foi abandonada. De aproximadamente 5000 moradores, restaram cerca de 400. Vilas inteiras foram desativadas. Prédios foram demolidos. Após 12 anos do término das atividades, pode-se verificar que existem algumas idéias sendo trabalhadas, porém ainda muito longe de sanar as necessidades da localidade. Sucessivos governos municipais e seu descaso com o local fazem hoje das Minas do Camaquã, um espaço pós-industrial cujas especificidades guardam semelhanças a muitas áreas degradadas, como cidades ferroviárias desativadas e antigas bases militares, no que confere à posição desprivilegiada dentro do processo produtivo. A volta da mineração diante dos atuais estudos da geologia da região e a atividade turística devido as belas paisagens desta região, surgem como possibilidades de dinamizar a economia local.

Palavras-chaves: Transformação Espacial; Sociedade; Tempo, Minas de Camaquã.

ABSTRACT

Dissertation of Master's degree
Program of Master's degree in Geography
Federal University of Santa Maria

SPACE AND TIME IN THE “MINAS DO CAMAQUÃ” EM CAÇAPAVA DO SUL/RS

AUTHOR: Rogério Marques Silva

ADVISOR: Eduardo Schiavone Cardoso

Date and Place of the Presentation: Santa Maria, dezembro 15, 2008.

Currently, one lives a reality where the economic issue has great importance. Facing this, the geographical space, a product of socio-economic changes over time, can serve as an important focus of research in what refer to such trends. In this context, it is found “Minas do Camaquã, at the municipality of Caçapava do Sul, in Rio Grande do Sul, an assembly of working towns formed over 130 years of copper exploitation, as object of study, which purpose is to attempt to understand the spatial changes throughout the process of copper extraction and the future trends for this space. The methodology of the research starts up from a dialectic vision, where in the beginning was researched the history of the site survey in order to study the different special conformations along the copper production. Later, we tried to understand the dynamics of space during and after the activity of mining through interviews and skilled application of questionnaires, verifying as well the probable trends space for the coming years. From 1942, the Brazilian Copper Company - CBC came to extract copper in the region. From this moment on, the local landscape would include a structure formed by an urban industrial area and a set of seven towns in addition to clubs, squares, hospitals and others. After 50 years, the depth of copper reserves combined with low prices and Brazilian policy of privatization, were the reasons that prompted the closing activities in 1996. From this moment on, all the mining structure was abandoned. From about 5000 residents, remained around 400. Whole towns have been shut down. Buildings were demolished. After 12 years form the closing of activities, one can verify that there are some ideas being worked on, but still far from solve the needs of the city. Successive municipal governments and their neglect with the local make today from Minas do Camaquã, a post-industrial space which peculiarities keep resemblance to many degraded areas, like railway cities shut deactivated and former military bases, in what refer to the underprivileged position within the production process. The mining return face of the current studies of the geology of the region and tourist activity because of the beautiful scenery of this region, come as opportunities to develop the local economy.

Key words: Space Transformation; Society; Time; Minas de Camaqua

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Mapa de Localização das Minas do Camaquã.....	29
Figura 2 - Localização da Bacia Hidrográfica do Camaquã.....	31
Figura 3 - Localização dos Filões de Cobre nas Minas do Camaquã.....	33
Figura 4 - Residências da Década de 1930. Minas do Camaquã.....	41
Figura 5 - Antigo Trajeto das Vagonetas. Século XIX, Minas do Camaquã.....	43
Figura 6 - Mina dos Ingleses, século XIX. Minas do Camaquã.....	43
Figura 7 - Engenho Construído pelos Belgas nas Minas do Camaquã.....	43
Figura 8 - Pilares da Linha Decauville para o Transporte de Vagonetas, século XIX, nas Minas do Camaquã.....	43
Figura 9 - Mapa das Áreas Urbana e Industrial nas Minas do Camaquã.....	49
Figura 10 - Minas do Camaquã na Década de 1970.....	52
Figura 11 - Minas do Camaquã na Década de 1970.....	52
Figura 12 - Situação Atual das Vilas nas Minas do Camaquã.....	56
Figura 13 - Mapa da Área Urbana das Minas do Camaquã.....	94
Figura 14 - Panorama Atual das Vilas nas Minas do Camaquã.....	98
Figura 15 - Área Industrial das Minas do Camaquã.....	99
Figura 16 - Edificações em Ruínas nas Minas do Camaquã.....	100
Figura 17 - Edificações em Ruínas nas Minas do Camaquã.....	101
Figura 18 - Espaços Destinados as Novas Tendências nas Minas do Camaquã.....	102
Figura 19 - Gráfico de Porcentagem da Estrutura Etária das Minas do Camaquã.....	103
Figura 20 - Gráfico de Porcentagem do Tipo de Ocupação nas Minas do Camaquã.....	106
Figura 21 - Gráfico de Porcentagem do Tipo de Ocupação Antes da Aposentadoria nas Minas do Camaquã.....	108

Figura 22 - Gráfico de Porcentagem do Grau de Satisfação com a Água nas Minas do Camaquã.....	110
Figura 23 - Gráfico de Porcentagem do Grau de Satisfação com a Energia Elétrica nas Minas do Camaquã.....	110
Figura 24 - Gráfico de Porcentagem do Grau de Satisfação com o Esgoto nas Minas do Camaquã.....	111
Figura 25 - Gráfico de Porcentagem do Grau de Satisfação com a Saúde nas Minas do Camaquã.....	112
Figura 26 - Gráfico de Porcentagem do Grau de Satisfação com a Educação nas Minas do Camaquã.....	112
Figura27 - Gráfico de Porcentagem das Vantagens de Morar nas Minas do Camaquã.....	114
Figura 28 - Gráfico de Porcentagem das Desvantagens de Morar nas Minas do Camaquã.....	115
Figura 29: Gráfico de Porcentagem da Relação dos Moradores com Outras Regiões.....	117
Figura 30 : Gráfico das Perspectivas Futuras para as Minas do Camaquã.....	119

Lista de tabelas

TABELA 1 - Tipo de Residências nas Minas do Camaquã no Período Final da CBC.....54

LISTA DE ANEXOS

ANEXO A - Roteiro Elaborado para as Entrevistas Qualificadas em Abril de 2008.....135

ANEXO B - Questionário Sócio Espacial aplicado no Período de 24 a 28 de julho de
2008.....136

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
1 METODOLOGIA	17
1.1 Espaço e Tempo na Geografia.....	19
1.2 As Vilas Operárias.....	24
2 ÁREA DE ESTUDO E OS ANTECEDENTES DA EXPORAÇÃO DO COBRE	29
2.1 Aspectos Físico- Naturais.....	29
2.2 As Ocorrências minerais nas Minas do Camaquã.....	33
2.3 Beneficiamento e Destino do Cobre nas Minas do Camaquã.....	34
2.4 As Bases para Implantação da Mineração.....	35
2.5 Minas do Camaquã: Início da Mineração.....	38
3 A CONSTRUÇÃO DA CBC E A ORGANIZAÇÃO ESPACIAL NAS MINAS DO CAMAQUÃ	44
3.1 As Vilas Operárias nas Minas do Camaquã.....	49
3.1.1 Disposição e Tipo de Residência.....	53
3.2 Qualidade e Gestão dos Equipamentos e Serviços.....	57
3.2.1 Saúde.....	58
3.2.2 Segurança.....	59
3.2.3 Alimentação.....	64
3.2.4 Acesso a Cultura e Lazer.....	65
3.2.5 Educação.....	69
3.3 As Relações Sociais nas Minas do Camaquã.....	70

3.3.1	A Identidade Mineira.....	75
3.3.2	As Relações de Poder.....	77
3.4	A Segregação do Espaço nas Minas do Camaquã.....	79
3.5	O Último Período da Fase CBC.....	84
3.5.1	Síntese da CBC.....	91
4	AS MINAS DO CAMAQUÃ NO PRESENTE E AS TENDÊNCIAS DE OCUPAÇÃO DO ESPAÇO.....	94
4.1	A Condição Espacial das Minas do Camaquã Hoje.....	94
4.2	Os Dados da Estrutura Espacial Obtidos pela Aplicação dos Questionários.....	103
4.2.1	Estrutura Etária.....	103
4.2.2	Ocupação.....	105
4.2.3	Ocupação Antes da Aposentadoria.....	108
4.2.4	Oferta de Bens Sociais.....	109
4.2.5	Grau de Satisfação Com os Bens Sociais.....	110
4.2.5.1	Água.....	110
4.2.5.2	Energia Elétrica.....	110
4.2.5.3	Esgoto.....	111
4.2.5.4	Saúde.....	112
4.2.5.5	Educação.....	112
4.2.6	Vantagens de Morar nas Minas do Camaquã.....	114
4.2.7	Desvantagens de Morar nas Minas do Camaquã.....	115
4.2.8	Relação dos Moradores com Outras Regiões.....	117
4.2.9	As Perspectivas Futuras para As Minas do Camaquã.....	118

4.3	As Novas Realidades.....	120
4.3.1	O Isolamento da Região.....	122
4.3.2	Tendências.....	124
4.3.2.1	As Minas do Camaquã como Um Espaço de Novas Tendências de comportamento.....	125
4.3.3	Usos Potenciais.....	126
4.3.3.1	O Potencial Turístico como Possibilidade para as Minas do Camaquã.....	127
4.3.3.1.1	Ecoturismo.....	128
4.3.3.1.2	Turismo de Aventura.....	128
4.3.3.1.3	Turismo Científico.....	128
4.4	A Retomada da Mineração.....	129
	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	131
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	133

INTRODUÇÃO

O espaço geográfico é construído a partir das ações da coletividade social, representando as tendências que caracterizam uma determinada época histórica. Dentre as variáveis que mais contribuem para a formação e transformação do espaço geográfico, encontram-se as atividades produtivas desenvolvidas ao longo do tempo em cada localidade. Entende-se que o espaço da produção, ao se organizar, apresenta questões ligadas à economia e à conjuntura política de seu tempo, que interferem no ritmo da produção e nas decisões tomadas em relação a ela. Um campo de estudo desta questão são as Minas do Camaquã, um conjunto de vilas operárias, formadas da atividade de mineração de cobre ao longo de 130 anos.

Os períodos de extração de cobre que se alternaram neste espaço deixaram seus registros. A partir da fundação da Companhia Brasileira do Cobre (CBC), em 1942, as Minas do Camaquã passaram a comportar uma estrutura qualificada neste trabalho, como *Company Town*, constituída por uma área de 173.260 hectares correspondente às áreas industrial e urbana. Deste total, 167.380 hectares formaram um conjunto de sete vilas, estrutura esta não vista durante os períodos anteriores à fundação da CBC. Ruas, prédios e residências foram surgindo na paisagem local. Ao longo de 50 anos, uma população que atingiu perto de 5000 habitantes contou com a oferta não somente de emprego, mas também com uma estrutura de vila operária composta de hospitais, escolas, transporte, entre outros atributos assegurados pela empresa.

A partir do final dos anos 1980, oscilações internacionais e características inerentes ao processo de extração do cobre interferiram significativamente na economia da região. A combinação de baixos preços do minério de cobre com a profundidade das jazidas tornava insustentável a atividade cuprífera nas Minas do Camaquã. Em 1996, a CBC encerraria suas atividades. Prédios, escolas e residências, que outrora serviram de estrutura para a mineração, tornaram-se ruínas, apenas registros dos tempos da atividade do cobre. Das sete vilas, restaram apenas três. Da população residente durante a mineração, poucas pessoas permaneceram no local.

A nova realidade de Minas do Camaquã tornou-se um grande desafio. Alternativas para o reaproveitamento das antigas estruturas voltadas à mineração têm sido descritas e projetadas. Até o presente momento sem muitos exemplos positivos.

Analisando este processo, o objetivo central do presente trabalho é o estudo da sucessão dos diferentes contextos espaciais observados ao longo da história nas Minas do Camaquã. A partir do estudo deste local, pretender-se-á chegar ao entendimento das configurações espaciais, tanto no passado quanto no presente, almejando-se ainda um exercício de raciocínio voltado às tendências esboçadas para o uso do espaço do referido local.

Os objetivos específicos deste trabalho propõem as seguintes questões:

- Fazer um resgate histórico dos diferentes estágios econômicos das Minas do Camaquã, a fim de se entender as realidades espaciais existentes ao longo de sua história;
- Estudar as atuais condições espaciais da localidade, chegando-se ao entendimento da realidade existente;
- Apresentar as tendências de ocupação do espaço das Minas do Camaquã.

Dessa forma, entende-se que a Geografia, com seus conceitos e práticas, coloca-se como importante ferramenta e poderá contribuir para o entendimento desta temática, fundamentada pelos novos desafios espaciais e sociais lançados a cada momento histórico.

1 . Metodologia

Os procedimentos metodológicos devem seguir uma lógica compatível ao cumprimento dos objetivos de uma determinada pesquisa. Primeiramente, buscou-se a base conceitual e a fundamentação teórica que orienta os passos a serem tomados para execução do trabalho. Nesta questão, a discussão do espaço geográfico e suas transformações, apresentadas a seguir e baseadas na contribuição de um conjunto de autores da geografia contemporânea, fornece elementos para o entendimento do problema da pesquisa, bem como as questões referentes à atividade mineradora e à formação dos assentamentos humanos nestas áreas.

Quanto aos procedimentos para a coleta de informações, em um primeiro momento, enfatizou-se a busca por fontes históricas sobre a mineração de cobre nas Minas do Camaquã e a implantação e desenvolvimento da CBC. Para tanto, pesquisou-se o acervo histórico da Biblioteca Pública Municipal de Caçapava do Sul, a fim de reunir subsídios para a construção desse trabalho. Foi realizada pesquisa documental no escritório da CBC do município de Caçapava do Sul, que forneceu boletins informativos da empresa, além de valiosas informações a respeito da história das Minas do Camaquã. Deve-se citar ainda a contribuição de fotografias históricas do local, cedidas por fontes que gentilmente se dispuseram a contribuir.

Em junho de 2007, realizou-se a primeira saída de campo. Na ocasião, foi feito um trabalho de reconhecimento do local, obtendo-se registros fotográficos das atuais condições das vilas que compõem as Minas de Camaquã.

No mês de abril de 2008, buscou-se coletar relatos de ex-moradores, hoje residentes em Caçapava do Sul. Na forma de entrevistas qualificadas, pôde-se coletar importantes contribuições, totalizando oito depoimentos. Convém dizer que tais pessoas pertenciam aos seguintes cargos: um Gerente Técnico, três Operários, um Professor, dois Geólogos e um Encarregado. Procurou-se, através dessa escolha, buscar pessoas de diferentes funções, a fim de se estabelecer uma diversidade na coleta de informações. Os temas trabalhados foram os seguintes: Cargo ocupado na empresa CBC, condições estruturais durante o período CBC, oferta de bens sociais durante o período CBC, relacionamento e o final do período CBC. (ANEXO I).

A partir daí, pôde-se comparar a história relatada com as experiências vivenciadas por antigos moradores, obtendo-se importantes informações, reveladoras da dinâmica espacial vivenciada durante o período da extração de cobre.

No período compreendido entre 24 e 28 de julho de 2008, realizou-se novo trabalho de campo nas Minas de Camaquã. Para esta etapa, foram utilizados distintos instrumentos de coleta de informação, a seguir detalhados:

- Entrevista Qualificada, aplicada para um número de seis moradores, tendo-se como critério de escolha o tempo de moradia no local, além de sua influência na comunidade local, destacando-se comerciantes e funcionários públicos residentes ali, devido ao contato direto com a população. As entrevistas versaram sobre a história das Minas do Camaquã, motivo de moradia no local, a dinâmica do dia-a-dia e o futuro da mina, basicamente. Entende-se que este tipo de instrumento possui grande potencial de coleta de informações, uma vez que aborda a temática junto às fontes primárias, através de diálogos bastante reveladores da problemática de estudo.
- Questionários aplicados para 30 famílias, tendo-se distribuído o total de 80 instrumentos, com uma média de 2 a 3 questionários por família, de acordo com o número de indivíduos, obtendo-se um total de 69 casos, correspondendo a 17% do total de 406 pessoas existentes na localidade estudada. Deve-se dizer que para esta etapa, procurou-se enquadrar participantes das três vilas ainda existentes no local, tratando de temas como: Estrutura Etária, ocupação, ocupação antes da aposentadoria (em virtude do considerável número de aposentados existente no local), bens sociais (água, luz, esgoto, saúde e educação) vantagens de morar nas Minas do Camaquã, desvantagens de morar nas Minas do Camaquã, a relação social com outras regiões e as perspectivas futuras para as Minas do Camaquã (ANEXO II).
- Registro fotográfico das vilas, uma vez que o uso de fotos dos componentes visuais do espaço pesquisado é um grande instrumento para análise da dinâmica espacial ao longo do tempo, fato que está em direta concordância com os objetivos deste trabalho.
-

Concomitantemente às visitas de campo, foram realizadas pesquisas junto à Prefeitura Municipal de Caçapava do Sul, com o objetivo de obter informações que dizem respeito à estrutura encontrada no local nos dias de hoje, à saúde, à educação, entre outros aspectos, uma

vez que a atual administração das vilas de Minas do Camaquã pertence à prefeitura do município.

De posse desse conjunto de informações, realizou-se a análise dos resultados obtidos durante o período descrito, revelando a atual condição social, bem como os problemas presentes. Na última etapa do trabalho, formularam-se as tendências futuras para as Minas do Camaquã, tomando como base as realidades observadas, hoje, no local e seus possíveis desdobramentos para o futuro.

1.1 Espaço e Tempo na Geografia

Na elaboração da metodologia de um trabalho de pesquisa, deve-se destacar, além do exposto acima, o tipo de abordagem metodológica e o referencial teórico que corporificará o trabalho realizado. Dessa forma, entende-se que a abordagem espacial em “Espaço e Tempo nas Minas do Camaquã” deve seguir uma linha voltada à interpretação dos estágios de produção e à sua relação com este espaço, bem como às transformações ocorridas em suas diferentes configurações ao longo do tempo. Reforçando esta idéia, (CARLOS, 1990) apresenta a seguinte contribuição:

A nosso ver, o espaço geográfico deve ser concebido como um produto histórico e social das relações que se estabelecem entre a sociedade e o meio circundante. Essas relações são, antes de tudo, relações de trabalho dentro do processo produtivo geral da sociedade (CARLOS, 1990, p. 15).

Dentro da perspectiva de um espaço como fruto do trabalho social em um determinado momento histórico, define-se uma abordagem centrada na Geografia Crítica. Acredita-se que esta forma de analisar o problema em questão será de grande contribuição para a pesquisa, pois a Geografia Crítica ou Geografia Radical buscou no pensamento marxista as concepções que estruturaram esta escola.

A teoria marxista ensina como relacionar, teoricamente a acumulação e a transformação das estruturas espaciais, e, no fim, é claro, fornece um tipo de compreensão teórica e material que permitirá entender os relacionamentos recíprocos entre geografia e história (HARVEY, 2005, p. 54).

Pensa-se que as Minas do Camaquã possuem uma estrutura formada a partir das mudanças na produção, onde o seu espaço guarda registros desses momentos. Em nenhum outro momento da história, como no último século, o mundo conheceu tamanha velocidade na

escala dos acontecimentos. A constante transformação das realidades coloca-nos em dúvida a todo o momento, fazendo com que se busquem novas explicações.

Quanto ao espaço, ele também se adapta à nova era. As mudanças ocorridas nas Minas do Camaquã podem servir de exemplo para se trabalhar mudanças espaciais. Em se tratando do conceito de espaço, pode-se dizer que:

O espaço seria o conjunto indissociável de sistemas e objetos naturais ou fabricados e de sistemas de ações, deliberadas ou não. A cada época, novos objetos e novas ações vêm juntar-se às outras, modificando o todo, tanto formal quanto substancialmente (SANTOS, 1997 p. 49).

Em outra obra pesquisada, (SANTOS 1982) apresenta sucintamente a idéia de espaço, a qual se entende ser de grande valia para esta pesquisa, pois resume o raciocínio a respeito do presente trabalho:

Ora o espaço é matéria trabalhada por excelência: A mais representativa das objetivações da sociedade, pois acumula, no decurso do tempo, as marcas das práxis acumuladas.

Partindo-se da análise destes conceitos, procura-se trabalhar o espaço a partir do movimento da sociedade, da constante transformação espacial que existe para o suprimento de nossas necessidades vitais.

Em “Espaço e Tempo nas Minas do Camaquã”, pode-se verificar que a natureza das ações humanas relegou diferentes espacialidades, sobrepondo-se de acordo com as temporalidades e suas necessidades sociais. Entende-se, ainda, que a busca pela reflexão, no que confere ao entendimento das diversas noções de “Espaço Geográfico”, é de fundamental importância, uma vez que traz à tona justamente esta constante transformação espacial-geográfica da dinâmica social. Pode-se dizer, também, que a pesquisa, ao mesmo tempo em que se utiliza dessa base conceitual, almeja contribuir para a sua construção, sendo este um dos principais objetivos de todo e qualquer trabalho científico.

Espaço geográfico, conforme vem sendo trabalhado, guarda o registro da existência social, momentos econômicos, culturais, técnicos, os quais deixam sua configuração num constante transformar, projetando conformações espaciais a cada instante. O instante trata-se de um corte temporal que encontra na espacialização social viabilidade para existir. O tempo existe, porém necessita do espaço para sua visualização, ao mesmo tempo em que o espaço precisa do tempo para projetar-se para o instante seguinte. Assim, pode-se dizer que:

A noção de tempo é fundamental. A sociedade é atual, mas a paisagem, pelas suas formas, é composta de atualidades de hoje e do passado. A noção de escala é igualmente importante, pois se o espaço é total, a paisagem não é. Não se pode falar de paisagem total, pois o processo social de produção é espacialmente seletivo. O espaço construído que resulta é variegado. (SANTOS, 1982 p. 39).

Dessa forma, podem existir ao mesmo tempo sistemas de ações (produção/reprodução) com momentos diferentes. Entende-se momento como uma determinada conformação espacial no que diz respeito ao estágio técnico-econômico, no qual se enquadra uma determinada porção do espaço. (SANTOS, 1997 p. 45) contribui para esta questão da seguinte forma:

Pode-se falar de um tempo único da cidade, ou de um tempo único regional, como se falaria de um tempo universal único? Grupos, instituições, indivíduos convivem juntos, mas não praticam os mesmos tempos.

Nota-se que, para a análise espacial, a variável tempo assume grande importância. Principalmente quando se trata de um espaço determinado pelo sistema capitalista, onde a procura pelo lucro rápido provoca uma série de mudanças e adaptações de acordo com os momentos econômicos, onde o espaço aparece como importante registro desses momentos.

Na proposta “Espaço e Tempo nas Minas do Camaquã”, a questão da inseparabilidade entre espaço e tempo torna-se evidente. O término da extração de cobre influencia diretamente na atual conformação espacial apresentada, a qual sem o tempo não seria possível de ser representada. Nessa linha de pensamento, pode-se afirmar que:

Cada forma sobre a paisagem é criada como resposta a certas necessidades ou funções do presente. O tempo vai passando, mas a forma continua a existir. Consequentemente, o passado técnico da forma é uma realidade a ser levada em consideração quando se tenta analisar o espaço (SANTOS, 1982 p. 54).

O espaço geográfico é representado pelos diferentes momentos sociais através da sua forma, das construções e edificações que compõem a realidade (política, econômica, cultural) de cada época. Sendo assim, considera-se o estudo de antigas edificações, como nas Minas do Camaquã, importantes registros históricos de grande contribuição para o entendimento da atual realidade espacial local.

Entende-se que um espaço analisado, sem o tempo, remeterá ao pensamento de um espaço geométrico tridimensional (comprimento, altura, profundidade). À medida em que se

concebe um espaço animado pela atividade humana, assim um espaço geográfico, a variável tempo (quarta dimensão) torna-se de suma importância para este raciocínio. A partir do aporte conceitual apresentado anteriormente, tentou-se demonstrar esta dependência espaço-temporal existente para uma plena compreensão da atividade humana e a sua representação no espaço.

Minas do Camaquã traz nítida esta relação em meio à sua paisagem. As estruturas dos tempos da mineração trazem os signos de uma época marcada pela dinâmica do capital, cuja atuação trouxe prosperidade à região. Tomando-se como referência outro ponto de vista, as mesmas estruturas apresentam um estágio produtivo desfavorável. O estado precário das edificações, vários prédios em ruínas, coloca esta localidade entre os espaços pós-industriais decadentes, paisagem que tem se tornado muito comum nos dias atuais.

Em outra situação, a mesma paisagem surge como possibilidade para uma exploração turística, dadas as atuais tendências em recuperar-se áreas abandonadas, mediante este tipo de procura. Conforme se pode notar, a reflexão espaço-tempo torna-se fundamental para esta análise, uma vez que se estuda a região dentro de uma abordagem dialética marcada pela constante transformação espacial frente às novas necessidades impostas pelo tempo.

O espaço geográfico como um todo forma um mosaico de objetos, os quais trazem o significado dos mais diversificados tipos de atividade humana. Dentre esta universalidade de ações, entende-se como relevante uma análise da atividade produtiva e suas configurações no espaço. Pensa-se que, a partir desse tipo de concepção, poder-se-á aproximar-se das diferentes configurações espaciais existentes no passado, e ainda almejar-se uma análise de futuras condições para tal espaço.

A produção é uma das atividades que mais modificam o espaço. A medida em que o homem se afasta da natureza, aumenta a necessidade de produzir os meios que lhe garantem a sobrevivência. E quando essa produção ganhou o *nexus* monetário, acentuou-se consideravelmente a escala produtiva. As Minas do Camaquã simbolizam muito bem esse fenômeno. A partir do processo produtivo, edificou-se toda uma estrutura urbana industrial, capaz de garantir a continuidade dos empreendimentos que escreveram a história da localidade. Mas o mesmo tipo de relação espacial que proporcionou a edificação de tal estrutura colocou-a em condições desfavoráveis. Se o cobre possibilitou uma transformação espacial no sentido de colocar essa localidade entre as principais áreas de mineração do país, anos mais tarde foi o responsável pela estagnação econômica da mesma região. Ou seja, o processo produtivo deixou suas marcas nesse espaço, ao mesmo tempo em que se trata do principal agente a ditar as tendências futuras para o local.

Com o término da extração de cobre nas Minas do Camaquã, passa-se a buscar novas alternativas na necessidade de dinamizar a economia local. Há uma modificação do seu espaço, adaptando-se a novos tipos de procura. Segundo (SANTOS, 1982 p. 37):

A paisagem não tem nada fixo, de imóvel. Cada vez que a sociedade passa por um processo de mudança, econômica, as relações sociais e políticas também mudam, em ritmos e intensidades variadas. A mesma coisa acontece em relação ao espaço e a paisagem que se transforma para se adaptar as novas necessidades da sociedade. As alterações por que passa a paisagem são apenas parciais. De um lado alguns de seus elementos não mudam ao menos em aparência, enquanto a sociedade evolui. São as testemunhas do passado. Por outro lado, muitas mudanças sociais não provocam necessariamente ou automaticamente modificações na paisagem.

Os fluxos econômicos que marcaram a história das Minas do Camaquã guardam registro na sua configuração espacial, na área industrial, nas antigas edificações, entre outros. Dessa maneira,

O espaço considerado como um mosaico de elementos de diferentes eras sintetiza de um lado a evolução da sociedade e explica, de outro lado, situações que se apresentam na atualidade. (SANTOS, 1982 p.72).

Nota-se que, para o entendimento de uma atual realidade espacial, a análise do passado (antigas edificações, relato de ex-moradores, etc.) possui grande relevância. Atualmente, as mudanças espaciais obedecem a um ritmo acelerado determinado pelo capital. O espaço deve adaptar-se constantemente aos novos tipos de procura, às novas necessidades impostas (criadas) pelo capitalismo. De acordo com esta lógica,

Os movimentos da totalidade social alteram os processos, incita a novas funções. Do mesmo modo, as formas geográficas se alteram ou mudam e valor e o espaço se modifica para atender as transformações da sociedade. (RODRIGUEZ *apud* SANTOS, 1982 p. 38).

Conforme vem sendo trabalhada essa abordagem conceitual, considera-se o espaço como reflexo econômico de uma determinada época. É o resultado das necessidades sociais em um determinado tempo.

A materialidade, a todo o momento, projeta-se para um novo instante. Essa procura pelo novo torna-se vital no ato de existir. Dentro dessa concepção evolutiva, o espaço necessita adaptar-se às novas exigências impostas pela existência, às novas invenções, às

mudanças econômicas, ou seja, transformações que exigem uma diferente postura espacial de acordo com a realidade existente.

Entende-se, pois, ser de importante contribuição para esse trabalho uma análise a partir das transformações sociais e sua conseqüente configuração no espaço, em especial nas realidades derivadas das atividades de mineração.

1.2 As vilas operárias

O espaço geográfico forma-se a partir de uma constante superposição de diferentes momentos históricos. Cada momento apresenta suas próprias especificidades, como por exemplo, aparato tecnológico, concepções filosóficas, tendências políticas, estágios econômicos, sendo a sociedade e seu espaço fruto da combinação desses diversos fatores.

Analisando a história humana, percebe-se que as mudanças espaciais sempre estiveram atreladas ao suprimento das necessidades dos homens. Mas quando se insere a questão do ritmo e constância dessas transformações, pode-se concluir que em nenhum momento da história tantas modificações espaciais ocorreram como na sociedade industrial. A indústria surge como uma forma de realização humana, onde quase todos os sonhos e aspirações poderiam ser alcançados. O homem moderno veria na indústria a possibilidade para o alcance de seus objetivos, sendo ela o caminho da “plena existência humana”. Ciência e tecnologia colocaram à disposição as mais diversas espécies de “próteses humanas”, capazes de garantir o pleno desenvolvimento. Com estradas de ferro, foi possível interligar as mais remotas regiões interiores dos continentes à orla marinha. Com as vigas de aço, as cidades ganhavam os céus, com imensos edifícios surgindo diante dos olhos da humanidade. Mas toda esta utopia existencial não demoraria muito a apresentar as suas contradições.

No projeto capitalista, a questão desenvolvimentista se apresenta sob uma conotação econômica. Verdadeiras massas humanas, na Europa, migravam do campo para as cidades. Com a transição do feudalismo para o capitalismo e a “lei do cercamento”, os camponeses viram suas terras serem tomadas por grandes proprietários. Com o florescimento da cidade, em conseqüência do desenvolvimento do comércio e da indústria doméstica, mudaria o sentido da produção. De uma produção voltada para subsistência passa-se para uma produção com vistas ao mercado urbano. Terras de plantio de subsistência passaram a servir para pastagens, expulsando os camponeses e fazendo surgir uma massa de desempregados disposta a vender sua mão-de-obra para sobreviver. Por outro lado, uma elite detentora do capital e dos

meios de produção, centrada em estruturas urbanas nascentes, cresce com a chegada de grandes contingentes populacionais.

Nas cidades industriais do século XIX, predominavam os princípios de liberdade econômica que influenciavam todos os aspectos da vida da população. De antigo local de troca de excedentes, a cidade converteu-se em mercado de produtos domésticos expostos em casas especializadas. Os terrenos transformaram-se em propriedade privada. As residências passaram a ser construídas de modo caótico, nos poucos espaços que sobravam entre as fábricas e as ferrovias, não havia áreas para lazer, os rios foram transformados em esgotos; o carvão utilizado pelas fábricas era poluente, as indústrias barulhentas. O nascimento de indústrias originou cidades insalubres, isto é, pouco saudáveis, marcada pela aglomeração dos pobres em pequenos quartos caóticos. Famílias inteiras amontoavam-se em cômodos úmidos e sem ventilação, em péssimas condições de higiene sem acesso a esgoto e água tratada. Surgiram moléstias como: o tifo, peste bubônica, tuberculose, a varíola, etc...(ARRUDA et al, 1998 p.178).

Uma outra geração de cidades foi originada ou transformada por outra forma de atividade econômica.

O desenvolvimento industrial, iniciado na Inglaterra por volta de 1780, substituiu o trabalho em casa pela manufatura, e o artesão pelo operário. O capitalismo reforça-se, os meios técnicos melhoram, a urbanização modifica-se por completo: cidades antigas transbordam e transformam-se; nascem e aumentam novas cidades, altamente especializadas-cidades mineiras, metalúrgicas e têxteis.(LEFEBVRE *apud* GARNIER, 1993 p.74).

O espaço passa a adaptar-se às novas necessidades impostas pelo capital. O espaço urbano será o lugar das articulações comerciais, o local dos bancos, das tendências culturais, o principal lugar das mudanças. Com o surgimento de uma grande massa operária, novas estruturas implantam-se no espaço. Surgem os bairros operários e suas especificidades. Dentre essas, há tendência para manutenção do *status quo*, um nítido controle social sobre as pessoas residentes nesses locais, uma vez que ali eram encaminhadas pessoas de baixa classe social, reproduzindo-se sempre as mesmas relações sócio-econômicas. Não apenas no mundo capitalista, conforme o que Garnier (1993 p. 75) apresenta em sua contribuição:

Na ex-União Soviética, a transformação atingiu a Rússia européia a partir do início do século, mas depois da Revolução de 1917, deu-se uma explosão de cidades operárias. Com este país entra-se numa categoria mista, onde o econômico não é a causa. O nascimento das cidades não é apenas o efeito do livre jogo de forças e necessidades privadas: O Estado dirige a evolução: Chegamos assim, ao segundo motivo: O político. Todo Estado consciente da sua força e desejo de assegurar a posse territorial ou de bem gerir as suas populações, cria lugares de concentração populacional onde acantona tropas, desenvolve a administração,

implanta diversos serviços, e favorece ou toma em mãos instalações de meio de exploração ou de produção.

Por representar o meio urbano, o principal local das mais diversas interações sociais, qualquer transformação de natureza econômica poderá ser mais bem percebida neste espaço. As vilas operárias, surgidas na Europa, podem servir de exemplos desta dinâmica. São espaços que se diferenciam ou até mesmo formam subespaços dentro da própria cidade onde se inserem. No caso de estarem afastadas de zonas urbanas, muitas vezes apresentam-se completamente fora dos padrões regionais. Relacionando-se a estes tipos de paisagens surgidas na Europa, (GARNIER, 1993 p. 204), apresenta o seguinte comentário:

No Reino Unido ou na Alemanha, é regra que estas ruas, bairros e áreas das cidades sejam praticamente idênticos. Frequentemente, estes bairros foram todos construídos na mesma época, seguindo diretrizes homogêneas. Podem englobar-se neste caso os cordões de casas das áreas mineiras ou as que foram construídas para operários: Cidades metalúrgicas de Lorraine, fábricas Michelinem Clermont-Ferrand.

Este mesmo autor traz uma descrição não somente da disposição deste tipo de estrutura pelo espaço, mas também das condições desta frente às necessidades sociais básicas.

As zonas de residências modestas aglomeram-se, tanto em torno de bairros de serviços ou de pique nos estabelecimentos comerciais, ou junto de fábricas, frequentemente, formam uma espécie de cintura em torno do centro de negócios e bandas laterais, que circundam ou acompanham os núcleos secundários e os eixos de comunicação. Acontece também que se encontram confinadas aos espaços urbanos menos favorecidos pela natureza (planícies sem vistas e sem ar, em oposição às colinas ou à beira-mar, vertentes mal expostas) ou impelidas para os arredores menos agradáveis, seja por serem varridos por ventos carregados dos fumos da cidade, seja pelo fato de os meios de transporte, democráticos, como os comboios de arrabalde, permitirem alcançá-los com facilidade e torná-los, pois, populosos. (GARNIER, 1993 p. 205).

E completa seu raciocínio da seguinte maneira:

Estas zonas são frequentemente monótonas e, por vezes, até sinistras. Aí predominam os materiais baratos, principalmente o tijolo ou o betão; as fachadas são austeras; o espaço é apertado, tanto na largura das ruas, como nas divisões das casas, cujo número por alojamento, é reduzido, e os pátios são pequenos. (GARNIER, 1993 p. 205).

Tais como as vilas operárias originadas pela atividade industrial, outras atividades promovem a criação de espaços específicos -- as vilas ferroviárias, assentamentos humanos em regiões portuárias, vilas de lenhadores, vilas de pescadores, entre outros. São espaços que muitas vezes guardam grandes diferenças das suas regiões e concentram trabalhadores de

vários lugares, podendo coexistir diversas tendências sócio-culturais. Além do exposto, estes assentamentos geralmente são organizados por agentes externos à região onde o empreendimento se instala, sendo estruturados de acordo com as premissas dos administradores, podendo se verificar uma organização espacial de acordo com padrões culturais alheios.

Este tipo de contraste pode ser expresso através da imagem das vilas inglesas na Índia, na época do colonialismo. Tais vilas, ainda que tivessem casas adaptadas ao clima, apresentavam características bastante diferenciadas das existentes naquele país. As vilas dos ingleses eram organizadas e dispunham de equipamentos básicos indispensáveis, contando com características urbanas “agradáveis”, segundo o padrão inglês. Através desta imagem caricatural, busca-se destacar um dos aspectos críticos desses assentamentos, ou seja, o fato de sua concepção basear-se em valores e padrões culturais exógenos. (ESTALL; BUCHANAM, 1976)

Não somente a questão da estrutura dessas vilas, mas também o tipo de relações sociais que abrigam, faz desses espaços unidades diferenciadas do seu entorno, seja em uma cidade ou ainda em uma isolada região.

Para o caso da atividade de mineração, quando estabelecida e organizada, reúne e necessita de mão-de-obra de diversos graus de formação, desde os operários, sem especialização, para o serviço pesado, ao pessoal de nível universitário e o corpo gerencial. Todo este contingente, por sua vez, necessita ser atendido em itens básicos de habitação e infra-estrutura urbana, para que possa desenvolver suas atividades.

Dependendo de onde se situem as jazidas minerais, em regiões essencialmente urbanas ou em regiões despovoadas e sem nenhuma infra-estrutura, tais itens poderão ser buscados na própria sede urbana da região ou deverão ser assegurados pela empresa. Ao conjunto de instalações destinadas à manutenção dos trabalhadores ligados a extração mineral em um determinado empreendimento, e à sua população, associa-se o nome de Assentamento Humano junto às áreas de mineração. (FARAH, 1993 p. 01).

Nesta questão, pode-se fazer uso da seguinte idéia:

A primeira associação que se faz ao termo “Assentamento Humano Junto a áreas de Mineração” é o de uma “mini-cidade”, ou seja, um conjunto de habitações e de equipamentos comunitários, incluindo pequeno comércio, escola, hospital ou centro de saúde e clube, ligados exclusivamente a uma companhia mineradora. (FARAH, 1993 p. 3).

Ainda a este respeito, este mesmo autor completa:

A expressão “Assentamento Humano junto a áreas de Mineração” sugere uma especificidade acentuada, levando a crer que se trata de algo totalmente diferenciado de outros tipos de assentamentos humanos. Ainda que haja de fato, características peculiares a este tipo de assentamento, em outros aspectos, este se mostra similar à construção e operação de barragens e determinadas atividades industriais. Trata-se, nestes casos, de um modelo de assentamento chamado, na literatura técnica da língua inglesa, de *Company Town*, tem usado na designação de vilas de caráter autárquico, associadas as companhias das mais diversas áreas de atuação, em empreendimentos que necessitem de apoio direto de setores habitacionais. (FARAH, 1993 p. 3).

A organização espacial das Minas do Camaquã pode ser interpretada tendo por base o conceito de *Company Town*, em especial no momento da expansão das atividades de extração, conforme será retratada no decorrer deste trabalho.

2. A ÁREA DE ESTUDO E OS ANTECEDENTES DA EXPLORAÇÃO DO COBRE

2.1 Aspectos Físico-Naturais

Esta área está localizada no município de Caçapava do Sul, Rio Grande do Sul, delimitada pelas coordenadas 30° 47' de latitude Sul e 52° 24' de longitude oeste.

As Minas do Camaquã encontram-se a 69 km a SW da sede municipal do município de Caçapava do Sul, do qual faz parte, no Cerro dos Martins, 3° distrito desta cidade, limitada pelo rio Camaquã no sentido S-SE, fazendo divisa com os municípios de Bagé, Pinheiro Machado e Santana da Boa Vista.

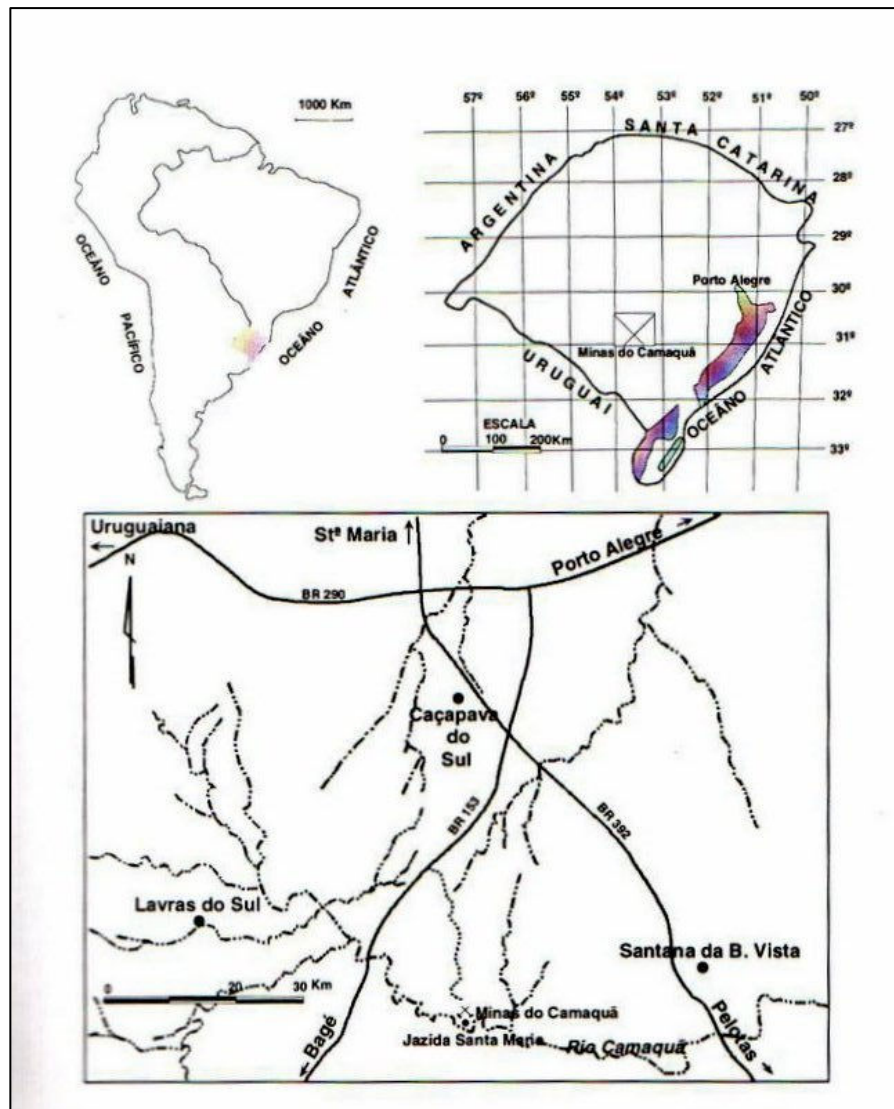


Figura 1: Mapa de Localização. Fonte: Ronchi, 1998.

Corresponde à área de ocorrência do Escudo Sul-Rio-Grandense (denominado por Carvalho em 1932) e que se consagrou chamar Serras de Sudeste. A complexidade da estrutura geológica, dada pelas rochas pré-cambrianas, caracteriza uma paisagem apresentando desde relevos intensamente dissecados bem como ocorrências de áreas fracamente dissecadas, em posição de topo.

A justaposição de camadas dobradas de resistências diferentes evidencia-se no relevo através de saliências, configurando marcas de enrugamento, cristais e barras de relevo dobrado. As áreas que correspondem aos relevos mais elevados, com altitude ao redor dos 400 m, onde se localizam, entre outras, as cidades de Canguçu, Caçapava do Sul, Encruzilhada do Sul, Piratini, Dom Feliciano e Erval, genericamente apresentam-se dissecadas em forma de colinas, ocorrendo áreas de topo plano ou incipientemente dissecadas, constituindo remanescentes de antiga superfície de aplanamento.

As formações superficiais são rasas, encontrando-se, também rocha exposta formando lajedo, ao lado de pavimentos dendríticos.

Os solos são geralmente litólicos, de pouca profundidade e freqüentemente com afloramentos de rocha.

De grande importância para o contexto geológico desta região, devesse citar a Bacia do Camaquã caracterizada pela alternância entre episódios de subsidência e sedimentação e de soerguimento e erosão. Deve-se destacar na estratigrafia desta bacia, a Formação Guaritas. Este grupo, com cerca de 800 m de espessura e disposto horizontalmente por sobre as demais sucessões, representa o último grande episódio deposicional da bacia do Camaquã. Regionalmente, os dados de paleocorrentes provenientes das fácies aluviais indicam uma associação lateral de dois distintos sistemas aluviais:

1. Sistema fluvial entrelaçado, no lado oeste da sub-bacia Guaritas;
2. Sistema de leques aluviais, representado por pelo menos dois lobos, no lado leste da mesma sub-bacia. Na região analisada, os dados de paleocorrentes disponíveis são compatíveis com fluxos provenientes de ESSE, ou seja, do sistema de leques aluviais que dominava o cenário geológico do bordo leste da sub-bacia Guaritas durante a deposição dessa unidade aloestratigráfica (RONCHI 1998).

Sua geomorfologia é marcada pela presença de antigos canais de deposição como se pode notar através da quantidade de seixos existentes, além da formação de vales encaixados provenientes de formações rochosas sedimentares, grandes conglomerados areníticos os quais compõe a Formação Guaritas.

Quanto ao clima desta região, corresponde na classificação de Köppen, ao mesotérmico tipo subtropical, da classe Cfa, com chuvas regularmente distribuídas durante o ano (SEMA,2008).

A hidrografia desta região compõe a bacia do Rio Camaquã, que possui uma área de 25.996,11 km² e ocupa parte das regiões fisiográficas da Serra do Sudeste, Encosta do Sudeste e Campanha. Limita-se ao norte com a Depressão Central na bacia do Jacuí; ao sul com a bacia do Mirim-São Gonçalo; a leste com a bacia do Litoral Médio; e a oeste com as nascentes do Rio Santa Maria. Os principais cursos d'água componentes desta bacia são: Rio Camaquã e os Arroios Sutil, da Sapata, Evaristo, dos Ladrões, Maria Santa, do Abrânio, Pantanoso, Boici e Torrinhas (VIEIRA, 1984, *apud*; SEMA, 2008).

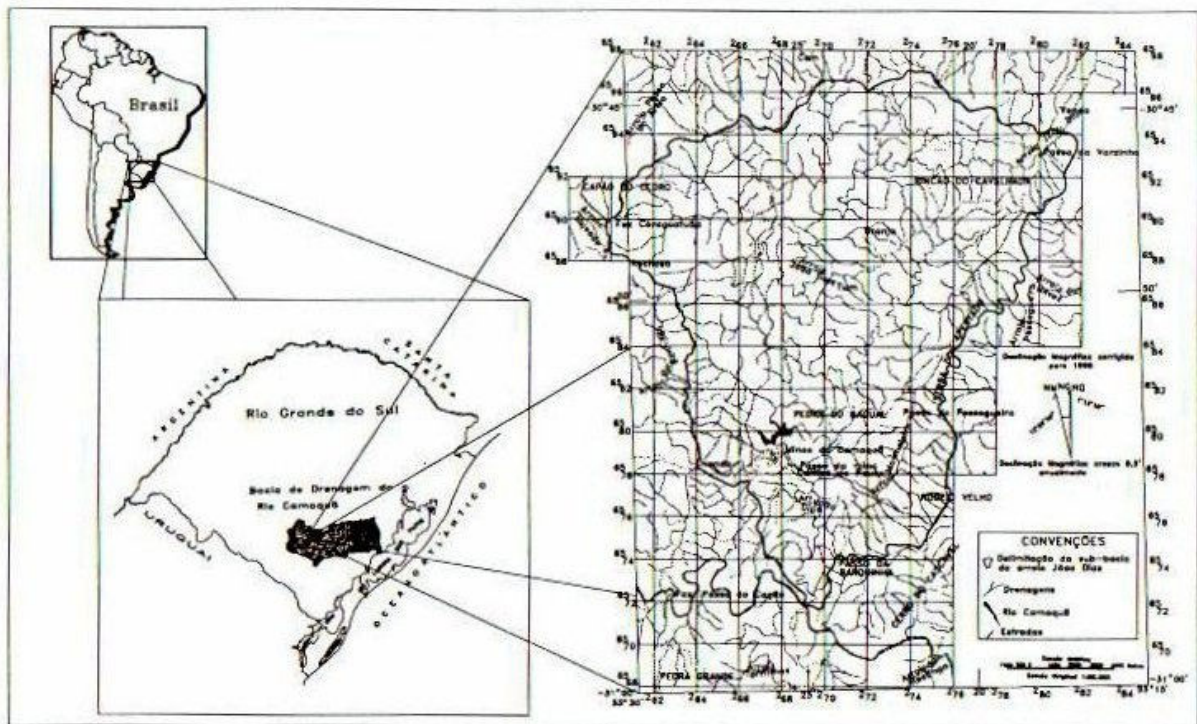


Figura 2: Localização da Bacia Hidrográfica do Camaquã. **Fonte:** Ronchi, 1998. Org: SILVA, R.M. 2008.

A respeito da vegetação, segundo as informações da SEMA (2008), pode-se dizer que é formada predominantemente pela mata arbustiva associada ao campo. Rambo (1956) e Lindiman; Ferri (1974), citados na mesma fonte, referem-se que as condições climáticas e edáficas da maior parte do Estado são próprias para o desenvolvimento de florestas, considerando os campos como relictos de um clima anterior mais frio e seco. Rambo (1956, *apud* SEMA 2008) descreve onze formações para a Serra do Sudeste, entre elas os

Matos de Parque, formados por exemplares da aroeira comum (*Lithraea brasiliensis*), da aroeira salsa (*Schinus molle*), da capororoca (*Rapanea umbellata*), colocados à distância um do outro, sem se tocarem, tendo as copas perfeitamente arredondadas; esta formação vista de avião, oferece o aspecto de grãos de pimenta semeados pelo campo.

Ainda de acordo com a SEMA (2008), o projeto RADAMBRASIL ampliou o conceito de savana, englobando nele a maioria dos campos do sul do Brasil – em que inclui a vegetação da Serra do Sudeste – baseado no repouso fisiológico vegetativo hibernar característico daqueles campos. Porto (1981, 1986 *apud* SEMA, 2008) denomina a vegetação ocorrente sobre as áreas de mineração na Serra do Sudeste de Vegetação Metalófila, devido às adaptações apresentadas pelas plantas em face da presença de metais pesados e raros no substrato. A fisionomia desta vegetação na área de estudos lembra um mosaico composto por vegetação arbustiva-arbórea e campo, onde se verifica o contínuo avanço da vegetação lenhosa sobre as áreas de campo, avanço este limitado especialmente pelo corte e pelas queimadas em especial a aroeira (*Schinus lentiscifolius*). Chama a atenção, a influência da geologia na vegetação local.

A área em estudos apresenta potencial de exploração de minerais como o cobre, o chumbo, o cádmio, o ouro a prata e elementos raros, como o molibdênio, os quais, entre outros fatores, influenciam na seleção e no desenvolvimento de espécies tolerantes a estes metais, configurando a formação vegetal do tipo savana. Estudos mostram que plantas que se desenvolvem em solos ricos em metais pesados, são conhecidas desde a muito tempo nos continentes Europeu e Asiático.

Na metade do corrente século iniciaram-se estudos sistemáticos, denominando-se estas plantas de *bodenzanzeiger* - indicadoras das condições de solo (Listow, 1929; Viktorov, 1974, *apud* SEMA, 2008). Porto (1981, 1986) ao investigar áreas de mineração no Rio Grande do Sul, constatou pela primeira vez, a ocorrência de vegetação do tipo metalófila. As plantas examinadas, bem como, os mecanismos de resistência e tolerância aos metais pesados, e as quantidades excessivas acumuladas, levaram a supor que as plantas em questão formam ecótipos nestas áreas, os quais servem de bioindicadores da qualidade do solo, mais especificamente da presença metais.

Segundo a SEMA (2008), modificações morfológicas em plantas que se desenvolvem sobre solos ricos em metais pesados, especialmente o Cu, foram observadas por diversos autores em regiões de mineração na África, ex-União Soviética, Nova Zelândia e Austrália (Brooks, 1972, 1983; Bell *et alii*, 1991; Kowalskij, 1977), e no Brasil (Porto, 1981,1986). Plantas de solos metalíferos podem apresentar modificações ao nível dos tecidos de vasos

lenhosos e em outras estruturas celulares, demonstrando qual, ou quais metais, provocam estas modificações e, se estas são produtos dos metais pesados ou dos metais raros radioativos, os quais, naturalmente estão associados aos demais.

No que compete ao uso e ocupação do solo, as atividades agrícolas restringem-se a pequenas lavouras de subsistência e a principal atividade econômica está representada pela pecuária extensiva realizada na sua maioria por pequenos proprietários.

2.2 As Ocorrências Minerais nas Minas do Camaquã

As Minas do Camaquã compreendem dois corpos de minério denominados de mina Uruguai (minas a céu aberto e subterrânea) e mina São Luiz (subterrânea). O minério das Minas do Camaquã ocorre sob duas formas, em filões e disseminações. Os filões preenchem falhas, apresentando os sulfetos sob forma maciça ou em massas irregulares no interior de ganga de quartzo, hematita, clorita, calcita e barita. O minério disseminado ocorre nos conglomerados e arenitos. Próximo à superfície há uma zona de oxidação, onde o minério contém pequenas quantidades de ouro e prata (RONCHI 1998).

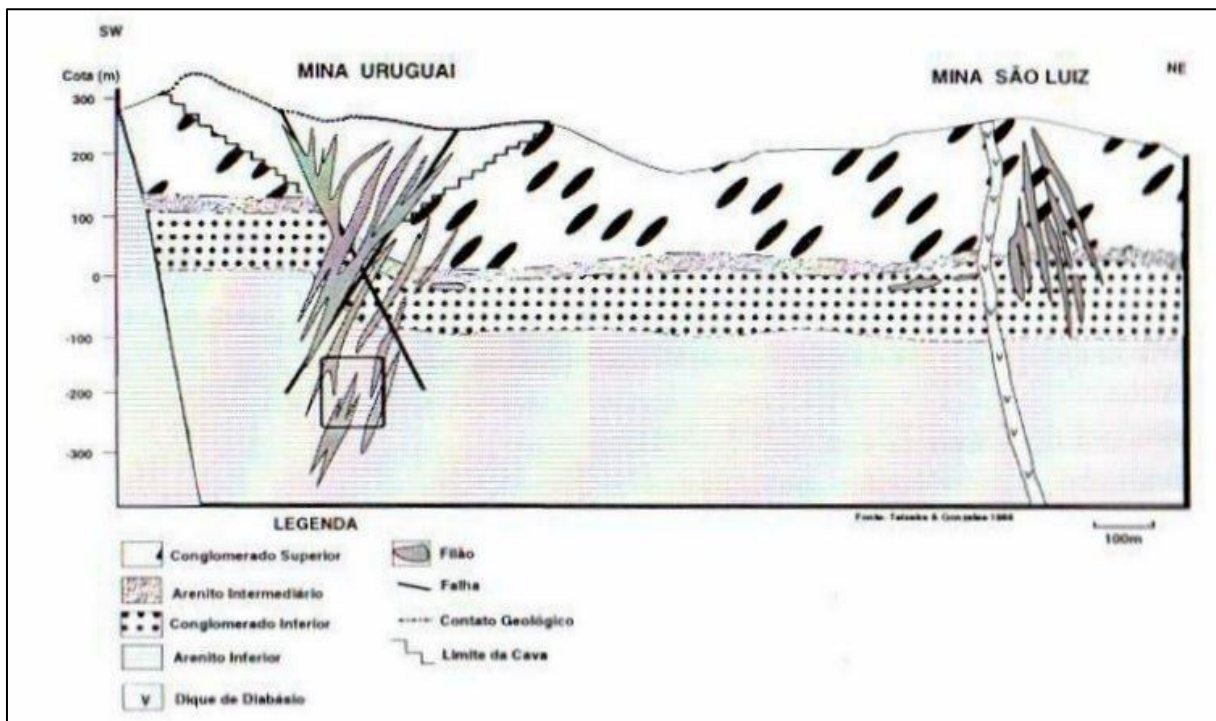


Figura 3: Localização dos Filões de Cobre nas Minas do Camaquã. **Fonte:** Ronchi, 1998.

As mineralizações das Minas do Camaquã apresentam uma paragênese simples, constituída principalmente por sulfetos de cobre: Calcopirita, bornita e calcosita, além de pirita. Alguns sulfetos, como wittchenita, idaíta, molibdenita e carrolita têm sido detectados em quantidades pouco significativas. Há ainda muitos outros minerais descritos nas minas, principalmente na zona superior da mina Uruguai, a céu aberto ou em galerias abandonadas, e provenientes de alteração supergênica, tais com: covelita, digenita, antlerita, crisocola, cuprita, malaquita, azurita, tenorita e cobre nativo. (LEINZ; ALMEIDA, 1941; BETTENCOURT, 1972, GONZALES; TEIXEIRA, 1980, TEIXEIRA; GONZALES, 1988 *apud* RONCHI, 1998, p.137).

A paragênese presente tanto nos filões quanto nos sedimentos, é a mesma, com exceção do ouro, cuja presença nos sulfetos disseminados não é referida. Enquanto nos filões predomina a calcopirita, nas disseminações não é referida. Enquanto nos filões predomina a calcopirita, nas disseminações há um predomínio de calcosita. O ouro e a prata aparecem principalmente associados à calcopirita, bornita e pirita, além da hematita. A presença de ouro livre foi primeiramente descrita em 1977 pela Rio Doce Geologia e Mineração (RONCHI, 1998, p. 137).

As idades das mineralizações são controvertidas. Datações absolutas pelo método K-Ar, em amostras de argila dos setores São Luiz e Uruguai, realizadas por Benhome e Ribeiro (1983 *apud* RONCHI, 1998), forneceram idades de 474 Ma para a formação dos filões. Biondi (1982 *apud* Ronchi, 1998) usando o mesmo recurso de datação, encontrou 515 Ma para cloritas, e, halos ao redor dos filões 538 Ma em sericitas, nos halos externos dos filões; e 350 Ma em argilas também nos filões. Remus *et al* (1997, *apud* RONCHI, 1998), a partir de isótopos de Pb em calcopirita, pirita e bornita, obtiveram um arranjo subparalelo à isócrona de referência de 592 Ma obtida para o granito Lavras e para as rochas vulcânicas do membro hilário.

2.3 Beneficiamento e Destino do Cobre nas Minas do Camaquã

No período de expansão da CBC, o minério lavrado, após passar pelas britagens primárias das minas subterrâneas e a céu aberto, era estocado na pilha de grossos, de onde era retomado por alimentadores vibratórios e transportadores de correia até a rebritagem. O material obtido, com a capacidade de 20 mm era depositado em pilha de finos, coberta, com a capacidade de 9000t e retomado até a moagem que produzia em média 265 t/hora, durante 24 h/ dia podendo atingir 1500000 tonelada/ano de minério. Era constituída por um moinho de

barras em série com um moinho de bolas. O produto obtido aqui se constituía na alimentação do processo de flotação que consiste na adição de óleo de pinho e injeção de ar que formam bolhas dentro da polpa de minério. Através de outros produtos, alterava-se a tensão superficial nas partículas que continham cobre repelindo a água e provocando a aderência dessas partículas à superfície das bolhas. Este é o princípio da concentração do minério chamado “Flotação”. O concentrado obtido passava ao espessador e aos filtros de pressão, onde tinham sua umidade reduzida a 8%. O teor médio de cobre é de 30%, com uma recuperação média de 95% a 96% do cobre contido na alimentação.

O produto final passava então a expedição e a partir daí era transportado por caminhões até o Porto de Rio Grande, onde era embarcado para a metalúrgica da Caraíba metais em Camaçari, na Bahia. Eram tratadas anualmente 1500000 toneladas de minério, produzindo 30000 toneladas de concentrado, que continha 9000 toneladas de cobre. O ouro e a prata contidos no concentrado eram separados no processo metalúrgico (CBC, 1992).

2.4 As Bases para a Implantação da Mineração

Para a localização de um determinado empreendimento, algumas premissas devem ser observadas:

Além do potencial das jazidas, outros aspectos relacionados à localização das Minas de Camaquã contribuíram para a implantação da mineração. Conforme Valverde (1989:16), “o local para implantação de uma cidade, uma usina, um estabelecimento siderúrgico ou uma mina, no caso, denomina-se como sítio. Na escolha do sítio, devem ser considerados elementos como o relevo, o clima e a hidrografia.”.

Outro fator corresponde trata da disponibilidade de vias de acesso, bem como uma localização nas proximidades de portos, estações ferroviárias e grandes centros. No caso das Minas do Camaquã, a distância de Porto Alegre é de aproximadamente 310 Km, da sede do município de Caçapava do Sul e de 70 Km, de Bagé 130 Km e do Porto de Rio Grande, o principal do Rio Grande do Sul, 310 Km.

Valverde (1989), citando o geógrafo alemão E. Otembra, apresenta cinco importantes fatores responsáveis pela localização de um determinado estabelecimento industrial. São eles:

- Ocorrências ponderáveis de matérias-primas minerais;
- Iniciativa empresarial (relacionada à disponibilidade regional de mão-de-obra qualificada;

- Diversidade histórico-cultural dos graus de orientações do desenvolvimento (civilizações orientais, por exemplo);
- Multiplicidade dos fundamentos políticos e sociais;
- Leis próprias que eventualmente possam reger a distribuição.

No caso das Minas do Camaquã, existem pontos cruciais que devem ser analisados dentro desta proposta de Otembra. A começar pela questão da ligação do Brasil com interesses do capital internacional. As bases do desenvolvimento brasileiro moldaram-se ao longo da história a partir do modelo capitalista exportador. A economia brasileira formou-se com o sistema de *plantations*, através dos Ciclos Econômicos voltados para o comércio externo. Esta condição de país fornecedor de matéria prima dentro da Divisão Internacional do Trabalho, também pode ser entendida, a partir dos recursos minerais.

Com relação à legislação, que possui grande participação nesta lógica, há tendência de substanciar as ações cuja natureza favorece e legitima as iniciativas voltadas aos grupos hegemônicos em ações desenvolvimentistas, visando à reprodução do capital. Nas leis que regem a distribuição, no dizer de Otembra, os investimentos como a construção de ferrovias, rodovias, o aparelhamento de portos e aeroportos, o aperfeiçoamento dos sistemas de engenharia, despenderam onerosos gastos socializados, com o retorno destes investimentos geralmente apropriado por poucos empresários.

No que diz respeito às indústrias minerais, há uma tendência em localizar as mesmas nas áreas de produção de matérias-primas. Assim, a extração de minerais metálicos situa-se nas áreas em que ocorrem as jazidas que possuam minério de alto ou médio teor, em quantidade suficiente capaz de compensar a instalação da exploração e tenham ou possam ter facilidade de acesso ao mercado consumidor.

Há minérios como o ferro cujos teores minerais atingem até 70%, que pode ser transportado sem beneficiamento a grandes distâncias, o minério de ferro de Minas Gerais é exportado para o Japão, para a Europa e para os Estados Unidos, enquanto outros, como o cobre, sempre encontrado em teor mais baixo, de 1,5 a 6%, tem que sofrer primeiro beneficiamento na área da produção. (ANDRADE, 1979 p. 224).

Entre as variáveis tecnológicas que possuem grande importância para a atividade de mineração encontra-se o beneficiamento da matéria bruta. Pode-se citar a introdução de técnicas de tratamento preliminar de matérias brutas primárias (por exemplo, o beneficiamento dos minérios de ferro e de cobre), reduzindo o volume de desperdício e

umentando a sua transportabilidade. Por tais motivos, muitas indústrias se distanciam das áreas mineradoras. No caso das Minas do Camaquã, apesar desta possuir uma boa localização geográfica, no que tange a disposição e vias de acesso, necessitava-se ainda de um processo de beneficiamento, uma vez que o minério de cobre apresenta-se naturalmente com pouco teor metálico.

O minério de cobre é muito baixo em teor de metal (cerca de 0,5 a 7% de cobre) e não pode prontamente suportar os custos de transporte. Embora a concentração do minério na jazida reduza o elemento residual, a fundição é realizada com o máximo de economia nas proximidades do suprimento de minérios, num local onde os suprimentos de energia se achem também disponíveis (ESTALL, 1976 p. 27).

Pode-se acrescentar ainda nesta direção a seguinte contribuição:

O valor da matéria-prima por tonelada também será significativo, porquanto um material de alto valor (por exemplo a lã) pode mais prontamente arcar com os custos de transporte do que um material de baixo valor por unidade de peso (por exemplo o cobre) (ESTALL, 1976 p. 25).

A escala das jazidas de cobre a serem exploradas colocou Minas do Camaquã em destaque para os interesses da questão energética brasileira, fato que tornaria ainda mais necessária a pesquisa não somente para a mineração, mas principalmente para os investimentos tecnológicos que passaram a fazer parte da região. Junto a eles uma nova configuração espacial, com as características apontadas por Andrade, (1979 p. 224)

A própria atividade extrativa e os montes de depósitos de minérios a espera de transporte provocam uma concentração de operários e técnicos na área de produção criando uma paisagem e um ambiente industrial em áreas muitas vezes localizadas em pontos os mais inóspitos e distantes, como certos pontos do Ártico Soviético e do Canadá, região dos Grandes Lagos, ou Saara, Mauritânia. (ANDRADE, 1979 p. 224).

E apontando para uma escala e um prognóstico já alertado por Farah, (1993:5), ou seja:

Outra especificidade da mineração é a presença de limitadores mais ou menos definidos na duração da atividade, quais sejam, as reservas da jazida. A definição desta duração sofre também influência de aspectos externos às jazidas, tais como o comportamento do mercado nacional e internacional em relação ao minério, a descoberta de novas jazidas mais rentáveis, ou até mesmo inovações tecnológicas na indústria, que venham a colocar o mineral em desuso. O caráter efêmero da mineração é um fator preocupante, se for considerado o potencial que esta tem de detonar processos de urbanização, sem a contrapartida de uma diversificação de atividades econômicas. Toda a infra-estrutura implantada pode tornar-se ociosa, o

que não é recomendável, especialmente em um país com carência de recursos financeiros como o Brasil.

2.5 Minas do Camaquã: O Início da Mineração

O Cobre foi o primeiro metal usado pelo homem. Cerca de oito mil anos antes de Cristo, na Turquia, ficaram registros de seu emprego. Surgiu do fogo feito nas cavernas, sendo usado para a fabricação de utensílios que ajudaram a humanidade a abrir seu caminho. Foi quando terminou a Idade da Pedra, iniciando-se a Idade dos Metais. Arados e lanças, machados e armaduras, mais tarde estátuas e canhões, todos os novos instrumentos passaram a usar os metais. Unido ao estanho, o cobre produziu o bronze, formando com a prata e o ouro uma trindade destinada a participar de todos nossos atos, para o bem e para o mal. (CHEUICHE, *et al* 2006 p. 8).

A história brasileira tem como característica uma conformação espacial marcada pela Divisão Internacional do Trabalho. País de dimensões continentais, a condição tropical do Brasil, relegou-lhe um passado tortuoso, podendo incluir aí seus irmãos, cujos territórios também fazem parte desta faixa, América Central, Latina e África.

Primeiramente, os “conquistadores” deslumbraram-se com nossa fauna e flora exuberante. Passaram-se os anos novos rumos foram tomados. A geologia que proporcionou a estas terras grandes riquezas minerais, solos e águas de boa qualidade, passaria a ser a galinha dos ovos de ouro. Ouro, prata e cobre que a custo do sofrimento de milhões de pessoas, os “selvagens que precisavam de um processo civilizatório”, fizeram dos seus braços os alicerces que ergueriam as poderosas nações ditas “desenvolvidas”. conforme Galeano (2007 p. 14):

Nossa derrota esteve sempre implícita na vitória alheia, nossa riqueza gerou sempre a nossa pobreza para alimentar a prosperidade dos outros: Os impérios e seus agentes nativos. Na alquimia colonial e neocolonial, o ouro se transformou em sucata e os alimentos se converteram em veneno. Potosí, Zacatecas e Ouro Preto, caíram de ponta do cimo dos esplendores dos metais preciosos no fundo buraco dos filões vazios, e a ruína foi o destino do pampa chileno do salitre e da selva amazônica da borracha; o nordeste açucareiro do Brasil, as matas de Quebrachos ou alguns povoados petrolíferos de Maracaibo têm dolorosas razões para crer na mortalidade das fortunas que a natureza outorga e o imperialismo usurpa.

O cobre das Minas do Camaquã em Caçapava do Sul pode ser incluído em mais um capítulo desta história há muito tempo conhecida.

Em 1865, João Dias tendo encontrado as tais “pedras verdes” em sua propriedade, teria levado algumas para o Imperador, o qual se fazia presente em Caçapava. Este tratou logo

de enviar estas amostras aos ingleses, os quais lavravam ouro na vizinha Lavras do Sul. Segundo Arruda e Piletti (1998 p. 241):

A indiscutível supremacia inglesa na Europa do século XIX atingiu seu apogeu entre 1850 e 1875. O país havia iniciado sua Revolução frente dos demais Estados europeus. A Inglaterra enviava homens, capitais, carvão, tecidos e máquinas para o mundo inteiro.

Neste momento o Brasil usava do capital inglês para a construção de ferrovias e indústrias, para o aparelhamento dos portos, entre outros. Pode-se citar a este respeito Arruda e Piletti (1998 p. 262), com a seguinte afirmação:

O capital internacional, especialmente o inglês, tinha duplo interesse em empréstimos, garantiam o fornecimento de produtos primários a baixo custo; segundo, que as ferrovias e outras melhorias para facilitar o escoamento dos produtos eram feitas à custa dos próprios brasileiros.

Neste contexto, a *The Rio Grand God Mining* empresa inglesa, firmaria um “acordo” de mineração até o ano de 1887, quando encerrou sua atividade, deixando apenas seu rastro de destruição - a Galeria dos Ingleses, no flanco leste do cerro João Dias. Nos anos que se seguiram, as Minas do Camaquã foram exploradas por nações européias, em meio a uma crescente revolução industrial e a posição omissa do Brasil, assim como todos os países colônias na Divisão Internacional do Trabalho. De acordo com os mesmos autores acima citados:

De 1760 a 1830, a Revolução Industrial, ficou limitada à Inglaterra, a “oficina do mundo”. Para manter a exclusividade, era proibido exportar máquinas e técnicas. Mas a produção de equipamentos industriais superaria logo as possibilidades e consumo interno e não seria possível conter os interesses dos fabricantes. Além disso, as nações passaram a identificar o poderio de um país com seu desenvolvimento industrial. E o processo se difundiu pela Europa, Ásia e América (ARRUDA e PILETTE, 1998 p. 233):.

Os alemães em 1887, e os belgas em 1899, deixaram suas marcas na região. Em ambas as explorações, pode-se observar investimentos tecnológicos. Os alemães teriam construído, durante a sua estada, um forno junto a Pedra do Engenho, aumentando a sua produtividade. Já com os belgas, os investimentos foram mais altos, “tempos de muito progresso”, construíram uma barragem para obtenção de energia elétrica. Ainda citando Arruda e Piletti (1998 p. 235), pode-se afirmar que:

As mudanças na estrutura da produção industrial foram aceleradas a partir de 1870, que se pode falar em Segunda Revolução Industrial. É a época em que se usam novas formas de energia: Eletricidade, petróleo; de grandes investimentos: Motor a explosão, telégrafo, corantes sintéticos; e de intensa concentração industrial. A grande diferença em relação a primeira Revolução Industrial, era o estreito relacionamento entre ciência e técnica, entre laboratório e fábrica. A aplicação da ciência se impunha pela necessidade de reduzir custos, com vistas à produção em massa.

Os itens básicos requeridos por uma comunidade ligada à mineração variam de acordo com as características e a fase do empreendimento, assim como em função de sua localização regional, englobando desde simples alojamentos, com estruturas urbanas mais complexas.

O histórico das Minas do Camaquã demonstra que, inicialmente, os períodos de lavras eram relativamente curtos. Entre 1870 e 1887, teve-se o período de lavra dos ingleses. De 1888 a 1899, coube aos alemães a extração cuprífera. E de 1899 a 1910, os belgas teriam se estabelecido nas Minas do Camaquã. O minério de cobre era transportado até a estação ferroviária de Hulha Negra por “carros de boi” numa distância 90 Km. Após, seguia de trem para o Porto de Rio Grande e de navio para a Europa. Conforme se pôde notar, os primeiros tempos de extração de cobre, foram períodos que não ultrapassaram 20 anos de atividade. A respeito dos assentamentos humanos deste período, não se obteve registro. Porém, a partir de diálogos com pessoas que fizeram parte de períodos posteriores de atividades nas Minas do Camaquã, foram coletadas algumas informações indicativas das estruturas espaciais criadas nestes períodos.

Acredita-se, que nos primeiros tempos de atividades nas Minas do Camaquã, os assentamentos humanos eram bastante rústicos. A extração de cobre era realizada de acordo com o que se descobria pela perfuração das camadas, uma vez que ainda não se dispunha de tecnologias que pudessem estudar o subsolo da região a fim de se mensurar a quantidade de minérios. Desta maneira, infere-se que, baseando-se no fato de não se saber o potencial mineral da mina, as moradias deveriam ser provisórias.

Segundo as entrevistas qualificadas em abril de 2008, as moradias eram arquitetadas com “leivas”, blocos de barro, com cobertura vegetal na parte superior, que ao serem empilhados uns sobre os outros, serviam de paredes na construção desses abrigos. Provavelmente, os moradores destas estruturas provisórias eram somente os operários, sem seus familiares, pelo fato descrito anteriormente, onde se desconhecia o tempo previsto para o empreendimento. Já os administradores, deveriam possuir moradias melhor arquitetadas, com paredes de madeira e mais espaçosas.

No período compreendido entre 1910 e 1932, não se possui informações a respeito de extração mineral na região, mas constata-se que podem ter existido alguns curtos períodos de lavra. Acredita-se que os assentamentos humanos, se existiram, deveriam possuir as mesmas condições descritas anteriormente.

A partir de 1932, o Departamento Nacional de Produção Mineral (DNPM) passa a realizar prospecções geológicas na região. Os resultados obtidos nas pesquisas revelaram todo um potencial a ser explorado. A reserva das Minas do Camaquã foi avaliada em 260.000 toneladas com um teor de 3,7% de cobre. Entre 1939 e 1942, a Cia Indústria Eletroquímicas S/A, explorou as Minas do Camaquã.

Com os resultados apresentados, a região passou a despertar maior atenção sobre a questão mineral. Além do exposto, o período marcado pela Segunda Guerra Mundial, acentuaria ainda mais a importância da questão mineral para a geopolítica mundial. Desta forma, ganha força a pesquisa e extração mineral no Brasil, onde as Minas do Camaquã, apresentaram-se como referência no que conferia a extração de cobre. Deste momento em diante, o espaço das Minas do Camaquã recebeu novas estruturas, de acordo com as transformações político-econômicas a nível mundial e suas repercussões no Brasil.



Figura 4: Residências da década de 1930. Minas do Camaquã. **Fonte:** Acervo. DORNELES ,N. T. 2008.

Na imagem a cima à esquerda, da Figura 4, pode-se observar a presenças de algumas residências edificadas com uma arquitetura melhor elaborada. Pelo aspecto destas edificações,

percebe-se um perfil de permanência no local, fato explicado pelo estágio da extração de cobre no qual se inserem estas casas. De acordo com o relato de alguns ex-moradores, esta imagem retrata algum momento compreendido entre os anos 1930 e 1940, não se conhecendo portanto a exatidão cronológica desta imagem. Pode-se inferir que, provavelmente, estas residências pertenciam a pessoas ligadas a administração ou a pesquisa como Geólogos ou Engenheiros do empreendimento na época. Isto se deve à questão da raridade deste tipo de registro para esta época, fato ainda mais acentuado pelo isolamento desta área de mineração e a conseqüente dificuldade de acesso a este tipo de tecnologia. Na análise das casas da parte superior da Figura 4, observa-se certa semelhança na arquitetura, destacando-se a mesma orientação geográfica e a mesma disposição das aberturas. A presente disposição arquitetônica destas edificações mostra um indício característico de empreendimentos industriais, onde se pode observar um tipo de estrutura funcional e planejada de acordo com a necessidade de itens básicos requeridos por uma comunidade ligada à atividade de mineração. Trata-se de um padrão arquitetônico tipicamente observado em áreas industriais.

Toda esta transformação espacial observada nas minas e ainda presentes na atualidade sob a forma de ruínas, conforme mostra as Figuras 5, 6, 7 e 8, evidencia a repercussão das novas tendências econômicas mundiais. Em um cenário marcado por disputas territoriais e ideológicas nos anos 1930, a questão mineral energética possuía grande importância. A ciência e a tecnologia, ferramentas importantes para este tipo de aspirações, revelaram um grande potencial para esta região com expectativas para extração cuprífera em grande escala, servindo esta fase de início para uma nova etapa na formação espacial, das Minas do Camaquã.



Figura 5: Antigo Trajeto das vagonetas, século XIX. M. do Camaquã. **Fonte:** Trabalho de Campo jul. de 2008. Org: SILVA, R.M. 2008.

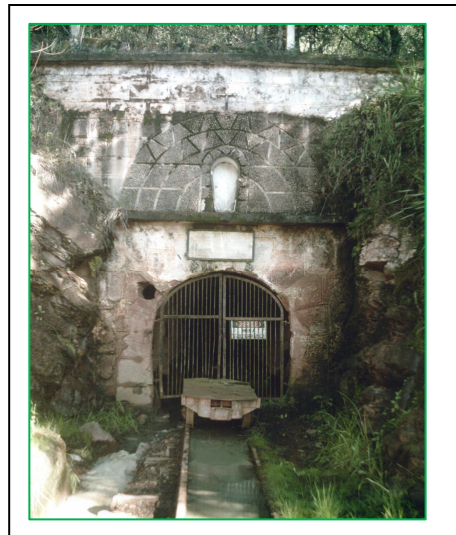


Figura6: Mina dos Ingleses, século XIX. M. do Camaquã. **Fonte:** Trabalho de Campo, jul. de 2008. Org: SILVA, R.M.2008.



Figura7: Engenho Construído pelos Belgas Século XIX, Minas do Camaquã. **Fonte:** Trabalho de Campo, jul. de 2008. Org.: SILVA, R. M., 2008.



Figura8: Pilares da linha Decauville, para o transporte de vagonetas, século XIX. **Fonte:** Trabalho de Campo jul. de 2008. Org: SILVA, R.

3. A CONSTITUIÇÃO DA CBC E A ORGANIZAÇÃO ESPACIAL EM MINAS DO CAMAQUÃ

No final do século XIX a América do Sul era considerada estratégica para a então poderosa Inglaterra e outras nações européias. Ingleses, alemães e belgas alternaram-se em meio aos filões de cobre da Serra do Sudeste, conforme fora colocado em páginas anteriores. Os únicos vestígios desta época são as crateras deixadas nas formações sedimentares da região. No que tange às estruturas de moradia nada sobrou deste tempo. Desconhecendo-se o potencial mineral da região, devida às limitações tecnológicas dos primeiros tempos, os contratos de lavra eram curtos. Justifica-se desta forma a falta de infra-estrutura observada nesta região em referida época. As casas de leivas e santa fé, certamente sucumbiram ao tempo.

Encerrada desde o ano de 1910, a atividade de exploração cuprífera, tomaria um novo rumo a partir de 1942, ano da fundação da Companhia Brasileira do Cobre – CBC, em um período que o mundo estava mergulhado em meio a uma atmosfera turbulenta. Alemanha Itália e Japão formavam os países do Eixo, promovendo uma das mais tristes histórias da humanidade, a II Guerra Mundial. A CBC viria para substanciar a política nacionalista de Vargas, além da necessidade de se substituir as importações. Sanches (1998 p.107), apresenta a seguinte interpretação:

Durante os 15 anos que marcaram a política nacionalista de Getúlio Vargas, desde a sua subida ao poder em 1930 a1945, quando foi deposto, o país viveu um período em que o aparelho político do Estado ampliou suas bases para estimular a industrialização, criando vários órgãos públicos, entre eles os seguintes: Ministério da Educação (1933), Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, IBGE, (1938), entre outros. Esses fatos parecem ser suficientes para demonstrar que o crescimento do processo de substituição de importados estava, na época, sob uma forte presença do Estado e que a obtenção e produtos primários, de grande importância para as exportações, também resultou em grande parte pelo menos de sua intervenção.

A partir de outubro de 1942, as Minas do Camaquã começariam a ser exploradas pela CBC. Nos anos que se seguiram, o Brasil começaria a ingressar em outro estágio econômico.

Conforme o desejo do Presidente, no dia 2 de setembro de 1942 foi constituída a Companhia Brasileira do cobre com sede social em Porto Alegre. Como previsto, o contrato foi assinado pelos dois interventores, cada um em sua capital. No dia 22 de outubro, Getúlio autorizou a exploração das Minas do Camaquã, em Caçapava do Sul, pela companhia recém formada. A Companhia Brasileira do Cobre adquiriu a

propriedade do solo sobre uma área de 348 hectares. Nela incluía o cerro João Dias, parte do arroio de mesmo nome, e demais instalações mineiras que haviam sobrevivido ao tempo. (MACEDO et al, 2006: 71).

A fase CBC, viria a apresentar uma nova estruturação às Minas do Camaquã. Restavam nesta área cerca de 1000 m de galerias subterrâneas e dois mil e quinhentos metros de linhas Decauville, para o transporte do minério bruto em vagonetas até o futuro engenho de flotação.

Deste momento em diante a mineração de cobre nas Minas do Camaquã, começaria uma constante evolução, diferente do que se tinha observado nos períodos antecedentes. Com a CBC, surgiria uma estrutura mais sólida, frente à combinação de fatores como: a injeção de capital, incentivos políticos e, conseqüentemente o emprego de tecnologias mais sofisticadas.

Todas estas transformações observadas trouxeram novas necessidades para a localidade. A vinda de pessoas para trabalhar na mineração demandaria toda uma reestruturação espacial. Trabalhar, habitar, divertir, necessidades cujo suprimento dinamizou Minas do Camaquã neste novo momento.

O Pós Guerra traria novas perspectivas para a população mundial. Enquanto a Europa encontrava-se em ruínas, o novo mundo começava a experimentar uma lenta caminhada industrial. No Brasil, a abertura ao capital externo, fomentou grandes investimentos na sua indústria de base. De acordo com Oliveira *apud* Sanches (1998:292):

O Pós-Segunda Guerra Mundial, está marcado por duas características principais: De um lado, a expansão geográfica e a crise do Socialismo e do outro, períodos de crescimento da economia capitalista em geral, particularmente os Estados Unidos. Quem se beneficiou particularmente dessa conjuntura e grande quantidade de excedentes financeiros, que, abriu perspectivas e oportunidades imensas de negócios foram em primeiro lugar, os trustes e monopólios norte-americanos, ou seja, as multinacionais. Em segundo lugar, e como conseqüência, beneficiaram-se também as demais potências capitalistas que surgiram na fase monopolista do capitalismo e que são fruto da tendência do sistema capitalista para a concentração do capital. O Brasil não ficou a margem da ofensiva do capitalismo internacional mobilizado pelos grupos financeiros em busca de aplicações para o excesso de liquidez proporcionado pelos eurodólares e por outras fontes de capitais disponíveis na época. Os segundos, em busca de oportunidades de novos negócios, relativamente abundantes e imediatos, muito bons num país ainda semi-*virgem* em relação ao progresso capitalista recente, sobretudo, onde quase tudo estava por fazer.

A partir da década de 1950, a industrialização expandiu-se graças aos investimentos das multinacionais, além do capital nacional estatal e privado. Com a internacionalização da economia, o capital produtivo foi atraído pela existência de mão-de-obra barata, da riqueza de matérias primas e recursos minerais e de um mercado consumidor em expansão. Nesse

momento, coube ao Estado, com a participação do capital externo, o investimento em infra-estruturas de energia, transportes e comunicações, a implantação de indústrias pesadas (siderúrgicas, metalúrgicas), a modernização da agricultura, o combate à inflação e ao desemprego e a formulação de políticas de desenvolvimento regional.

Nas Minas do Camaquã, pode-se observar a partir da segunda metade do século XX, um direcionamento das suas atividades no sentido de substanciar as aspirações político-econômicas desta época. Assim sendo, pode-se melhor contextualizar este momento com a seguinte afirmação de Sanches (1998 p. 308):

A década de 1950 no Brasil foi marcada por um aprofundamento da divisão social do trabalho em função da industrialização. A indústria tornou-se o motor e o centro dinâmico da economia e por tanto, de sua expansão. Antes disto, o esforço de acumulação da economia nacional foi desenfreado, porém desprovido de uma base industrial prévia, isto é, de acumulação que se cristalizasse nas máquinas e que expressasse o consumo do trabalho vivo (a força dos trabalhadores) pelo trabalho morto (trabalho contido em máquinas). A economia brasileira tinha enorme vitalidade de acumulação (é fundamental ter em mente que, a base da acumulação é a exploração do trabalho, mas era razoavelmente pobre em termos de máquinas e equipamentos. Jucelino Kubitschek consubstanciou em seu Plano de Metas o salto para a superação desta situação: Era preciso crescer “cinquenta anos em cinco”.

Para colocar seu plano em atividade, Jucelino Kubscheck, necessitava de apoio dos industriais brasileiros, onde, segundo Sheuiche, (2006:66), Baby Pignatari, aparecia como um dos seus industriais preferidos. No ano de 1956, a capacidade de beneficiamento de minério das Minas de Camaquã é ampliada para 800 t de minério por dia. Em 24 de janeiro de 1957 ocorre um aumento de capital da CBC, sendo a maioria das ações subscritas pelo Grupo Pignatari, que passa a ter o controle acionário. O contexto brasileiro neste momento pode ser resumidamente apresentado com a seguinte explanação de Sanches (1998 p. 314):

A peculiar conformação do tripé da propriedade no Brasil e de suas relações com as classes subordinadas tomou das condições internacionais, o elemento de sua viabilização. E assistiu-se à injeção de capitais estrangeiros no Brasil, seja diretamente, em capitais de risco, seja através de empréstimos de governo a governo. A política foi dirigida no sentido de reforçar os mecanismos mediante os quais essa estruturação monopolística podia ser completada de tal forma que o controle dos setores produtivos básicos estivesse já agora concentrado num número razoavelmente pequeno de grandes corporações nacionais, estatais e as chamadas multinacionais. Foi aí que compareceu o elemento específico da crise de conjuntura pela qual passava a economia brasileira.

As sucessões de diferentes temporalidades, gradativamente, vão acumulando novas estruturas ao espaço, fazendo com que este seja o produto da combinação entre as diversas materialidades expressas pelas tendências e momentos da produção social.

Com esta nova etapa nas Minas do Camaquã, iniciar-se-ia uma estruturação mais elaborada. Com o aumento de capital observado neste período, novos investimentos foram alcançados. A resposta deste surto seria a edificação de uma estrutura que fizesse frente ao momento desenvolvimentista que atravessava esta área.

Com o grande número de trabalhadores que se instalaram nas minas, surgiam necessidades que até este momento não existiam, forçando um planejamento de recursos sociais capaz de atender as necessidades de primeira ordem como, habitações, saneamento básico, educação, entre outros. Datam desta época, por exemplo, edificações como o Hospital, o Cine Rodeio, Clubes Sociais. Chama a atenção, o estilo arquitetônico de algumas edificações, onde nitidamente se observa um padrão baseado em modelos norte-americanos, atendendo a elite administrativa da CBC.

A respeito desta última idéia são notórias, na conformação espacial das Minas do Camaquã, arquiteturas que remontam à este padrão consumista baseado nesta tendência. Segundo Ronchi(1998 p.65):

Na praça central, o prédio do cinema ocupa lugar de destaque com linguagem que faz referências aos filmes de “velho oeste”. O nome “Rodeio” reforça a idéia da linguagem. Um grande galpão, com telhado de duas águas fachada principal com frontão, trabalhado com desenhos característicos de Far West norte americano, em madeira. O acesso principal é feito por porta vaivém lembrando os salons. O prédio desenha na paisagem uma situação totalmente insólita ou surrealista na sua relação com os prédios mais próximos.

Tem-se aí uma visível internalização de valores externos, tanto na questão econômica, bem representada nos estágios da atividade extrativista na região, assim como na questão cultural com importações de estilos arquitetônicos que remontam à realidade de outros lugares. Tal visão pode ser reforçada na afirmação de Corrêa (1986)

Para que esta globalidade da organização espacial se verifique, torna-se necessário certo nível de compatibilidade entre os agentes modeladores da organização espacial. Isto acontece quer através da ação coordenadora e repressora do Estado via planejamento territorial, quer através da aliança de interesses das grandes corporações capitalistas, ao menos parcialmente, segundo seus interesses.

As transformações sociais refletem no espaço a sua natureza, considerando-se o espaço o resultado da atividade humana em um determinado momento histórico. Existe uma tendência maior para que a espacialidade represente geralmente, o campo de atividade dos atores hegemônico, os agentes sociais que detêm maiores possibilidades para transformar um determinado espaço em um momento qualquer da história.

Cada momento da história tende a produzir sua ordem espacial, que se associa a uma ordem social. É necessário entender sua realidade a partir de forças, que freqüentemente são visíveis a olho nu. (SANTOS, et al, 2001 p.289).

Analisado o contexto do surgimento da CBC, em um momento específico de articulação do Estado Nacional e as grandes corporações nacionais e multinacionais, as seções a seguir dedicam-se à análise das transformações ocorridas na organização do espaço das Minas de Camaquã.

3.1 As Vilas Operárias nas Minas do Camaquã

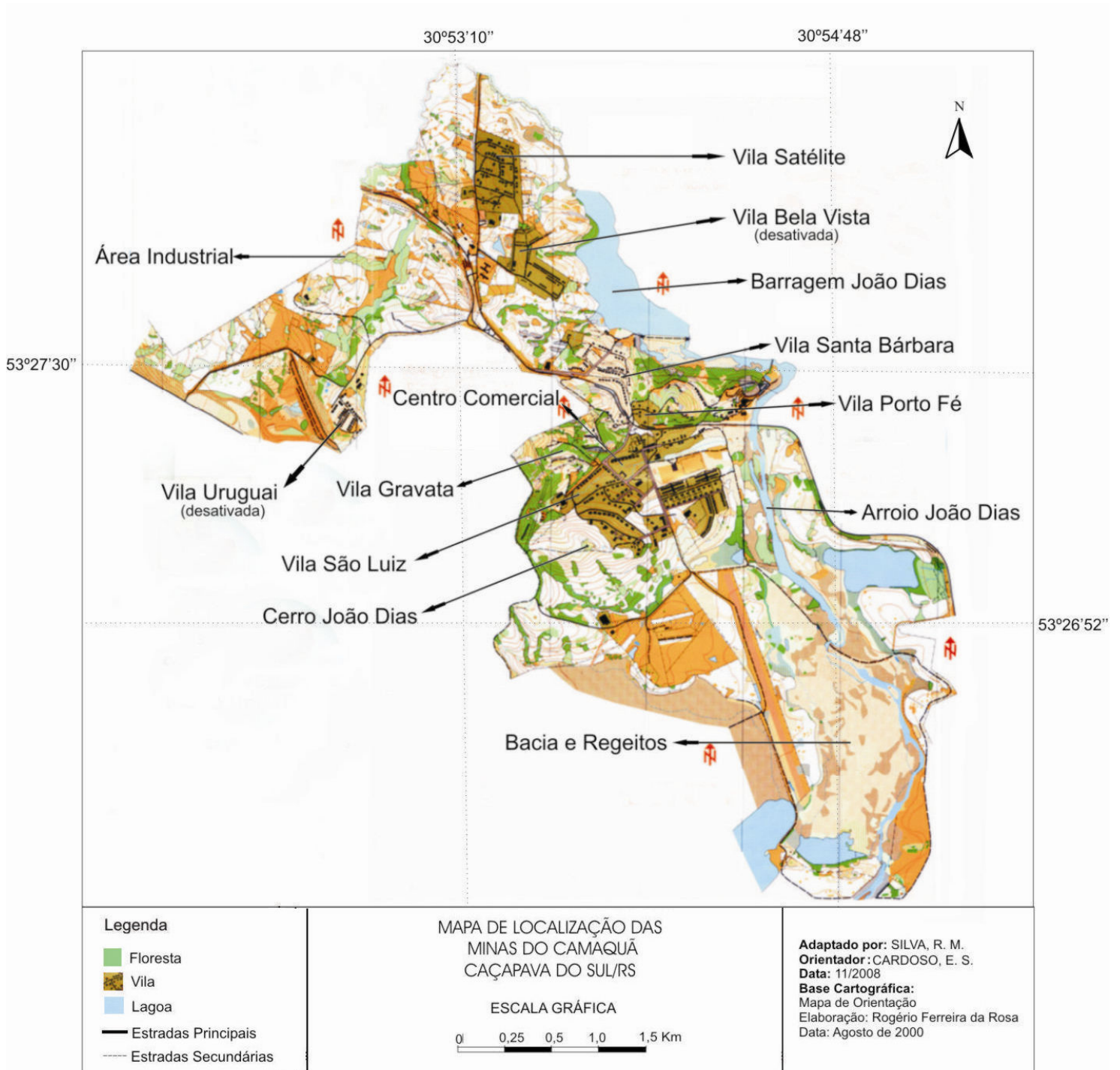


Figura 9: Mapa de Localização das Minas do Camaquã. **Fonte:** Mapa de Orientação, 2000.

Segundo o que se pôde constatar no levantamento de informações durante as entrevistas qualificadas com ex-moradores, as vilas anteriores ao período CBC possuíam sua localização de acordo com a localização dos equipamentos. Nas imediações da vila São Luiz, formou-se um núcleo de pessoas que trabalhavam nesta mina. Pode-se inferir que, as primeiras moradias construídas nas Minas do Camaquã ficaram situadas neste local, uma vez que se tratava da primeira mineração da região. Outro possível assentamento humano que remonta ao início das Minas do Camaquã localizou-se junto a Pedra do Engenho.

A primeira planta de concentração do cobre foi construída junto a Pedra do Engenho, onde o minério chegava transportado em vagonetas tracionadas por jumentos. Devido à distância da galeria de extração do minério, as pessoas que trabalhavam nesta etapa de concentração do cobre, habitavam junto a Pedra do Engenho. Este local serviu para tal função ainda por muitos anos, fato que colaborou para o estabelecimento e conseqüentemente uma concentração de pessoas neste local, já que a vila São Luiz concentrava os trabalhadores da extração e ficava muito distante da Pedra do Engenho. Este assentamento, passaria, sem se precisar exatamente quando, a se chamar vila Porto Fé, hoje desativada.

Outra vila, a vila Santa Bárbara surgiu para abrigar a camada social que tinha por função o trabalho executado no engenho de concentração do cobre.

Em primeira análise, pode-se dizer que os assentamentos humanos nas Minas do Camaquã, originaram-se juntamente aos postos de trabalho, desde os primeiros tempos da mineração. As vilas originaram-se basicamente junto a mina São Luiz, o local onde hoje localiza-se a escola Gladi Machado e junto a Pedra do Engenho.

Ao observar-se o tempo de existência das edificações constituintes destas vilas anteriormente descritas, nota-se que, de acordo com dados obtidos no cadastro imobiliário da Prefeitura Municipal de Caçapava do Sul, as vilas mais antigas tratam-se justamente da vila São Luiz, vila Porto Fé e vila Santa Bárbara. Partindo-se dessa análise, pode-se dizer que esta questão reforça ainda mais o relato colido por parte dos ex-funcionários que dedicaram sua contribuição para esta pesquisa, quando afirmam serem estas vilas as mais antigas das Minas do Camaquã.

Deve-se justificar ainda, que de acordo com o cadastro dessas edificações na Prefeitura, os prédios mais antigos datam da década de 1950. Acredita-se que, o fato do período CBC ter sido o mais significativo em termos de infra-estrutura para esta área, poderia ter sido responsável pela falta de informações a respeito de edificações anteriores às atividades desta empresa. Acrescenta-se ainda a questão anteriormente descrita, no que confere ao caráter temporário da mineração no local analisado, tendo como conseqüência o

surgimento de assentamentos humanos pouco expressivos, no que diz respeito a estruturas mais duradouras. Pode-se afirmar, portanto que o fato da existência de informações a respeito destes assentamentos estudados, não exclui a sua existência, uma vez que uma atividade de natureza extrativista mineral, necessita de uma infra-estrutura, habitacional, mesmo que de forma rudimentar. Pois, segundo as entrevistas qualificadas em abril de 2008, até 1968, existiam muitos “ranchos” ainda, casas feitas com paredes de madeira entrelaçada e por barro, vestígios de outros períodos da exploração de cobre nas Minas do Camaquã.

Seguindo-se o padrão observado para as outras vilas, tinha-se a vila Uruguai, uma das maiores das Minas do Camaquã. Esta se localizava juntamente a mina Uruguai. Seus habitantes faziam parte da extração do cobre desta mina, uma vez que esta ficava distante das outras localidades anteriormente descritas. Na medida em que a mina Uruguai adquiria importância, conseqüentemente, maiores espaços eram ocupados pelas residências desta vila. É o que se pode observar no período “Expansão Camaquã”, cujas características serão abordadas em páginas, posteriores, quando teria sido escavado a mina à céu aberto, havendo um aumento da produtividade no cobre. Existia ainda a vila Gravata, que levava este nome devido a um de seus moradores possuir o hábito de usar gravata e as vilas Bela Vista e Satélite, que também possuíam sua disposição espacial de acordo com a funcionalidade existente no empreendimento minerador. Diante do que fora relatado, nesta questão do local destas vilas, pôde-se chegar a outras conclusões.

A fase do estabelecimento da Companhia Brasileira do Cobre - CBC, trouxe para a região, uma nova realidade. As vilas, todas edificadas através do capital da mineradora, evidenciaram os rumos tomados pelo empreendimento ao longo dos anos da referida fase, uma vez que tinham sua construção ligadas à extração de cobre e seus diferentes momentos econômicos. Nos assentamentos que existiam nos períodos anteriores, percebe-se um aumento em seu tamanho, paralelamente a construção de novas vilas na região. Conforme se pôde notar, as Minas do Camaquã demonstram a dinâmica espacial imposta pelo capital. Trata-se de diferentes respostas observadas em um mesmo espaço, de acordo com as premissas político-econômicas que predominam em uma determinada época.



Figura 10: Minas do Camaquã, década de 1970. **Fonte:** DORNELES, N.T. 2008.

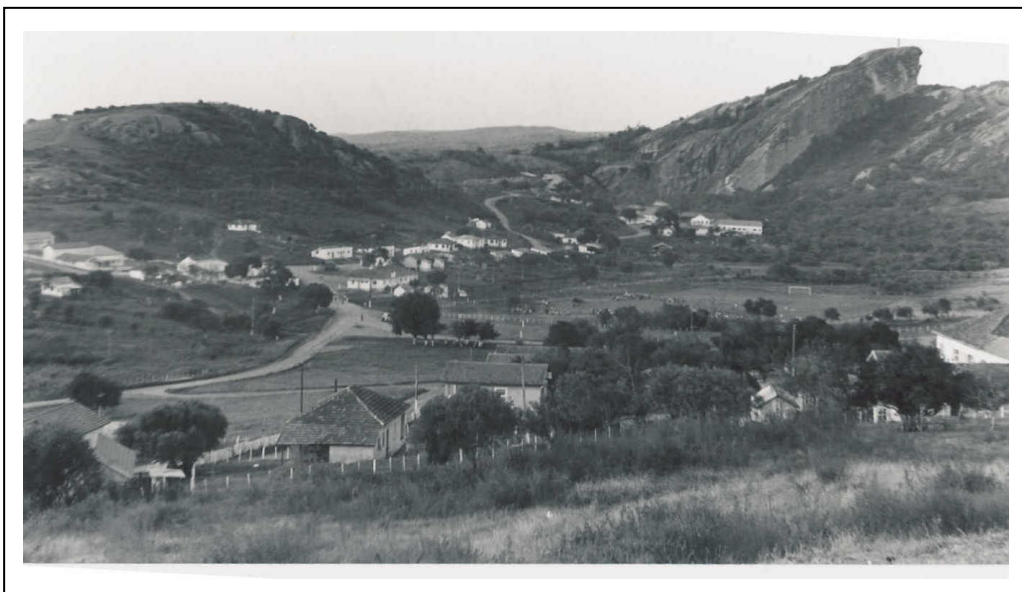


Figura 11: Minas do Camaquã, década de 1970. **Fonte:** DORNELES, N. T. 2008.

3.1.1 Disposição e Tipo de Residência

As residências e outros tipos de equipamentos sociais localizaram-se juntamente aos postos de trabalho. Como consequência, teve-se o estabelecimento e a construção de edificações de acordo com a localização das vilas. Ao analisarem-se os tipos de residências e edificações, pode-se chegar ao seguinte resultado, no que confere a especificidade destas vilas, quanto aos seguintes tipos de moradias e equipamentos urbanos:

- Alojamento para Solteiros;
- Casas Coletivas;
- Residência de Alvenaria Multifamiliar;
- Residência de Alvenaria Unifamiliar;
- Residência de madeira;
- Centro comercial (mercado, loja, livraria, bazar, açougue);
- Hospital, Correio, posto de combustível, Clube, Igreja, Restaurante, Hotel.

Na vila São Luiz, a mais antiga, conforme as fontes estudadas situavam-se os estabelecimentos de uso social, pela combinação de algumas condicionantes. Em primeira instância, tem-se o fato deste ser o primeiro assentamento humano verificado na mina e de esta comportar os setores de administração da mineradora. De acordo com o padrão evolutivo de núcleos urbanos expressos na citação a seguir, pode-se inferir algumas das funções que a vila São Luiz adquiriu:

As cidades médias e pequenas, no Brasil, apresentam uma configuração estrutural de distribuição geográfica das construções que é comum às várias cidades do mesmo porte. No centro urbano localizam-se os principais serviços públicos, comerciais, financeiros e sociais, exigidos pelo modelo político-econômico-cultural dominante. Permeando e circundando a área que compreende a localização dos estabelecimentos de serviço, aparecem as residências das famílias ocupantes de posições privilegiadas nas dimensões econômicas, políticas e culturais daquela comunidade. (VOLPATO, 1984:103).

Relacionando-se ainda a questão da localização dos equipamentos sociais na vila São Luiz, deve-se citar que esta adquiriu maior importância em relação às demais e segundo as entrevistas qualificadas, em abril de 2008, esta “importância” explicava-se por esta servir de moradia para engenheiros, geólogos, entre outros profissionais de maior qualificação. Desta forma, pode-se dizer que estas estruturas sociais anteriormente citadas, encontravam no tempo de existência da vila e no status social desta o motivo de sua localização.

Tabela 1: Tipo de Residências nas Minas do Camaquã no Período Final da CBC

<i>Nome da Vila</i>	<i>Alvenaria</i>	<i>Alvenaria.</i>	<i>Madeira</i>	<i>Total</i>
	<i>Unifamiliar</i>	<i>Multifamiliar</i>		
São Luiz	79	79	46	204
Uruguai	02	34	0	36
Santa Bárbara	14	70	22	106
Porto Fé	0	10	0	10
Gravata	0	0	25	25
Bela Vista	0	0	105	105
Satélite	0	0	32	32
NºTotal Resid.				518

Fonte: CBC 1992
Org.: SILVA, R. M.

Conforme a tabela, a vila São Luiz abrigava a maioria das habitações das Minas do Camaquã. De acordo com os números apontados, a maioria das casas de alvenaria unifamiliares, estavam nesta vila. Este fato deve-se ao motivo desta servir de moradia para o corpo diretivo da empresa CBC, além dos funcionários mais graduados como geólogos, engenheiros, encarregados, gerentes técnicos, entre outros. Segundo os relatos colhidos, estas residências eram bem estruturadas, com uma boa divisão interna e materiais de boa qualidade.

Alguns ex-operários entrevistados, consideravam estas casas “luxuosas”. Estas residências eram mobiliadas, contando até com roupas de cama, por conta da empresa.

Nota-se que este tipo de disposição espacial residencial, condizia com vários outros casos observados dentro do modelo Company Town.

Havia diversos tipos de habitações, destinadas a diferentes escalões funcionais. O corpo diretivo da empresa, no local, ocupava um “bairro” próprio de Cana Brava, com residências de alto padrão, dotado de equipamentos exclusivos de lazer. Os demais setores habitacionais constituíam também “bolsões” associados às diferentes categorias de trabalhadores presentes. (FARAH, 1993 p.24).

A vila São Luiz, possuía ainda uma grande quantidade de residências de alvenaria multifamiliares. Tratam-se de edificações com repartições para 3 famílias ou 2 famílias. Estas habitações eram divididas da seguinte maneira: Uma Sala dois quartos, cozinha, varanda e banheiro individual. Ainda nesta mesma vila, existiam as “coletivas”, habitações de madeira que ocupavam a parte mais inferior do cerro João Dias. Tratavam-se de quatro grandes blocos ,repartidos em várias habitações. Sobre estas residências, pode-se entender que eram pouco

espaçosas, contando com 2 pequenos quartos, sala, cozinha. As áreas de serviço eram pouco espaçosas, uma vez que se dividia o mesmo espaço com os blocos das habitações em paralelo.

Ao analisar-se a vila Uruguai, observa-se que as habitações eram predominantemente multi-familiares ou geminadas, obedecendo a um modelo de vila operária. Analisando-se os relatos coletados nas entrevistas qualificadas, pode-se concluir que estas residências não apresentavam uma estrutura satisfatória, por parte dos moradores. As habitações eram pouco espaçosas, com problemas de calçamento, manifestado principalmente nos dias de chuva. “Nossas casas eram do tipo acampamento... Serviam apenas para se abrigar enquanto não se trabalhava”, segundo alguns ex-moradores.

Pode-se notar que a avaliação destas residências apresentou diferentes pontos de vista, de acordo com a função e o grau de instrução dos entrevistados. Alguns mostraram-se satisfeitos, porém com algumas ressalvas conforme pode-se notar com este relato:

“As casas dos operários eram bem mais simples do que os engenheiros, mas pelo menos eram de material (alvenaria)” segundo o relato de um dos entrevistados, cuja função era de operário na época, notando-se algum contentamento por serem de alvenaria. Acredita-se que isso se explica pelo fato de a grande maioria desta mão-de-obra residente neste tipo de habitação, pertencer a uma classe menos privilegiada, onde a questão da moradia torna-se de extrema necessidade, dadas as dificuldades financeiras. Trata-se de um desafio a conquista de uma residência desse porte.

. A vila Uruguai abrigava ainda os alojamentos para solteiros, totalizando um número de cinco. Estruturas coletivas, compostas por saguão e banheiros de uso geral. Segundo alguns entrevistados que teriam residido nestes locais, em casos de casamento, após 2 anos de trabalho na empresa passariam a ter o direito a casas particulares, embora nem sempre obtivessem tamanha facilidade. A exemplo da vila Uruguai, havia ainda as vilas Santa Bárbara, Porto Fé e Satélite, onde residiam basicamente os operários.

Na vila Santa Bárbara existiam predominantemente habitações multi-familiares de alvenaria e residências de madeira. As poucas casas uni-familiares pertenciam a alguns encarregados e chefes de setores. Este conjunto habitacional era o segundo maior das Minas do Camaquã, uma vez que abrigava basicamente os funcionários do engenho e almoxarifado da empresa.

Na última fase de exploração do cobre, no período “Expansão Camaquã”, início dos anos 1980, foi construída a vila Bela Vista. Esta vila era constituída exclusivamente por habitações de madeira. Segundo as fontes entrevistadas, as eram boas e bem estruturadas.

De maneira geral, pode-se concluir que o modelo habitacional observado nas Minas do Camaquã, mais uma vez pode ser enquadrado no Company Town. O espaço era dividido basicamente em um núcleo habitacional composto por residências unifamiliares, evidenciando o caráter autárquico e o restante das vilas possuía habitações predominantemente coletivas, prevalecendo neste espaço a classe trabalhadora operária.



Figura 12 Situação Atual das Vilas nas Minas do Camaquã. **Fonte:** Trabalho de Campo, jul. de 2008. Org: SILVA,R.M. 2008.

3.2 Qualidade e Gestão dos Equipamentos e Serviços Coletivos

De acordo com o esboçado em páginas anteriores, as Minas do Camaquã localizam-se em uma área afastada de centros urbanos. Conseqüentemente, suas necessidades deveriam ser atendidas pelas empresas que se instalavam na região. A Companhia Brasileira do Cobre era responsável pela oferta dos bens de necessidade básica como habitações, água, luz, esgoto, saúde entre outros. As habitações eram todas abastecidas por estes bens. De acordo com as entrevistas qualificadas, em abril de 2008, a energia elétrica que abastecia as vilas era gerada a partir de motores a diesel até 1975. Com o passar dos anos, a CBC realizou um contrato com a usina termelétrica de Candiota no município de Bagé, a Sudeste das minas, de onde se passou a retirar este recurso.

Para o abastecimento de água desta região, existia uma estação de tratamento onde um motor que bombeava água para todos os setores. Localizava-se acima do chamado morro do Engenho Novo, sob responsabilidade de uma equipe denominada de o “pessoal da hidráulica” pelos entrevistados.

Todas as pessoas possuíam saneamento básico nas suas habitações. Deve-se registrar, porém, que o esgoto das vilas era despejado próximo a “prainha”, no arroio João Dias, não havendo, portanto, um devido tratamento dos dejetos. Conforme fora verificado, estes recursos eram garantidos a todos pela CBC. O acesso dava-se mediante o pagamento de pequenas taxas, cujos valores eram descontados nas folhas de pagamento dos funcionários da empresa. As habitações recebiam manutenção quando necessário, também por conta da CBC.

Muitas vezes, conforme relatos de ex-moradores das vilas operárias, os pedidos para manutenção demoravam, ao menos para estes setores habitacionais. Segundo informações, existiam muitos problemas com “goteiras” nos dias de chuva, por exemplo. Mas pode-se dizer, de uma maneira geral, que existia um contentamento com as moradias. Muitos que foram trabalhar ali possuíam moradias bastante rudimentares, edificadas com barro e madeira, baseando-se no padrão regional. A este respeito, pode-se acrescentar a seguinte idéia de Farah (1983 p.68):

Nas vilas de padrão modesto, as habitações costumam ser bastante precárias, não envolvendo qualquer espécie de gastos, por parte do empregado, o que constitui, por si só, fator de atração da mão-de-obra, por permitir poupança. Isto é válido tanto para os escalões mais baixos, para os quais as alternativas de moradia quase sempre são extremamente precárias, dada sua própria inserção no mercado de trabalho, como para os profissionais de nível superior, para os quais a possibilidade de poupança é um dos principais fatores de permanência na empresa.

3.2.1.Saúde

Instalações modestas em áreas e em padrão de construção, além da inexistência de equipe médica permanente caracterizam os equipamentos de saúde em algumas vilas de empresa, garantindo-se aos empregados apenas os primeiros socorros no local. A fragilidade de serviços médicos junto às jazidas trata-se de uma postura global das empresas com relação ao setor de infra-estrutura social.

Nas Minas do Camaquã, podem-se obter importantes informações sobre esta questão. Deve-se registrar que as entrevistas realizadas com os ex-moradores de diversos tipos de funções nas minas, foram fundamentais para o entendimento desta variável. Segundo as informações obtidas, a CBC garantia uma boa qualidade no atendimento de saúde. Desde operários que trabalhavam no subsolo até engenheiros, houve a concordância no sentido de ressaltar este tipo de atendimento social à população.

O hospital Júlio Pignatari, possuía boa qualidade, contando com 20 leitos, bloco cirúrgico, sala de operações e raio X. Teve-se a informação que os médicos e dentistas eram contratados pela empresa e residiam em frente ao hospital. O serviço de saúde garantia o amparo total das pessoas quando estavam internados ou licenciados das atividades por motivos de saúde. Na vila existia uma farmácia completa; os remédios eram oferecidos praticamente a preço de custo para os funcionários, sem restrições de cargos. Quando o funcionário encontrava-se enfermo, os remédios eram custeados pela empresa.

Segundo as entrevistas qualificadas em abril de 2008, em casos de enfermidades mais graves, onde não houvesse condições para o tratamento nas minas, a empresa custeava a viagem dos pacientes a fim de tratarem-se em outras regiões. Desde as passagens, consulta e alimentação eram garantidos aos funcionários. A população contava ainda com uma ambulância para os casos de emergências. Tais garantias eram inteiramente gratuitas e ofertadas para a família de todos os funcionários. Desta forma concluiu-se unanimidade de todos os entrevistados ao afirmarem a boa qualidade dos serviços nas Minas do Camaquã.

Quando comparada a outras vilas de mineração, pode-se afirmar que as minas do Camaquã possuíam um bom serviço de saúde. Tratase de uma variável importante para o empreendimento, uma vez que necessita oferecer os recursos básicos para a manutenção do quadro de funcionários.

A qualidade dos equipamentos comunitários assim como sua gestão participam decisivamente na obtenção de um alto índice de fixação dos empregados à empresa,

principalmente nos níveis operários e médio, o que torna possível encontrar nas vilas até netos de alguns funcionários. (FARAH, 1993 p. 18).

Assim como as Minas do Camaquã, pode-se citar o exemplo das vilas Amazonas e vila Serra do Navio (ICOMI- Indústria e Comércio de Minérios S.A).

Segundo declarações dos próprios moradores, estes eram bem equipados e contavam com equipes médicas de ótimo nível. Além do exposto, existiam ainda um trabalho de prevenção de saúde. Previam-se procedimentos que permitiam assegurar, em plena Amazônia, índices desprezíveis de incidência de moléstias tropicais. (FARAH, 1993 p. 16).

Mas deve-se dizer, que este quadro sofreria algumas alterações nos últimos tempos de exploração do cobre da CBC, fato a ser melhor abordado posteriormente.

3.2.2 Segurança

Em todo e qualquer empreendimento, principalmente no setor de extração mineral, o setor de segurança possui grande importância tanto no que confere ao patrimônio material da empresa como na questão da preservação física do seu quadro de funcionários. Em relação ao primeiro caso, pode-se verificar que nas Minas do Camaquã, no período CBC, existia uma intensa fiscalização por parte da empresa. Segundo as entrevistas, não existia policiamento, mas a empresa colocava seguranças na área industrial e nos setores habitacionais. Quando os operários retornavam do subsolo, existia um rigoroso sistema de revista a fim de se garantir que não houvesse minério sendo retirado pelos funcionários.

A integridade física e psicológica dos funcionários é uma variável que necessita ser atendida em qualquer tipo de empreendimento. Em áreas de mineração, onde a natureza do trabalho apresenta-se de forma pesada, como em qualquer setor da indústria de base, as atividades são desempenhadas em sua maioria com o emprego de máquinas adaptadas a severas condições de trabalho, fato que exige muito do esforço humano. Mas nenhuma atividade nestas áreas supera, em grau de dificuldade, o trabalho árduo dos operários no subsolo.

Com um trabalho que dura as 24 horas do dia, os operários dividiam-se em 3 turnos de 8 horas de serviço. A exposição a acidentes de toda a natureza, bem como as condições extremas de ruídos, poluição do ar e muitas vezes prolongamento da jornada de trabalho para aumentar a renda, colocavam os funcionários sob situações adversas, tendo como

conseqüência prejuízos à saúde que nem sempre se manifestavam durante o período em que trabalhavam nas Minas do Camaquã.

Segundo as entrevistas dos ex-funcionários, que trabalhavam no subsolo das minas, existiam acidentes de toda natureza. Ao conversar-se com algumas pessoas a respeito das condições de trabalho na mineração coletaram-se importantes afirmações. A partir do diálogo com antigos moradores da sede municipal de Caçapava, chegou-se ao conhecimento de alguns episódios relacionados a acidentes de trabalho no local estudado. Pessoas que moravam nas proximidades do hospital Dr. Victor Lang em Caçapava do Sul, relataram que seguidamente ouvia-se o som da sirene da ambulância que vinha das minas o hospital. “Já conhecíamos o barulho da ambulância” relata uma ex-moradora das proximidades. Deve-se dizer que este período está compreendido entre os anos 1950 e 1970, quando a entrevistada residia ali. “Chegavam pessoas sem uma perna, um braço com sérios ferimentos”, completou. Com um ex-funcionário da CBC, do subsolo das Minas do Camaquã, obtiveram-se importantes acréscimos, para este trabalho.

De acordo com as informações, existiam vários perigos neste tipo de atividade. Um dos entrevistados teria vivenciado diversas situações relacionadas à saúde dos funcionários: “Todos os dias tinha algum acidente”. As detonações com bananas de dinamite causavam sérios efeitos. Com a força da explosão, vários funcionários desenvolveram cardiopatias. A grande quantidade de fumaça, liberada pelas detonações, combinada com a constante poeira em suspensão, acarretou em sérios problemas respiratórios. Outro problema das explosões estava relacionado à audição, podendo se somar ainda a questão do som constante das máquinas em funcionamento.

Uma outra conseqüência observada do excesso de ruídos seriam os distúrbios no sono. “Quando íamos para casa descansar, ficávamos ouvindo o som das máquinas... existia sempre aquele zunido nos ouvidos”, relatou o entrevistado.

Os mineiros que afirmam ter havido com a mecanização um aumento de acidentes, dizem também que houve uma mudança do caráter dos mesmos, que os acidentes assumiram formas mais graves ou fatais. Atribuem ao barulho das máquinas ao novo sistema de sustentação do teto, à concentração do trabalho na máquina, descuidando-se do ambiente. (VOLPATO, 1984 p. 62).

Outro problema descrito, seria sobre o uso dos lampiões a carbureto que eram usados no subsolo. “O cheiro que saía dos lampiões era muito forte.” “Certa vez um colega perdeu uma mão devido à explosão deste em suas mãos.”

O mineiro convive com este ambiente de risco à vida, à saúde e a integridade corporal. E por isso, ele guarda uma memória social e histórica dos acidentes. (VOLPATO, 1984 p.61).

De todas as adversidades observadas, a silicose, apresenta-se como uma das principais doenças dos tempos da mineração. “Conheci vários colegas que morreram da silicose”, colocou um dos entrevistados. Deve-se dizer que as mortes associadas a este tipo de enfermidade, foram observadas entre o final dos anos 1980 até os dias atuais, existindo casos conhecidos de pessoas portadoras de tal doença.

Uma outra questão que deve ser levantada, é a água. Perguntado a respeito da água que os funcionários consumiam no subsolo, obteve-se a seguinte resposta: “A água era péssima... mas com 8 horas de serviço era o que se tinha para tomar.”. Apesar de não se possuir os dados, as áreas de mineração, sabidamente, possuem grande potencial de contaminação de corpos hídricos adjacentes, podendo-se inferir que a hipótese de algum tipo de enfermidade, associado a ingestão de água imprópria para o consumo, não pode ser totalmente descartada. Casos de perda de visão também foram relatados. Analisando-se, pois, o problema dos acidentes, chegou-se a algumas conclusões.

Á medida em que trabalhassem mais, melhor seria a remuneração. Isto pode ter sido um fator que possibilitasse o aumento da incidência de acidentes. E a esse respeito, retirou-se uma boa contribuição do trabalho de Volpato (1983 p. 62):

Trabalhadores revelam que o sistema de salário por produção provoca mais acidentes. O estímulo em produzir mais, induz o trabalhador a relevar perigos ou a se descuidar provocando acidentes. É o que dizia um operador de máquinas: “O operário pensa na produção e não olha o perigo”.

Outra questão que deve ser observada, é a periodicidade em que foram constatados tais acidentes. Conforme fora abordado anteriormente, nos anos 1950 e 1960, existiram muitos casos de acidentes. As fontes entrevistadas e informações colhidas, partiram de operários que trabalharam nas Minas do Camaquã no período compreendido entre início dos anos 1970, até o início dos anos 1980.

Uma questão que também deve ser levantada nesta discussão, trata-se do contexto brasileiro nos anos 1960, período em que foram relatados pelos entrevistados a maioria dos acidentes.

Entre 1958 e 1968, através de contrato de assistência técnica, a Mitsubishi Metal Mining operou a mina, engenho e serviços de geologia. Nesta conjuntura, pode-se citar Sanches (1998 p. 359), com a seguinte contribuição:

No conjunto das políticas definidas pelo Estado brasileiro para promover sua industrialização a partir dos anos 1960, quando se iniciou o chamado “Milagre Brasileiro”, o Estado desempenhou um papel muito importante na associação entre os interesses das multinacionais e os órgãos públicos responsáveis pelo planejamento do nosso crescimento. A ação do Estado brasileiro se fez sentir principalmente no plano de políticas salarial. Durante o período do Milagre Brasileiro, os trabalhadores foram submetidos a um forte arrocho salarial e a um grande controle em seus movimentos sindicais. Estas foram algumas das exigências das multinacionais para expandir seus negócios no Brasil. Além disso, o governo brasileiro procurou investir na expansão das indústrias de bens de capital fixo, eu representam hoje 40%, aproximadamente, dos mesmos.

Dessa forma, entende-se que a questão dos acidentes de trabalho certamente, possui, neste surto industrial brasileiro, boa parte de sua explicação, uma vez que os trabalhadores precisavam fazer frente ao momento industrial. Junta-se ainda a questão de que o trabalhador era remunerado de acordo com as horas trabalhadas, o que provavelmente contribuiu para os casos apontados.

De grande contribuição para esta variável da segurança, foi a entrevista de um ex-funcionário que trabalhou 29 anos nas Minas do Camaquã. Com o tempo dedicado como funcionário das minas, a fonte entrevistada pôde colaborar com várias informações, fundamentais à execução do presente trabalho. No que confere a segurança dos funcionários, é importante salientar que somente a partir de 1975 começa a atuar nas minas o setor de Segurança do Trabalho. A partir daí, passou-se a executar um maior controle das atividades dos operários no sentido de se fiscalizar o trabalho deles, obedecendo às normas estabelecidas pelo setor.

Um dos problemas constatados nos períodos de maior incidência de acidentes, seria pelo mau uso dos instrumentos de segurança, os quais apresentavam número reduzido em relação ao que se passou a exigir nos anos posteriores ao estabelecimento do Setor de Segurança do Trabalho. “O mineiro trabalhava com botas de borracha, capacete e lampião a carbureto”, relatou um dos entrevistados trabalhador nas minas, no início dos anos 1970. Pode-se inferir que, provavelmente, existia o uso de máscaras com filtros para respiração, embora não se constata-se isso. Outro problema relacionado à segurança, reside na provável situação de alguns, se não a maioria dos funcionários, ao não usarem os instrumentos. “As vezes nós não “usava” as luvas, atrapalhava um pouco.” “A máscara dava calor ,as vezes

“... tinha que tirar”, informou o entrevistado. Nesta direção, é interessante observar-se a seguinte explicação:

O Brasil já esteve entre os campeões de acidente de trabalho, tudo em virtude do desperdício que caracterizou a segurança do trabalho por vários anos, onde os profissionais existiam apenas por disposição da lei, e não por opção da empresa. Em discussão desde os anos 1940, somente em 1978 através da Portaria nº 3214, a segurança do trabalho começou a vigorar. (SESMT- Serviço especializado em Segurança e Medicina do Trabalho). O discurso de que a segurança dá retorno ao empresário era propalado aos quatro ventos. No entanto, não parece ser (e não deveria ser) esta a única razão pela qual o empregador incentive o empregado a ter sua saúde ou sua vida perfeitamente protegidas.” Em repetidas oportunidades, constatamos que o engenheiro de segurança pouco cuidava da segurança do trabalho ,mas por determinação da empresa, dedicava-se a segurança patrimonial e outras atividades indigestas.(gestõesch.com.br - acessado em abril de 2008)

A partir de 1980, passou-se a exigir maior atenção sobre a segurança nas Minas do Camaquã. Segundo as informações obtidas através de entrevistas, os funcionários só poderiam começar a trabalhar, quando estivessem devidamente protegidos conforme as regras de segurança. “Os funcionários não batiam o cartão sem estarem usando todos os instrumentos”... “Sempre tinha um fiscal revisando o pessoal”. “Sem as luvas, capacete, protetor auditivo, máscara, calçado adequado, o pessoal nem descia para trabalhar.” Como se pôde perceber existia um certo rigor para que todos estivessem devidamente equipados, conforme a lei exigia. Não somente nas atividades industriais, mas também nas obras civis, pedreiros e mestres de obras, deveriam estar com equipamentos de proteção.

Perguntado sobre o não uso do equipamento de segurança, obteve-se a informação de que, o funcionário deveria ser encaminhado para o Setor de Segurança e o Departamento Pessoal, sob pena de suspensão e até mesmo demissão.

A este respeito, deve-se acrescentar a formação, também nos anos 1980, da Comissão Interna para prevenção de Acidentes- CIPA. “Existiam membros da CIPA por todos os lados” relatou uma das fontes. Para fazer parte deste órgão, existiam eleições, onde cada setor escolhia quem fosse representá-lo. Deve-se dizer ainda que o treinamento das pessoas envolvidas na CIPA ficava por conta do SENAI.

A questão da segurança trata-se, então, de uma necessidade vital para o andamento de qualquer empreendimento. Conforme as fontes estudadas, as Minas do Camaquã, encontravam-se no parâmetro da maioria das empresas, ao menos as mineradoras do Brasil na época. Comparando-se com outros tipos de atividades, onde se debateu esta questão, constatou-se que a Segurança do Trabalho nas minas do Brasil, em geral, passou a ser praticada somente depois da obrigatoriedade imposta pela lei, em 1978. Muitas vidas foram

sacrificadas, pessoas foram inutilizadas, até passar a vigorar este que na verdade, deveria ser um direito ao invés de uma obrigação das empresas.

3.2.3 Alimentação

Conforme se pode observar, trata-se de uma característica das vilas de mineração que obedecem o padrão *Company Town*, a garantia dos bens primários à sua população. Nas Minas do Camaquã, existia um único supermercado que garantia o abastecimento. Deve-se dizer que existiam outros pequenos estabelecimentos, mas que não eram representativos na questão do abastecimento. De acordo com o comentado, existia um grande mercado que pertencia a CBC. A empresa contava ainda com criação de gado bovino para o abastecimento de carne da população. Existiam hortas para suprir a demanda destes gêneros, que também pertencia a companhia. “O mercado era completo. Vinham mercadorias de São Paulo, Paraná, inclusive muitos gêneros, não eram encontrados em Caçapava e tinham no mercado.” Além de gêneros alimentícios, existia ainda o abastecimento de roupas, calçados entre outros objetos de primeira necessidade. Perguntado a respeito do sistema de compras, obteve-se a informação de que os gêneros eram vendidos em fixas, cujo pagamento dava-se mediante desconto na folha de pagamento do funcionário. “Os preços eram bons, garantiu um ex-operário entrevistado, segundo as entrevistas qualificadas, em abril de 2008.

Existiam estabelecimentos destinados ao abastecimento alimentar, de acordo com a localização e a necessidade das frentes de trabalho. Existia um restaurante no hotel Guaritas que fazia o abastecimento para os solteiros. Servia 4 refeições por dia, as quais eram descontadas na folha de pagamento. No subsolo da mina, existia um restaurante que supria a necessidade do quadro de funcionários que trabalhavam no local. Existia um serviço da CBC, que era responsável pela distribuição das refeições. Em cada setor, existia um posto para a coleta das “marmitas”, onde estas eram recolhidas e transportadas até o restaurante do hotel Guaritas. Dalí em diante, as refeições seriam distribuídas pelos setores de trabalho., onde podia-se contar com máquinas que aqueciam estas, em cada posto de trabalho. “ Quando se trabalhava até mais tarde, o chamado trabalho extraordinário, como balanço, alguma atividade na área burocrática, o lanche era grátis”, revelou um ex-funcionário.

A respeito da qualidade da alimentação, as entrevistas revelaram ser boa e diversificada, tanto no supermercado, como nas repartições que garantiam este serviço para o quadro de funcionários. Segundo o que foi relatado, o serviço de alimentação para os setores era terceirizado mediante, contrato da CBC com o SESI.

Ao analisar-se o caso das Minas do Camaquã comparando com outras áreas de mineração no que confere à qualidade do abastecimento alimentar, pode-se concluir a condição apresentava-se entre as melhores. Conforme se pôde observar no trabalho de Farah (1993), as Minas do Camaquã inseriam-se no que ele denominou de “Vilas com Equipamentos e Serviços de Alto Padrão.” Esta idéia fica clara, quando se observa a seguinte contribuição:

A estrutura de abastecimento consistia a um centro comercial, onde se implantava um supermercado, administrado pela empresa, permitindo-se que negócios e serviços de menor porte fossem instalados, gradativamente, por particulares.(FARAH, 1983 p. 70).

No período citado, encontra-se concordância com o que fora exposto por um dos entrevistados, quando apresentou o seguinte comentário: “Me criei vendendo as “quitandas” que minha mãe fazia para vender nas minas”. Seguindo-se ainda com Farah (1993 p.70), coloca-se a seguinte idéia:

Serviços públicos como correio, agência telefônica, bancos são também implantados na área. Através do controle do supermercado, as empresas procuravam garantir a seus empregados, a obtenção de produtos essenciais a preços baixos (ou até mesmo subsidiados), como forma adicional de atração e fixação de empregados. Verifica-se que o que fora comentado anteriormente insere as Minas do Camaquã dentre as estruturas melhor organizadas para a sua época.

3.2.4 Lazer e Cultura

Sobre estas variáveis, deve-se reforçar que o fato do isolamento físico das Minas do Camaquã, obrigava a empresa CBC a garantir o atendimento destas necessidades aos seus funcionários. Deve-se dizer a este respeito, que o fato da áreas de mineração ficar afastada dos centros urbanos, acentua ainda mais a criação de iniciativas voltadas ao lazer e cultura.

Assim como a prestação de outros serviços já citados, o lazer ficava por conta da própria empresa, não havendo nenhum ônus para os empregados. A partir do que fora relatado, pode-se observar que as opções de lazer eram restritas. Segundo relatos de ex-funcionários das minas, que ocupavam cargos superiores, existiam bailes em algumas ocasiões. “Os bailes eram muito bons, existia uma orquestra da própria empresa CBC” comentou uma das fontes, que afirmou ter participado de alguns bailes. Estes bailes relatados realizavam-se no clube dos Engenheiros. Neste estabelecimento., existiam piscinas, quadra de tênis, quadra poliesportiva, sauna entre outros atrativos. Mas o acesso a este clube era bastante

restrito. Localizado na vila São Luiz, “a mais importante”, das minas, o clube dos Engenheiros podia ser freqüentado, somente por pessoas graduadas como engenheiros, geólogos, gerentes, encarregados, etc.

Para a massa operária, desautorizada de freqüentar o espaço comentado, restavam os bares e “canchas de bocha”, esporte típico desta região. “Para os operários, sobrava somente os bares e a bocha, enquanto que os graduados tinham o clube para jogar tênis, tomar banho de piscina...” Até meados dos anos 1970, tem-se a informação que existiam muitos “bailes de ramada”. Estes bailes eram realizados ao ar livre, onde existia uma estrutura de madeira coberta pelo capim santa fé, culturalmente utilizado na construção de casas modestas nesta região. A palavra ramada, deriva dos ramos do citado capim que cobria as estruturas de madeira, daí o nome destes bailes. As luzes eram improvisadas com lampiões movidos a querosene. “Estes eram os bailes mais movimentados”, comentaram alguns dos entrevistados. “Destes bailes todos faziam parte”, completou-se. Merece destaque o seguinte comentário de Farah (1983, p. 70) que vem a somar-se a esta temática.

Padrões urbanos de lazer eram transpostos para as vilas mineiras, no modelo que se aproximava da Company Town clássica, procurando reproduzir, independente do local de implantação das vilas, condições de convívio e de ocupação do tempo livre que tem acesso, sobretudo, a classe média alta e a alta, nos centros urbanos bem estruturados. Este padrão tem o seu centro principal nos clubes recreativos, que propiciam o exercício de atividades esportivas e o encontro social.

Devido as restrições impostas aos operários para usufruir do equipamento de lazer dos engenheiros, é criado em 1978 o clube Campestre.”Para fazer parte deste clube, a pessoa tinha que ter bom comportamento “,ressaltou uma das fontes que freqüentava o tal clube.

Um elemento característico nas vilas é a separação entre os escalões funcionais das atividades de lazer, assim como o que se estabelece nos setores habitacionais. Há de um modo geral, dois clubes: Um para os graduados e outro para o pessoal de nível administrativo e operário. (FARAH, 1983 p.70).

Bastante comentados foram os filmes que eram exibidos aos finais de semana no prédio do Cine Rodeio. “Existiam sessões sextas, sábados e domingos, com entrada gratuita.” “Os filmes eram repetidos, as vezes”. “Todos ficavam apreensivos quando chegavam os novos filmes”, comentou-se. Fato que merece destaque trata-se da existência de aparelhos televisores nas classes operárias. De acordo com o relato de um ex-funcionário que trabalhou nas minas no período compreendido entre 1970 e 1980, várias pessoas, senão a maioria possuía televisores em casa.

A principal inovação, generalizada, consiste na chegada da televisão, como parte do processo de interiorização da comunicação. Este novo elemento que data do início dos anos 1980, transformou as relações de convívio social nas vilas, ao mesmo tempo em que estabeleceu uma nova forma de vínculo entre a população destes assentamentos humanos e o restante do país, através do acesso permanente a informação. (FARAH, 1983:72).

Para o público infantil, existiam playgrounds em todas as vilas, os quais recebiam manutenção por parte da CBC. As crianças podiam contar ainda com gincanas e eventos proporcionados pelas escolas. Considerando-se toda a camada social, os públicos feminino e adolescente, tratavam-se dos grupos que tinham menos alternativas de lazer. Para o primeiro, existia um grande problema conseqüente da falta de ocupação feminina em áreas de mineração.

A possibilidade de absorção das mulheres em atividades profissionais é, no entanto, bastante limitada nas áreas de mineração ou de construção de barragens, condicionando seu cotidiano a atividades repetitivas e pouco criativas. Para aquelas com experiência profissional anterior, a ociosidade forçada chega a ser intolerável, causando problemas de adaptação à vida na vila, com reflexos negativos sobre o próprio relacionamento familiar. (FARAH, 1983 p.62).

Nas Minas do Camaquã, pode-se verificar que a mão-de-obra feminina ficava restrita às atividades administrativas, ficando portanto a grande maioria resignada apenas aos afazeres domésticos. Desta forma, o perfil das atividades de lazer atendia quase que exclusivamente os operários, trabalhadores, que necessitavam de algumas horas de entretenimento. Além disto, as alternativas que existiam não faziam parte do perfil feminino, citando-se como exemplo, o jogo de bocha e os bares, ambientes quase que exclusivamente masculinos.

A ociosidade, também fazia parte do público adolescente. Segundo o que se pode pesquisar, não se verificou nenhum tipo de alternativa de lazer para este grupo. Durante as entrevistas, foram relatados alguns casos de vandalismo nas Minas do Camaquã, como, lâmpadas quebradas nas ruas, lixo espalhado entre outros. Pode-se inferir que estes problemas, provavelmente partiam da parcela adolescente, uma vez que estes não dispunham de alternativas para ocupar o tempo ocioso.

A situação do adolescente nestas vilas também é peculiar. Ao lado das habitações no campo educacional, não há perspectivas de absorção no mercado de trabalho. Apenas uma fração desse novo contingente de mão-de-obra é absorvido pela empresa. Para os demais, acaba por predominar como alternativa, a saída da vila em busca de oportunidades em outras localidades. (FARAH, 1983 p.64).

Fazendo-se uma reflexão a respeito do que se pode constatar na questão do lazer nas Minas do Camaquã, conclui-se que esta encontrava-se dentro dos padrões observados para este tipo de estrutura em áreas de mineração. Pode-se dizer que nestas áreas, há uma reprodução social daquilo que é observado dentro de um sistema capitalista, onde se priorizam estruturas e atividades de acordo com as funcionalidades e status sociais da sociedade.

Sobre a questão cultural em áreas de mineração no que confere ao acesso da população a este bem, não pôde-se observar muitos trabalhos, fato que deve-se talvez a carência de estudos sobre esta temática. A partir das entrevistas qualificadas em abril de 2008, chegou-se a conclusão de que as manifestações culturais, eram restritas às comemorações de datas especiais. Os momentos culturais observados partiam quase que exclusivamente das escolas Gladi Machado do governo estadual, e a escola municipal Casemiro de Abreu. Existiam os clubes de pais desta escola, que juntamente com professores e alunos, promoviam manifestações culturais alusivas a Semana Farroupilha, com desfiles de cavalarianos, a participação de grupos de danças folclóricas formada por alunos da comunidade escolar. Fazia parte ainda do calendário cultural escolar, o desfile de Sete de Setembro em comemoração a Independência do Brasil. Comentou-se ainda a respeito das festas Juninas que envolviam não somente a comunidade escolar, mas também os demais seguimentos da sociedade.

Observou-se um destaque especial por parte de alguns entrevistados, às missas na igreja da vila São Luiz, pelo padre Belgrado da cidade de São Vicente, Rio Grande do Sul. A comunidade “mineira”, de maioria católica segundo as fontes pesquisadas, tinha grande apreço por estas missas ministradas pelo citado padre. “As missas lotavam, vinham pessoas de toda região, Santana da Boa Vista, Lavras, Bagé, etc... “Muitas vezes eram necessárias caixas de som para as pessoas que ficavam na parte exterior da igreja” completou o entrevistado. Nota-se que as poucas iniciativas que existiam, partiam dos gestores educacionais.

Em uma comunidade formada basicamente por funcionários da empresa, nada mais comum do que as práticas culturais partirem deste setor, uma vez que o pleno exercício de educação, possui dentre outras tantas responsabilidades a promoção de espaços que possibilitem manifestações culturais.

3.2.5 Educação

A escolaridade dos filhos tem um grau elevado de prioridade para a população brasileira, que lhe confere o papel de instrumento da mobilidade social ou de garantia de preservação de uma inserção já alcançada. O setor educacional tende, assim, a ser, valorizado pelos empregados em mineração, ainda que observem variações quanto ao padrão de exigência, nos diversos escalões funcionais. Pois todos desejam verem seus filhos estudando para não precisar trabalhar “no pesado” um dia.

Nas Minas do Camaquã, existiam 2 escolas. A escola Gladi Mahado Garcia, possuía o ensino primário, hoje ensino fundamental, não possuindo o segundo grau. Nesta escola, chegaram a estudar 800 alunos por ano. Possuía grande participação na sociedade, principalmente nas comemorações cívicas. Existiam três turnos diários. No turno da noite muitos operários freqüentavam as aulas, buscando complementar seu grau de instrução que no geral era baixo.

Nas entrevistas qualificadas em abril de 2008, perguntou-se a respeito das relações sociais entre a comunidade escolar obtendo-se importantes informações. Um ex-professor desta escola, que tendo morado nas minas entre 1987 e 1991, pode trazer significativas contribuições. Segundo este, o ensino era para todos, sem distinção entre as classes sociais que existiam nas minas. “Mas as turmas 51, 61 e 71, por exemplo, ou seja, as primeiras que representassem uma determinada série, sempre eram ocupadas por filhos dos graduados”, informou este. “Os filhos dos operários, ficavam nas turmas maiores”, completou. Conforme se pôde comentar antes, existe sempre uma tendência a reproduzir o mesmo padrão socioeconômico independente das regiões onde atua o capitalismo. Por mais que o ensino fosse garantido a todos, existia uma nítida separação social entre os alunos. Deve-se dizer que este mesmo padrão condiz com o histórico segregacionista do cenário brasileiro.

Para atender o público estudantil das Minas do Camaquã, existia ainda a escola municipal Casemiro de Abreu, da qual até o presente momento não se dispõe de maiores informações. Assim como a primeira, também possuía somente o ensino primário. Para os alunos que precisavam cursar o segundo grau, a empresa CBC garantia o transporte até a cidade de Caçapava do sul, sem despesas alguma para estes alunos. Deve-se dizer também que a empresa ajudava as escolas estadual e municipal. Tem-se notícia que na década de 1980, sem precisar-se exatamente a época, a empresa disponibilizava transporte para a faculdade URCAMP, Universidade da Região da Campanha, no município de Bagé.

Um fato que merece ser destacado, é que o transporte escolar que transportava os alunos para o segundo grau em Caçapava servia ainda às pessoas que moravam em regiões adjacentes as Minas do Camaquã. “Os filhos das pessoas que não trabalhavam nas minas, mas que moravam perto ia para escola também” comentou o entrevistado.

Diante do que se relatou, pode-se dizer que a CBC garantia uma boa estrutura educacional para seus funcionários. Deve-se dizer ainda que o ensino era de qualidade, com um quadro de professores que faziam parte do Estado, município e até mesmo da empresa. Comparando com outras regiões de mineração, pode-se enquadrar as Minas do Camaquã dentre as que melhores condições educacionais, ofereciam para a sua população. Substancia-se esta afirmação com a seguinte contribuição de Farah (1983 p. 69):

As empresas garantiam a educação aos filhos dos funcionários, em um padrão próximo aos oferecidos nos principais centros urbanos do país, no que se refere ao primeiro grau até a oitava série.

Deve-se dizer que Farah, apresenta em seu trabalho, este tipo de atendimento escolar para “Vilas com Equipamentos e Serviços de Alto Padrão”. Entende-se que por se tratar a educação de um importante recurso básico, ou seja, oportunidade de ascensão social para os filhos dos funcionários, a empresa deveria garantir esta como atrativo para os funcionários, dada a importância desta questão para este público.

3.3 As Relações Sociais nas Minas do Camaquã

O espaço das Minas do Camaquã representa parte de um processo evolutivo baseado na produção capitalista, onde o campo dos sentidos obedece a uma lógica voltada a reprodução do capital. Ao observar-se o campo dos relacionamentos, pode-se perceber que estes se baseiam sempre das necessidades existenciais de um determinado grupo em um tempo qualquer. Ao analisar esta questão nas minas, pode-se chegar a interessantes conclusões.

Fato importante para este trabalho trata-se da diversidade encontrada nas atividades executadas por ex-funcionários entrevistados, onde se pode coletar informações de naturezas variadas, principalmente no que confere ao tipo de relacionamento social existente nesta área durante o período CBC, quando esta região teria chegado no auge do processo produtivo, tempo este compreendido desde os anos 1940, quando foi fundada esta empresa, até a década de 1990, quando terminariam as atividades de extração de cobre.

Analisando-se as fontes coletadas, pode-se concluir que de uma maneira geral, as relações sociais eram boas, conforme comentou uma ex-funcionária da CBC que teria trabalhado nas minas na década de 1970. “Todo mundo era amigo, não existia polícia nas minas. ”As pessoas que moravam na vila São Luiz, eram integradas.” Conforme fora comentado anteriormente, na vila São Luiz, moravam as pessoas mais graduadas. Perguntado a respeito da interação destes moradores com as demais vilas, obteve-se a seguinte resposta: “Não tinha muito contato com o pessoal da vila Uruguai.” Nota-se que dentre todas as outras vilas da mina, selecionou-se primeiramente a vila Uruguai para tecer algum comentário a respeito do que fora perguntado. Ao analisar-se o padrão social das vilas, observa-se que na vila Uruguai, moravam quase que exclusivamente operários.

Outro comentário importante, que teria partido desta fonte, seria a questão das reuniões sociais, os bailes que existiam na mina. “Houve um tempo em que os bailes eram para todos. Mas em certo momento, alguns funcionários começaram a demonstrar maus comportamentos nos bailes. Bebiam muito e dançavam de maneira “estranha”. Daí o pessoal começou a se retirar”. “Como que alguém de família, uma pessoa de bem, poderia, frequentar um ambiente destes”, completou o entrevistado. Questionando-se sobre as pessoas que possuíam os “maus comportamentos”, pode-se obter a seguinte resposta: “Eram operários, pessoal da Uruguai, quase sempre”.

Analisando estas últimas afirmações, nota-se uma nítida separação social dentre as pessoas que moravam nas minas, onde o espaço de convivência social era claramente distinto. Deve registrar que se observou certa semelhança de opinião, quando questionou-se sobre os mesmos assuntos para diferentes fontes que pertenciam aos mesmos escalões sociais do qual fora extraídas estas últimas informações. O espaço relacional de um determinado grupo social, guarda suas características existenciais sendo por tanto o reflexo do comportamento.

O capital quando considerado, apresenta as suas próprias nuances, com diferentes espacialidades coexistindo em um mesmo tempo, uma vez que é exatamente na contradição social que este reúne subsídios para a sua reprodução.

E se pode dizer também, em nível de abstração e generalidade ainda mais alto, que é o próprio princípio básico de materialismo histórico o que afirma que em qualquer forma de sociedade, são as condições de produção que fundamentam o modo em que organiza o conjunto da vida social, que é derivado da análise do presente. (TORRES, 2004 p.193).

Seguindo-se esta linha de pensamento, a classe operária nas Minas do Camaquã, apresentava-se com características que substanciavam as suas diferenças para os demais

grupos sociais deste espaço. Pode-se concluir, a partir dos relatos, que existiam fortes traços de união dentre esta classe, característica marcante estes grupos.

Na medida em que a grande indústria se desenvolve, a base mesma em que a burguesia assentou sua produção e apropriação foge sob seus pés. O que ela produziu, antes de tudo, foram seus coveiros... , a burguesia não forjou somente as armas que a liquidarão, ela produziu além delas os homens que manejarão estas armas, os trabalhadores modernos, os proletários. (MARX apud TORRES, 2004 p.183)

E mais adiante Marx ajunta:

Logo, os operários se ensaiam em coalizões contra os burgueses: Agrupam-se para defender seu salário. Eles chegam até mesmo afundar associações duráveis para construir provisões em vistas de revoltas eventuais... De tempos em tempos, os trabalhadores saem vitoriosos, mas seu triunfo é efêmero. O verdadeiro resultado de suas lutas não é o sucesso imediato, mas a união, cada vez maior, dos trabalhadores... Esta organização dos proletários numa classe e, depois num partido político é constantemente destruída pela concorrência dos operários entre eles. Mas ela renasce incessantemente, sempre mais forte, mais sólida, mais potente. (MARX apud TORRES, 2004 p. 185).

A partir das entrevistas qualificadas em abril de 2008, constatou-se que existia muita união entre este grupo. De uma maneira geral, existia uma boa relação e uma forte tendência em preservar este grupo. “Se alguém errasse alguma coisa, ninguém entregava o companheiro.” Certa vez, um colega meu, deixou um explosivo detonar antes da hora, sem avisar os outros. Houve a explosão mas ninguém ficou ferido” Quase houve morte mas não se falou nada para os encarregados, por que poderia perder o emprego.” Conforme se observa nestes relatos, existia uma união entre os operários. Toda esta cumplicidade existente entre a classe operária teria dado origem ao Sindicato dos Trabalhadores no início dos anos 1980.

Neste período começa a notar-se uma maior mobilização da classe operária, incentivados pelo contexto político marcado por grandes transformações por várias partes do Brasil. Paralelamente a fraqueza estrutural do regime ditatorial, que começava a finalmente chegar ao seu fim, tem-se um intenso movimento sindical, não somente no país, mas em toda a América Latina.

A tomada de posição da classe trabalhadora no Brasil, ressurgindo o movimento sindical e grevista, se constitui num fator preponderante para imprimir nova direção nas organizações sindicais trabalhistas. Ao deflagrar as greves de 1978 e 1979, por melhores salários ou outras reivindicações, os operários ignoraram a legislação sindical repressiva e abriram caminho para a luta pela conquista da liberdade sindical. (VOLPATO, 1983 p. 138).

Este exemplo exposto se trata da organização do Sindicato Trabalhista de Criciúma em Santa Catarina demonstra a luta por melhores condições na extração de carvão das ricas reservas carboníferas desta região. Trata-se de um caso que contribui para entender o contexto desta organização da classe trabalhadora no Brasil.

Partindo-se deste princípio, tem-se o caso das Minas do Camaquã, onde passaria a se verificar esta movimentação por motivos anteriormente relatados. Segundo o que se pode constatar, o sindicato trouxe significativas melhorias para os trabalhadores. Mas por um outro ponto de vista, pode-se dizer que o sindicato, retirou algumas obrigações da empresa CBC, no momento em que empenhava-se em tomar a frente dos problemas a serem resolvidos. “Pode-se dizer que com o Sindicato, se perdeu e se ganhou ao mesmo tempo”, relatou uma das fontes entrevistadas. De acordo com as informações colhidas, teve-se notícias de que na saúde observaram-se alguns prejuízos. “No tempo em que a CBC era responsável, tínhamos tudo”. “Quando tivesse algum caso de doença que não podia ser resolvido na mina, a empresa garantia todos os custos para os funcionários serem atendidos fora. Quando começou o sindicato a empresa transferiu as obrigações para este, deixando para ele a tomada de decisões. Acontecia que nem sempre o sindicato possuía verba para tratar dos doentes”, relatou-se durante as entrevistas.

Por outro lado, deve-se ao sindicato dos trabalhadores da mina, a conquista pela Comissão Interna de Prevenção contra Acidentes, a CIPA, onde teve-se significativas melhorias no setor de Segurança do Trabalho, conforme comentou-se no período onde se trabalhou esta questão. Analisando-se os fatos registrados, pode-se obter alguma noção do cotidiano nas Minas do Camaquã, ao menos no período CBC.

Deve-se dizer que todos os entrevistados em abril de 2008, ou ainda todos aqueles que se pode constatar, que tiveram algum vínculo com as minas, afirmaram que o tempo em que moravam nas minas, “Eram tempos muito bons”. “Tenho saudades dos tempos da mina” relataram alguns. Observa-se que este tipo de opinião, pode ser registrado, tanto entre os operários como entre os graduados e funcionários administrativos da CBC. Pode-se perceber esta satisfação com a vida na mina a partir deste relato: “Quando alguém queria ir para as minas para trabalhar, diziam que esse queria “arrumar” os dentes ou casar”.

Analisando-se os fatos, percebe-se que este sentimento estava diretamente relacionado ao vínculo profissional destes funcionários com a empresa. Ao longo deste trabalho, pode-se observar que os serviços básicos como saúde, educação, habitação, alimentação, eram garantidos pela CBC. Outra questão é que de acordo com o que pode-se perceber, as Minas do Camaquã, estavam dentre as estruturas que melhor qualidade de vida apresentava para seus

funcionários, podendo-se analisar diversas variáveis, como acesso a educação de qualidade, boas condições de serviço para a saúde, transporte, dentre outros recursos oferecidos por esta empresa. Ao conversar sobre a remuneração dos funcionários, obtiveram-se várias informações dos mais variados setores funcionais, concordando com a satisfação a respeito deste. Muitos trabalhadores quando terminaram as atividades de extração de cobre, poderiam construir suas casas com o dinheiro que tinham recebido e guardado durante o período em que trabalharam nas minas. Também se teve o relato de que muitos não conseguiram construir suas casas, mas este motivo se explica pelo fato de algumas pessoas, quando moravam nas minas, possuíam um padrão de vida muito consumista, onde, por tanto não teriam feito as suas reservas. Como se pode perceber, as pessoas no geral possuíam um poder aquisitivo, explicado pelo fato da empresa garantir o acesso aos bens básicos e ao mesmo tempo uma boa remuneração aos seus funcionários.

De acordo com o que se colocou no início desta discussão, a nossa relação social, está diretamente relacionada como o suprimento de nossas necessidades existenciais. E, quando analisamos os fatos a partir de uma óptica capitalista, regime do qual quase todos fazem parte, uma boa casa, saúde e dinheiro, praticamente reúnem as condições para uma existência plena. A partir do momento, em que se conquista uma satisfação material, os relacionamentos sociais tendem a ser bons, princípios que rege a vida da maioria das pessoas. Sabendo-se desta realidade, todo e qualquer empreendimento que tem por objetivo o estabelecimento de uma estrutura mais sólida, deverá sanar as necessidades primárias de seus trabalhadores.

Partindo desta afirmativa, pode-se dizer que a CBC, fez uso deste principio, uma vez que pode administrar as atividades extrativistas nas Minas do Camaquã, por aproximadamente 50 anos. A seguir apresentar-se-á alguns exemplos semelhantes ao caso estudado.

A qualidade dos equipamentos comunitários assim como sua gestão, participaram decisivamente na obtenção de uma alto índice de fixação dos empregados à empresa, principalmente nos níveis operários e médio, o que tornou possível encontrar nas vilas até netos de alguns dos primeiros empregados.

Como se pode observar, existe certo padrão nas vilas de mineração que as incluem no modelo Company Town no Brasil. Quando levado em consideração a situação social brasileira carente de políticas que possam garantir as necessidades à população, acentua-se ainda mais esta tendência de tentar-se encontrar juntamente a estes empreendimentos, possibilidades de um padrão de vida melhor, uma vez que conforme se trabalhou, existe uma certa garantia não somente de emprego, mas também de acesso a bens básicos sociais para a família dos trabalhadores.

3.3.1 A Identidade “Mineira”

É da natureza humana o apreço pelos locais de seu convívio. A personalidade possui em grande parte fortes traços do espaço cotidiano. Habitar, trabalhar, deslocar-se, divertir-se, trata-se de ações que quando repetidas, tornam-se um hábito caracterizando portanto o habitat. “Ocupar como moradia; residir; morar; viver; estar”, consiste na definição deste termo pelo Pequeno Dicionário da Língua Portuguesa.

Claval (2001 p. 123), apresenta a seguinte idéia:

Os membros de uma civilização compartilham códigos de comunicação. Seus hábitos cotidianos são similares. Eles têm em comum um estoque de técnicas de produção e de procedimentos de regulação social que asseguram a sobrevivência e a reprodução do grupo. Eles aderem aos mesmos valores, justificados por uma filosofia, uma ideologia ou uma religião compartilhada.

Claval expõe de maneira clara esta propriedade humana em envolver-se com o meio. Além disso, por pertencer a uma sociedade, existe uma necessidade inata do ser humano em fazer parte de algum grupo, pertencer a alguma agremiação, possuir uma identidade. Pode-se dizer necessidade e consequência ao mesmo tempo dada a universalidade do pensamento humano. Diante do exposto, entende-se que o espaço social nas Minas do Camaquã, possui suas especificidades, que diferenciava do seu entorno regional. O fato de esta localidade apresentar-se isolada dos meios urbanos adjacentes e a natureza da atividade extrativista garantiam um padrão social diferenciado dos demais. O ritmo de vida orientado pela empresa, proporcionava a formação de um espaço relacional praticamente isolado, sob controle total da empresa.

Com as necessidades básicas garantidas e um bom retorno monetário pelos serviços prestados, o espaço relacional dentre as pessoas que moravam nas Minas do Camaquã era amistoso conforme se pode constatar nas entrevistas qualificadas. Praticamente todos foram unânimes em demonstrar saudades pelos tempos vividos nas minas. Justifica-se esta afirmativa pelos motivos já apontados, onde a garantia de um bom padrão de vida era sinônimo de tranquilidade. Percebe-se que a atmosfera satisfatória com o ritmo de vida nas minas representava um forte subsídio para que formasse um sentimento de apego pelo lugar descrito. Fato que provavelmente contribuiu para a formação de uma identidade local.

Segundo as entrevistas qualificadas, em quase todos os setores existiam trabalhadores de diversas regiões do estado, país e outros países do mundo. “Moravam pessoas de vários

lugares como Paraná, Santa Catarina, São Paulo, Bahia”...” Existiam pessoas do Chile, da Bélgica”. Muitos que trabalhavam nas minas eram de outras cidades como Cachoeira do Sul, Passo Fundo, Uruguaiana...” Nota-se que existiam pessoas das mais diferentes procedências. Toda esta diversidade de culturas coexistindo em um mesmo espaço, por sua vez, formava um espaço social diferenciado da região.

Por estarem todos muito distantes de seus lugares de origem, provavelmente estes se apegavam a outros costumes, hábitos criados a partir do convívio nesse espaço de trabalho. Deve-se apontar o fato comentado anteriormente da necessidade humana de pertencimento a alguma comunidade, grupo. Ao mesmo tempo em que deixava-se um tipo de cultura, passava-se a praticar um novo tipo de convívio social, o que provavelmente, contribuiu para a formação desta identidade que vem sendo descrita.

As culturas mostram-se freqüentemente com um nível elevado de plasticidade: nada pode frear a incorporação de elementos novos quando são apresentados como substitutos ou complementares dos já existentes. O vocabulário enriquece-se e evolui. Os quadros classificatórios aplicados ao mundo transformam-se. Novas seqüências de causalidade são evidenciadas e permitem obter melhores resultados. (CLAVAL, 2001 p. 87).

Pode-se concluir que, a identidade “mineira” deve-se basicamente a dois fatores. Primeiramente aponta-se como variável determinante, a questão do padrão de vida vivenciado por esta população e sua satisfação pessoal. Em segundo lugar acredita-se que a diversidade cultural das pessoas que moravam nas minas tratava-se por si só de uma variável considerável para a formação de uma identidade. De acordo com as entrevistas qualificadas, pode-se apresentar as seguintes informações a este respeito: “Existiam muitos que se diziam mineiros. No início dos anos 1980, surgiu o desejo de emancipação da mina. Deve-se dizer que no presente período, residiam cerca de 5000 pessoas sendo 1200 funcionários, e o restante composto por familiares destes. A emancipação foi negada pelo município de Caçapava do Sul. Este episódio substancia o que vem sendo descrito a respeito da identidade local.

Atualmente é realizado, anualmente, o Encontro dos Mineiros, espaço de grande confraternização dentre os ex-funcionários das minas. “É muito bom, muitos até se emocionam fortemente”, comentou uma das fontes dirigindo-se a estes encontros. Criou-se uma página na internet para fins de se estabelecer uma rede de contatos de mineiros, onde existem fotos e relatos que remontam aos tempos vivenciados nas minas. Na estação rodoviária de Caçapava do Sul, os horários dos carros que deslocam-se até as minas, são

designados de “mineiros”. “Ainda hoje se pergunta que horas chega o mineiro”, comentou uma das fontes, fazendo menção a chegada de ônibus que vem das Minas do Camaquã.

3.3.2 As Relações de Poder

A natureza humana tem como necessidade a criação de valores e sentidos ao meio externo para bem de propagar sua existência enquanto sociedade. Ao escutarmos o som propagado pelo ponteiro que indica os segundos de um relógio, tem-se a noção do tempo. Quando se observa uma folha seca caída em uma calçada, este tempo adquire uma conotação espacial. Tratam-se desta forma, o espaço e o tempo necessários para a apreensão do mundo, onde estes se apresentarão de acordo com as especificidades de uma determinada sociedade.

Os componentes do espaço são os mesmos em todo mundo e formam um continuum no tempo, mas variam quantitativamente e qualitativamente segundo o lugar, do mesmo modo que variam as combinações entre eles e seu processo de fusão. (SANTOS, 2001).

Nas Minas do Camaquã teve-se uma conformação espacial de acordo com o ritmo da extração do cobre. Quando em 1942, é fundada a CBC, tem-se um aumento na produção, o qual teria como reflexo o estabelecimento de uma estrutura urbana, diferente de outros estágios de extração de cobre quando, pode-se verificar que existiam apenas assentamentos de caráter provisório. Esta variação espacial citada por Santos ganha impulso quando o ritmo da produção manifesta-se.

De acordo com A.Schimidt (1971:116), a tese de Marx segundo a qual a psicologia só poderia tornar-se uma ciência com um conteúdo real se ela não fosse separada da história da produção teria dependência entre relação às formas tomadas pelas atividades dos homens na transformação dos objetos materiais. Para este psicólogo, as formas especificamente humanas da percepção não são apenas a precondição de atividades humanas específicas, mas também seu produto. (SANTOS, 1996 p. 71).

Assim, verifica-se que no período CBC, o capital passa a atuar mais pronunciadamente neste espaço, influenciando o estabelecimento de uma sociedade inteiramente organizada de acordo com os interesses da empresa. Nos assentamentos do tipo Company Town, o domínio exercido pela empresa, sobre os moradores é total, subordinando-os integralmente, à sua influência e ao seu controle. Sendo não apenas a empregadora, mas, também a proprietária das moradias e dos equipamentos sociais, esta determina as regras a serem cumpridas tanto

no trabalho como fora dele. De acordo com a contribuição das fontes entrevistadas, teve-se a confirmação desta presença da empresa nas Minas do Camaquã.

Alguns ex-funcionários da CBC durante as entrevistas qualificadas, citaram a questão das casas multifamiliar como métodos de controle social. “Existiam casas juntas para se evitar motins, onde as conversas podiam ser escutadas por entre as paredes que não possuíam isolamento algum para o som.” “As conversas podiam ser escutadas por várias pessoas e assim evitar qualquer tipo de levante”, completou um dos entrevistados. O controle da empresa podia ser verificado de diversas maneiras, porém por uma minoria de pessoas que possuíam maior grau de instrução.

A empresa estava presente em todas as esferas sócias conforme se pode observar nesta explanação: “Quando os empregados tinham folga, freqüentavam os bares da mina.” “Nestes lugares todos os seus funcionários eram da CBC, onde estes exerciam o controle do pessoal que freqüentavam os bares.” “Os bares podiam funcionar somente até as 21horas, depois tinham que ser fechados por ordem do presidente.”

Conforme vem sendo defendido neste trabalho, o capital usa das mais diversas maneiras para a sua reprodução. Este tipo de controle quando repetido constantemente, torna-se um hábito, uma regra permanente.

A partir do momento que um hábito cristaliza-se em meio às relações sociais, passa a exercer grande influência sob a tomada de consciência dos atos de uma determinada sociedade. Está em concordância com esta idéia a seguinte contribuição:

O indivíduo que percebe uma associação de entidades atuais, é ele próprio um modo da criatividade última do universo. Ele é um reflexo do universo do qual como uma entidade, ele jamais pode ser independente. Ele é o universo nesta posição. (LESLIE apud SANTOS, 1996 p. 69).

Ainda nesta direção, tem-se que:

Jakubowsky, o diz de forma muito clara quando afirma que a relação de consciência ao Ser só pode ser compreendida corretamente quando o Ser é apreendido dinamicamente como processo. Ele adquire então sua forma rígida de objetividade. As coisas particulares na superfície do Ser social são tiradas de seu isolamento e concebidas como processo no quadro da totalidade social. (SANTOS, 1996 p.68).

Para que se possa colocar em prática determinado tipo de atitude, deve-se possuir uma base sólida que garanta a manutenção da “ordem” em todas as esferas. Segundo as entrevistas qualificadas, o presidente da CBC, Francisco Baby Pignatari, exercia grande controle nas relações sociais nas Minas do Camaquã. De acordo com algumas informações obtidas, as

atitudes colocadas em prática para bem da manutenção da “ordem”, muitas vezes chegavam a extremos, conforme este relato: “Uma vez, próximo a pista de decolagem do avião do Pignatari, existiam algumas casas de barro, “ranchos,” que não faziam parte da área das minas. Pignatari tentou comprar estas moradias, porque prejudicavam a estética do local, uma vez que por aquela pista de vôo, passavam pessoas muito importantes. Quando Pignatari soube que as pessoas recusaram-se em vender suas casas, mandou um trator passar por cima destas, ameaçando os moradores”, fato que não se sucedeu.

Um dos segredos para a manutenção de qualquer tipo de empreendimento. Está na maneira pelo qual é exercida a relação de controle sobre os funcionários. Ao mesmo tempo em que existiam muitas restrições sobre a sociedade, a empresa, além de garantir o acesso aos bens primários sociais, possibilitava vários espaços de confraternização para os funcionários. Muito famosos, tornaram-se os churrascos proporcionados pela empresa. “Quando chegava o avião de Pignatari, já se sabia que ia ter churrasco.” Segundo alguns relatos eram grandes eventos, onde toda a comunidade, além de pessoas de regiões adjacentes às minas, também participavam. Quando este se fazia presente nas Minas do Camaquã, era visto com frequência em meio aos operários. E todos os Natais, as crianças, filhos de todos os funcionários, recebiam presentes da empresa. “Quando chegava o Natal, a gurizada já sabia que ia tomar refrigerante e comer sanduíche”, relatou-se durante as entrevistas.

Pode-se notar que a maioria das pessoas, não somente as entrevistadas, mas também outras fontes que contribuíram para esta pesquisa, concordaram no sentido de relacionarem-se ao presidente como sendo uma “pessoa muito boa.” Conclui-se desta forma que o controle social nas Minas do Camaquã fugia à percepção da maioria da população.

3.4 A Segregação do Espaço nas Minas do Camaquã

De acordo com o que se trabalhou anteriormente, o capital possui várias estratégias para sua reprodução, dentre elas um grande controle social. Esta questão pode ser analisada no comportamento espacial dos centros urbanos. Tem-se o espaço urbano como resultado de uma dinâmica contraditória e combinada. Em uma mesma estrutura, pode-se observar a concentração de riqueza com bairros luxuosos e sua infra-estrutura devidamente urbanizada, ao mesmo tempo em que se tem a formação de grandes bolsões de miséria formada pela classe trabalhadora excluída das necessidades básicas sociais com saneamento, pavimentação, iluminação pública, entre outros. Fazendo menção a este problema pode-se retirar uma importante afirmação de Andrade (1986 p.74):

A origem da segregação residencial remonta ao próprio aparecimento das classes sociais e da cidade, as quais se verificaram ao mesmo tempo, sendo anteriores à emergência do capitalismo. A cidade asteca de Tenochtitlán e a cidade Kmer de Angkor Thon, no atual território cambojano, apresentavam uma organização espacial caracterizada pela presença da elite junto ao centro cerimonial e da população pobre na periferia.

Mas o capital adapta-se e apresenta-se de acordo com as especificidades do espaço.

É no capitalismo, contudo, que a segregação residencial torna-se mais complexa, à medida que se amplia com processo de estruturação das classes sociais, e seu fracionamento. Novos modelos espaciais de segregação aparecem impulsionados pelos diferentes agentes da organização espacial urbana: proprietários fundiários, incorporadores imobiliários, industriais, articulados em maior ou menor grau aos bancos, e o Estado. (Andrade, 1986).

Na vila das Minas do Camaquã, o acesso aos bens sociais de primeira necessidade eram garantidos a todos as esferas por motivos já apontados. Entre tanto, podia-se observar uma nítida segregação sócio-espacial no que diz respeito à localização das residências e as pessoas residentes nestas. Conforme se apontou em páginas anteriores, a vila São Luiz concentrava quase que a totalidade das casas unifamiliares existentes nas Minas do Camaquã.

Ao verificar-se o perfil social dos moradores desta vila, perceber-se que a maioria eram pessoas de maior grau instrução. Pode-se perceber que a separação social entre as pessoas não se restringia somente na diferenciação entre as vilas, mas também no interior das próprias localidades. A vila São Luiz, local onde residiam os escalões administrativos, engenheiros, geólogos, professores, dentre outros, foi construída em uma área de topografia acidentada, no caso o Cerro João Dias, onde teria se iniciado a extração de cobre e conseqüentemente os assentamentos, conforme se tem trabalhado.

Segundo algumas entrevistas qualificadas, o que se pode analisar é que algumas residências estariam localizadas de acordo com a posição social de cada proprietário. No flanco inferior do morro, ficavam as casas dos operários, entre os poucos que residiam nesta vila. Seguindo-se a escala social vinha os “Encarregados”, responsáveis pelos setores os quais possuíam cargos importantes. Seguidamente na parte superior a estes últimos, localizavam-se a os engenheiros e geólogos e mais acima a casa da presidência, diretores e superintendentes das minas. Complementando esta questão da segregação residencial, acrescenta-se ainda a seguinte questão. Quando se perguntou a respeito do convívio social dentre os moradores das vilas, pode-se perceber que existia uma nítida distância entre estes. “Não se tinha muito

contato com o pessoal da vila Uruguai”. “Mas o pessoal da São Luiz, todo mundo tinha um bom relacionamento”. “O pessoal do escritório, da contabilidade do almoxarifado eram todos integrados”, completou a fonte entrevistada.

Analisando-se este último relato, pode-se chegar a alguns entendimentos. Quando se tratou do “pessoal da Uruguai”, observa-se uma clara separação dentre as vilas. Deve-se considerar que na vila Uruguai, a maioria se não a totalidade de seus habitantes eram operários, fato que justificava esta distância. A este respeito pode-se acrescentar a seguinte contribuição de Moreira (1985 p. 92):

O espaço organiza-se segundo a estrutura de classes do lugar e a correlação de forças que entre elas se estabeleça. Espaço da existência dos homens, o espaço geográfico traz estampado na suas frações seu vincado caráter de classe. A própria paisagem encarrega-se de revelar o caráter de classe de uma favela, de um bairro operário ou de um bairro de classe média. Assim, a estrutura de classes da sociedade traduz-se como um espaço estruturado em classes. Cada classe social define seu espaço próprio de existência.

Dentro desta perspectiva apontada por Moreira, defende-se a opinião de que claramente, o capital impõe suas regras e usa das mais diversas maneiras para a sua reprodução.

Existem práxis individuais e existem práxis sociais. Mas, o próprio nome de “sociedade organizada” supõe a precedência das práxis coletivas, impostas pela estrutura da sociedade, e às quais se subordinam as práxis individuais. Ora, o espaço por suas características e por seu funcionamento, pelo que quase oferece a alguns e recusa a outros, pela seleção e localização feita entre as atividades e entre os homens, é o resultado de uma práxis coletiva que reproduz as relações sociais. (SANTOS, 1996 p. 71).

Entende-se a segregação residencial como manifestação desta propriedade do capital em reproduzir-se. De fundamental importância para esta questão, tem-se a citação de Corrêa (1986 p.74):

Como a segregação residencial viabiliza a reprodução das classes sociais e suas frações? Pelo fato de as áreas residenciais, diferenciadas entre si, mas razoavelmente homogêneas quando consideradas internamente, configuram meios distintos para a interação social da qual os indivíduos derivam seus valores, expectativas, hábitos de consumo e estado de consciência. A partir do bairro, enxerga-se a cidade e o mundo. Um bairro e seu sistema de valores possibilitam maior reprodução do grupo social que ali vive. A final de contas espera-se que nas localidades, onde residem os capitalistas, esteja sendo forjada a próxima geração dos mesmos. Do mesmo modo, de um bairro de empregados, do comércio, de bancos e escritórios, espera-se que saiam os futuros empregados destes setores.

Corrêa poderia ter completado ainda esta questão dizendo que do bairro operário provavelmente saíram futuros operários. Fato que reforça esta situação, está na questão que fora apontada em páginas anteriores. Ao longo das entrevistas, pode-se perceber que houve a manutenção da condição social dos colaboradores deste trabalho. Pessoas de níveis superiores como geólogos e gerentes, por exemplo, ainda hoje continuam exercendo funções de acordo com sua condição social, como professores e profissionais liberais bem sucedidos. Dos operários entrevistados, pode-se verificar que estes também seguiram dentro do mesmo padrão social, tendo como exemplo pessoas deste escalão que se ocupam como freteiros, porteiros, pedreiros, entre outros que se pode observar.

Justifica-se desta forma a idéia que vem sendo defendida ao longo deste trabalho onde o capital atua minuciosamente interferindo em distintas maneiras possíveis para a sua reprodução.

A estratificação funcional da sociedade trata-se de um princípio capitalista no qual reside uma de suas mais importantes variáveis no sentido de assegurar a sua reprodução. Na prática do dia-a-dia ocupam-se diversos espaços que por motivos diversos possuem familiaridade ou estranheza dependendo da concepção filosófica do indivíduo. Ao longo da vida aprende-se o mundo segundo as experiências herdadas e adquiridas de um determinado contexto social.

Partindo-se da idéia de que o nexos do sistema capitalista trata-se da reprodução/acumulação do capital, este necessita de ambientes que favoreceram subsídios a sua existência. Para isso, passa-se a conceber o mundo a partir da condição social de cada indivíduo dentro da cadeia produtiva. Quando este pensar torna-se prática inúmeras barreiras psicológicas passam a existir em meio ao espaço das relações.

Nas Minas do Camaquã, como em qualquer outro espaço cujo pensamento capitalista predomina, constatou-se que existia uma acentuada segregação social. Conforme fora comentado em períodos anteriores, esta questão não era percebida pela grande maioria por motivos já explanados. Esta relação era observada nas diversas situações, conforme se pode perceber com os relatos dos ex-moradores. Existiam os já comentados alojamentos para solteiros. Segundo o que se pode constatar nas entrevistas qualificadas, o tratamento para o público solteiro de maior grau de instrução era diferenciado. “Existia até uma camareira para arrumar as casas dos solteiros mais graduados”, segundo alguns relatos. Mas o principal tipo de divisão entre as classes nas Minas do Camaquã dava-se no espaço do convívio social. Existia a “orientação de se estabelecer um relacionamento que enfatizasse a posição social de

cada um Para isso, cada pessoa quando mencionada, deveria primeiramente aparecer o cargo que desenvolvia antes do nome, por exemplo: O engenheiro Paulo, o gerente João...

A este respeito, pode-se acrescentar a seguinte contribuição:

Assim, a estrutura de classes da sociedade traduz-se como um espaço estruturado em classes. Cada classe social define seu espaço próprio de existência. Mesmo onde os estratos entrecruzam, as classes são espacialmente visíveis. A corriqueira expressão “ponha-se no seu lugar” com que o dominante refere-se ao dominado numa sociedade de classes (só numa sociedade de classes há dominantes-dominados, isso é evidente) tem clara significação espacial. (MOREIRA, 1985 p. 93).

Desta significação espacial citada por Moreira pode-se perceber que praticamente todos os entrevistados seguiram na mesma condição social em que encontravam-se a 15 ou 20 anos nas Minas do Camaquã, conforme se comentou em outras páginas. Feita esta ressalva, conclui-se a idéia de Moreira(1985 p. 93), onde:

Mas o próprio caráter de dominante dominado contido na metáfora espacial “ponha-se no seu lugar” revela que antes de uma diferenciação, a estrutura de classes tem uma base na exploração do homem pelo homem. A condição de dominante dominado de uma estrutura de classes, explica por que as lutas são agudas entre elas.

Diante desta nítida segregação espacial algumas ações passaram a ser tomadas. Em 1978, seria fundado o Clube dos Funcionários que trabalhavam nas minas, desvinculado da CBC. Até o período observado, existia o clube dos Engenheiros, onde era negada a entrada de pessoas do baixo escalão, somente geólogos, engenheiros e equipe diretiva. A este respeito, podem-se obter algumas informações interessantes. Perguntado a um ex-trabalhador das minas que, ocupava o setor operário, a respeito desta questão do clube dos Engenheiros obteve-se a seguinte informação: “Não podíamos entrar lá”. “O clube funcionava somente para “reuniões” do pessoal da CBC”, completou este. Nota-se que existia uma tentativa de disfarçar os reais motivos que impediam a entrada destas pessoas, por parte da classe que freqüentava este espaço.

Devido ao distanciamento entre as pessoas nas Minas do Camaquã observou-se de onde originaram-se algumas opiniões alusivas a este tipo de comportamento. “O povo quando ia chegar perto dos engenheiros, achava muito difícil, comentou um dos entrevistados. Nesta atmosfera marcada pela opressão do capital, pode-se incluir a seguinte contribuição:

É sempre nas relações imediatas entre os donos das condições de produção e os produtores diretos onde se deve buscar o segredo íntimo, o fundamento escondido de toda estrutura social, assim como forma política das relações de soberania e

dependência, em resumo da forma de estado numa época histórica dada.” (MARX apud TORRES, 2004 p.193).

3.5 O Último Período da Fase CBC: O Final da Mineração

A seguir, apresentar-se-á trechos da entrevista: “Áreas Mineradas: O Fechamento de Minas”:

Empresas mineradoras, governos, entidades ligadas ao setor e pesquisadores se reuniram nos últimos dias 28 e 29 de maio de 2008 para o seminário “Encerramento de Mina: Aspectos Ambientais e Socioeconômicos”, que aconteceu em Belo Horizonte. Promovido pelo Instituto Brasileiro de Mineração (IBRAM) e pela Fundação estadual de Meio Ambiente (FEAM), de Minas Gerais, o encontro teve como proposta fundamental iniciar um debate sobre quais as medidas econômicas, sociais e ambientais envolvidas no encerramento de uma mina de uso futuro das áreas mineradoras. Uma das convidadas do evento, a pesquisadora e professora da Universidade Federal do Pará, Maria Amélia Gonzalez, frisou a importância do encontro, já que a questão do encerramento de mina é pouco debatida ente a sociedade. A pesquisadora destaca que com os bens minerais têm caráter cíclico, uma mudança de valores no mercado mundial pode ocasionar não só o abandono de uma mina como também um golpe duro na economia. “Quando se fala em encerramento de mina, não podemos pensar somente na reabilitação física. É preciso ter outros olhares. É preciso que a sociedade tenha garantias que tudo o que foi planejado, será cumprido”, observa Maria Amélia. (REVISTA MINÉRIOS E MINERALES, 2008).

Analisando-se este trecho, nota-se uma semelhança com as realidades que passaram a existir nos últimos tempos nas Minas do Camaquã. Segundo as entrevistas qualificadas em abril de 2008, pode-se observar praticamente a mesma situação no que confere a mudança de valores do minério de cobre, fato que conseqüentemente agravou a situação no último período da CBC, conforme descreve-se em páginas posteriores. Seguindo-se ainda esta entrevista:

Mancin reconhece que quando o assunto é encerramento de mina, o Brasil ainda engatinha não só em soluções como em dados mais consistentes sobre o assunto. Há uma projeção do IBRAM, que em uma década, cinco minas devem encerrar sua produção. Apesar de ser um problema emergente, o diretor observa que ainda não foi feita nenhuma aproximação nem com essas mineradoras, tampouco com outros envolvidos no assunto, para ampliar esse debate. (REVISTA MINÉRIOS E MINERALES, 2008).

Esta seria mais uma questão ligada ao local de estudo. De acordo com o que se pode verificar, até o presente momento, desconhece-se, porém, não se descartando a hipótese da existência, de diálogos e ações mais comprometidas com a questão do fechamento das Minas

do Camaquã, fato que estaria em concordância, portanto com o que fora colocado neste último período analisado da presente matéria analisada. A seguir tem-se que

Durante sua palestra, Villas Boas destacou que para um encerramento de mina ideal é preciso que já no início do processo, e no decorrer da vida da mina, já se tenha planejado todas as ações para um fechamento. “Somente através desse estudo será possível planejar qual será a melhor maneira do encerramento de uma mina, contando, logicamente, com a influência da comunidade local que deverá participar desse processo”, afirmou o pesquisador. Villas Boas destacou algumas das principais minas do mundo o que foi feito nessas áreas após a vida útil da mineração. Ele lembrou o Projeto Édem, localizado em Cornwall, Inglaterra, onde foi feita a maior estufa já construída no mundo dentro de uma antiga área de mineração de caulim. Afirma que em outras áreas foi possível construir pistas de kart, campos de golfe, zoológicos. “Logicamente, cada caso é um caso, mas é importante que a área não fique inviabilizada”. (REVISTA MINÉRIOS E MINERALES, 2008).

Observando-se o artigo acima, nota-se que o assunto ainda tem muito por ser discutido. Conforme se pode perceber, a formação de espaços degradados pós-industriais é a resposta direta do atual dinamismo econômico. O problema ganha novas dimensões quando se tratam de minas abandonadas, cujos problemas ultrapassam a recuperação ambiental, chegando até a carência de soluções para a reabilitação dos assentamentos humanos oriundos deste tipo de atividade.

Característica comum dentro da atividade extrativista mineral trata-se do uso do espaço mediante contratos por tempo estipulado. O período de uma lavra é delimitado pela duração do contrato ou escassez das reservas minerais de uma região. Mas neste último caso, existem estudos prévios que apontam a quantidade de minério possibilitando-se o planejamento para o desenvolvimento das atividades. Segundo algumas fontes da entrevista qualificada em abril de 2008, já no final dos anos 1970, especulavam sobre o encerramento das atividades no local estudado. Segundo o que se pode pesquisar, a história econômica das Minas do Camaquã, registrou vários momentos de ativação e desativação da mineração. Nessa direção pode-se buscar em Corrêa, (1986), a seguinte idéia: “A ação do capital não se verifica de modo uniforme, quer em termos temporais ou espaciais. Há uma diferenciação espaço temporal nos investimentos de capital.” E nos anos 1970, não seria diferente.

Em 1974, o controle acionário da CBC, é adquirido pelo Banco Nacional de desenvolvimento, BNDE e Financiamento de Insumos Básicos FIBASE. Em dezembro de 1975, quando a condição deficitária da lavra se somou a desativação da única metalúrgica que utilizava o concentrado de cobre produzido nas Minas do Camaquã, foram suspensas as atividades de lavra a fim de se concentrar esforços na pesquisa geológica.

Apesar desta fase não muito boa na extração de cobre nas Minas do Camaquã, o momento econômico era favorável à este tipo de atividade. De acordo com (SANCHES, 1998 p. 318):

A exportação nacional entre 1970 e 1990, apresentou uma alteração básica expressa pela substituição do café como principal produto exportado, pela presença dos produtos industrializados, dos metais brutos, dos minerais (ferro principalmente) e dos produtos semi-elaborados.

Neste contexto, foi criado em 1976 o Projeto “Expansão Camaquã” reavaliando as reservas existentes nas minas Uruguai e São Luis. O estudo e prospecção destas reservas surgiam como uma importante oportunidade de revitalizar a extração do cobre nas Minas do Camaquã.

Neste contexto acrescenta-se a seguinte explanação:

Esta na crença de todos que, há muito, a solução para os problemas relacionados com a pesquisa, extração e industrialização do cobre, se constituam em um daqueles assuntos, que deveriam merecer prioridade absoluta, tal a sua importância e magnitude para o futuro econômico do Estado. Ninguém ignora que o cobre na sua prospecção, extração e industrialização é o fator de relevância indiscutível para o desenvolvimento e prosperidade da economia do Rio Grande do Sul. (Deputado Celestino Goulart, 1977: Presidente da Comissão Especial de Pesquisa e Extração do Cobre no Rio Grande do Sul).

Os resultados desta nova etapa de prospecção geológica eram satisfatórios conforme a afirmação de Artur Shneider, para o então Presidente Ernesto Geisel, em 1977:

Pelo o que conhecemos em relação ao assunto, as áreas mais promissoras do Estado são as da região das Minas do Camaquã. Como um parêntese, gostaria de relatar um detalhe interessante, relativo a reservas. Quando as Minas do Camaquã começou a funcionar, ela possuía uma reserva de 300000 toneladas de minério, mas os trabalhos de mineração de um modo geral, aumentaram consideravelmente as reservas e em pouco tempo as reservas dessa mina se duplicaram.

Também serve como afirmação a esta nova etapa a seguinte explanação:

A maior mina de cobre do Estado é a Mina do Camaquã, situada no município de Caçapava do Sul, com reservas totais na ordem de 15 milhões de toneladas de minério com teor médio de 1,0% de cobre. (SHNEIDER, 1977).

O estímulo para um grande empreendimento nas Minas do Camaquã era grande. As pesquisas revelavam importantes resultados conforme colocado anteriormente. Pode-se constatar tal afirmação com a seguinte citação adiante, onde:

Perguntado a respeito da estrutura para receber uma metalúrgica de obre no Rio Grande do Sul pelo Vice Presidente, Velasquez responde: Penso que apresentamos uma melhor infra estrutura, pois possuímos o porto de Rio Grande próximo a Caçapava ligada por estrada asfaltada; possuímos três estradas da a maior importância que cortam as minas; possuímos água em abundancia. (SHNEIDER, 1977).

Os novos estudos realizados pela CBC, a partir de 1975, multiplicaram por quatro as reservas até então conhecidas. Para este novo estagio econômico observado nas Minas do Camaquã, cabe uma reflexão mais profunda a respeito da situação brasileira observada para o período anteriormente descrito. Desta maneira, busca-se com Santos e Silveira, (2001p.48), a seguinte contribuição:

Esse período cria as condições para reativar o processo de enfraquecimento de todas as periferias, enquanto o país parecia refluir para o seu centro: Capitais privados, investimentos públicos, população, crescimento e pobreza. Esse ciclo, deverá durar até o fim dos anos 1970, quando a necessidade de novas orientações para a totalidade do corpo social, virão manifestar-se também no terreno político. A diminuição da atividade econômica que afetava o país, como um todo, parecia então, uma ameaça à continuidade do modelo. Para mantê-lo, era indispensável retomar a atividade, ao preço de investimentos públicos mais numerosos, e mais injeção de recursos para promover a exportação, mais proteção ao grande capital, menor retribuição ao trabalho, ao preço de uma política social ainda menos generosa, necessariamente, de uma ordem ainda maior no campo político-social.

Completa-se esta explanação, citando-se ainda os mesmos autores:

Uma nova divisão territorial do trabalho, esboça-se no Brasil a partir da necessidade de transformar os minérios, de produzir derivados do petróleo, e, a um só tempo, de substituir este recurso em alguns setores de circulação. E o momento de implantação de complexos e pólos industriais, em diversas regiões do país: O Complexo de Camaçari na Bahia, o Complexo siderúrgico de Itaqui no Maranhão, o Projeto Carajás, a indústria de derivados de cloro em Alagoas, o complexo eletrometalúrgico de Tucuruí. (SANTOS ; SILVEIRA, 2001,48)

Neste contexto, em abril de 1979 foi assinado solenemente, no Palácio Piratini, o contrato de financiamento entre BNDE e CBC para o novo plano de lavra. Em janeiro de 1980, sua Excelência o Governador João Amaral de Souza e o senhor Diretor do Departamento Nacional da Produção Mineral (DNPM), Engenheiro Yvan Barreto, detonaram a primeira carga de explosivos à lavra a céu aberto da mina Uruguai com a presença do Exmo Senhor então Presidente da CBC, Dr. Afonso de Oliveira, Diretor do BNDE. Os fatos marcantes desta primeira etapa foram:

Aprofundamento do poço principal da mina São Luiz, até 1300 pés (400 m); abertura da rampa com 2250m para uso de equipamentos autolocomotivos a diesel na mineração; aquisição de novas e maiores máquinas para mineração subterrânea e a céu aberto e reforma e ampliação da planta de contração quintuplicando a capacidade. (CBC, 1992).

Em fins de 1981, foi reiniciada a produção de concentrado. O BNDES, manteve seu compromisso de investir em pesquisas minerais no Estado, o que seria muito importante para a empresa, apesar da descoberta da grande mina de cobre na província mineral de Carajás no Pará. As limitações impostas pela Secretaria de Empresas Estatais, (SEE), às empresas do Governo atingiram em cheio a eficiência empresarial do empreendimento, pondo em risco sua estabilidade. Deve-se observar que provavelmente, estas dificuldades deviam-se ao processo de desestatização que ganharia impulso na segunda metade da década de 1980.

As elites dominantes, igualmente se articularam e procuraram também impor ao país, o seu novo modelo de desenvolvimento. No final dos anos 1980 e início dos anos 1990, o governo brasileiro passou a adotar as teses do FMI, e com elas a recessão econômica, o desemprego e o arrocho salarial. Como agente central dessas teses neoliberais, o governo Collor, em nome da modernidade, passou a implantar uma política de privatização das empresas estatais. Agora as elites econômicas procuraram consolidar no país, a presença das multinacionais, reduzindo o papel do Estado e empresários, absorvendo, junto com o capital internacional, as empresas estatais. Consolida-se assim, o processo de mundialização da economia brasileira. Capitais estatais e internacionais unificam seus interesses e consolidam os monopólios, oligopolizando-os internacionalmente. (SANCHES, 1998 p.316).

Complementando Sanches (1998), pode-se citar Santos e Silveira (2001), com a seguinte contribuição:

Este modelo, esta tanto mais presente quanto o mercado interno passa a ser objeto de uma preocupação residual. O abandono das preocupações com o mercado dito global e o resultado é, frequentemente, a recessão, o desemprego e o empobrecimento das populações.

Os fenômenos anteriormente mencionados estão estreitamente relacionados com o afastamento do Estado da elaboração de políticas industriais e de outras políticas produtivas, assim como de políticas de interesse social para esta época.

O próprio fato da globalização e a subordinação ao mercado dito global, conferindo um novo papel ao mercado, podem ser apontados como uma das causas do desequilíbrio do pacto federativo, já que a União precisa reunir forças mais concentradas e maciças para operacionalizar a economia globalizada. Isso tem um preço que é o seguinte: Para fazê-lo, tanto a nação quanto o território, devem ser desconsiderados, enquanto o próprio Estado renuncia às funções de regulação social e privilegia o seu papel de suporte da expansão das lógicas monetaristas. (SANTOS e SILVEIRA, 2001 p.305).

Com o projeto “Expansão Camaquã” houve uma revitalização na extração do cobre com uma considerável melhora na mecanização, com o aumento das galerias, e conseqüentemente uma melhora na produção. Mas apesar dos esforços, o empreendimento fracassou.

Na segunda metade dos anos 1990, a cotação do cobre estava em baixa no mercado internacional. “Com a estrutura, e o maquinário que tínhamos, se fosse levado em consideração os atuais preços do cobre, não teríamos parado”, afirma um geólogo entrevistado. O fato é que naquele momento, além do preço, também a profundidade do minério contribuiu para o enfraquecimento das atividades. Outra variável que pode servir de explicação, trata-se do processo de privatização, pelo qual a economia brasileira passaria a partir de 1989.

As privatizações no Brasil fizeram parte de mais uma etapa da organização do território nacional para o capital estrangeiro. Esta orientação brasileira aos interesses dos grupos capitalistas é mais uma das características que necessitam países como o Brasil, a seguirem rumo ao subdesenvolvimento. Esta de acordo com este raciocínio, a seguinte afirmação de Santos e Silveira (2001 p. 258):

Produce-se um efeito de entropia das empresas globais e das grandes empresas sobre as nações e os lugares, na medida em que, para melhor funcionarem, criam ordens para si mesmas e desordem para o resto. De modo geral e como resultado da globalização da economia, o espaço nacional é organizado para servir as grandes empresas hegemônicas e paga por isso, um preço, tornando-se fragmentado, incoerente, anárquico para todos os demais atores.

Assim sendo, em janeiro de 1988, o Governo Federal, aprovou reprivatizar a CBC, através de leilão público, que foi marcado para o dia vinte e um de outubro de 1988, na bolsa de valores do Rio de Janeiro. Segundo Moreira (2002 p. 316):

Somente a partir dos anos 1980, as práticas típicas do capitalismo monopolista (de Estado), começaram a ser abandonadas, seguindo as principais tendências da política neoliberal: Privatizações, eliminações dos monopólios estatais, atração de investimentos externos, abertura ao comércio exterior e fim da ingerência nas relações trabalhistas.

No dia vinte e quatro de outubro do mesmo ano, as gerências da CBC, encaminharam telex ao BNDESPAR, estudando a possibilidade da CBC ser adquirida pelos próprios empregados, nas mesmas bases do edital, o que foi aceito pela direção do banco em fins e novembro de 1988, confiante do êxito dessa primeira experiência no país de uma empresa ser

administrada pelos próprios empregados. Esta experiência, já havia sido vivenciada antes, conforme acrescenta Brondi *apud* Moreira (2002 p.325):

A febre da privatização e o impulso ao chamado neoliberalismo teve seu ponto de partida na Inglaterra, com a Primeira Ministra Margaret Thatcher. Mas mesmo a “Dama de Ferro”, fez tudo diferente do governo brasileiro: A privatização inglesa, não representou a doação de empresas estatais, a preços baixos, a poucos grupos empresariais. Ao contrário; Seu objetivo foi exatamente “pulverização” das ações, isto é, transformar o maior número possível de cidadãos ingleses, em “donos” de ações, acionistas das empresas privatizadas.

Em reunião no Rio de Janeiro, foram definidas as bases e as etapas, a serem cumpridas. Foi criada então a Bom Jardim S.A, cujo capital foi integralizado pela subscrição de ações por mais de 400 funcionários, em vinte de março de 1989. Apesar do exemplo descrito, sabe-se que a política de privatizações no Brasil, tomaria rumos diferentes conforme se pode observar através da explanação de Brondi *apud* Moreira (2002 p.326):

O Governo brasileiro implantou as privatizações a preços baixos, financiou os “compradores”, sempre alegando não haverem outros caminhos possíveis. A experiência de outros países, que a equipe do governo brasileiro conhecia muito bem, mostra que essa argumentação é falsa.

Para um esforço de reflexão a este momento de mudanças da economia brasileira, onde as Minas do Camaquã inserem-se, conforme vem sendo descrito, pensa-se ser de importante contribuição, o seguinte complemento de (BRONDI *apud* MORAES, 2002 p. 326):

No caso brasileiro, havia outro aspecto, que não apenas aconselhava, mas também exigia o caminho da “pulverização” de ações de empresas privatizadas. O governo já tem com os trabalhadores cerca de 50 a 60 bilhões de reais, representados pelo dinheiro do Fundo de Garantia por Tempo de Serviço, (FGTS) e do Plano de Integração Social/Programa de Formação de Patrimônio do Serviço Público (PIS/PASEP), usado por ele para financiar projetos diversos. Se todos os trabalhadores brasileiros, fossem sacar seu PIS ou FGTS ao mesmo tempo, descobririam que não poderiam receber, porque está “faltando” aquele dinheiro utilizado pelo governo. Isto é: Quando se diz que o governo deve a cada João, a cada Maria, a cada Antônio, a cada Joana, brasileiros, não é mera força de expressão. É a pura verdade. O governo poderia ter finalmente pago essa dívida aos brasileiros, entregando-lhes ações das empresas estatais.

Em maio de 1996, foram encerradas as atividades de extração de cobre nas Minas do Camaquã, devido a reservas economicamente lavráveis, terem se esgotado. A mina subterrânea teria atingido a profundidade de 500m da superfície. No mês de março do ano

seguinte, foi iniciado o processo de liquidação extrajudicial, por decisão da Assembléia Geral de 31 de março de 1997.

De acordo com alguns entrevistados, já se sabia desde 1988 sobre o término das atividades. Deve-se dizer que não houve a demissão dos funcionários, segundo algumas fontes. Em 1994, teria sido fundado o Calcário Mudador pela CBC, onde esta serviria de alternativa de emprego para os antigos funcionários. Relata-se que houve muitos investimentos, porém com pouco retorno. Alega-se que as máquinas e a estrutura da extração do cobre, seria utilizada no calcário. Como o preço da tonelada deste minério era bastante inferior ao preço do cobre, tornava-se caro a extração, devido ao uso da estrutura da extração do cobre possuir um alto valor em relação ao retorno da produção calcário. Outra alternativa, que buscou-se teria sido a criação da Mademina, atividade voltada ao florestamento de pinus e eucalipto e a produção de madeira. Mas esta atividade teria absorvido poucos funcionários. Muitos foram deslocados para a mina Santa Maria, pertencente ao complexo CBC, para trabalhar na extração de chumbo e zinco, nas proximidades da localidade do Paço do Caçõ, região adjacente às Minas do Camaquã. Com 800m de galeria, afirma-se nas entrevistas qualificadas de abril de 2008, que praticamente não foi explorada.

3.5.1 Síntese da CBC

1942 - 1945 - Em 02/09/1942 foi fundada a Cia Brasileira do Cobre. Em maio de 1944 o Interventor General Oswaldo Cordeiro de Farias inaugurou a nova operação de concentração com capacidade para 120 ton. de minério por dia. Devido a problemas conjunturais do após-guerra foram suspensos os trabalhos em abril de 1945.

Neste período ocorreram as primeiras construções que serviam de infra-estrutura a empresa, além das casas que originaram as primeiras vilas.

Em 1943 iniciou a construção do sobrado que abrigava os escritórios da empresa; em 1944 a construção do prédio da cooperativa dos funcionários e o início das vilas São Luiz e Santa Bárbara.

1952 Reinicia a lavra em março de 1952 e é suspensa em setembro do mesmo ano. Retomada novamente em março de 1953.

1954 Foram construídos a Escola e um Centro de treinamento e 1955 a pousada.

1956 - Ampliada a capacidade de beneficiamento para 800ton. de minério por dia. As instalações de tratamento de minério neste período ainda são junto à pedra do Engenho. Foi também construída a primeira casa da Presidência, conhecida como Casa Vermelha.

1957 - 1974 - Em 24 de janeiro de 1957 ocorre um aumento de Capital da CBC, sendo a maioria das ações subscritas pelo Grupo Pignatari que passa a ter o controle acionário.

Entre 1958 e 1968, através de contrato de assistência técnica, a Mitsubish Mining operou a mina, engenho e serviços de geologia.

A partir de 1969 as minas passaram a ser dirigidas pela equipe técnica da CBC, com orientação técnica da Geotemi e, em 1971, entrou em operação o novo Engenho com capacidade para 1.500 ton/dia de minério.

Também em 1971 foi organizado pelo Prof. Eros Farias Gavronski o Departamento de Geologia, destacando-se os trabalhos de:

- Unificação de sistemas de coordenadas topográficas de superfície e subsolo;
- Padronização da documentação da mina;
- Sondagem de superfície e subsolo totalizando 19.000 m.

1963 Nova barragem;

1964 Início das construções da Vila Uruguai;

1968 Foi colocada uma cruz em uma das pedras mais alta da região, passando a denominar-se Pedra da Cruz; nova Casa da Presidência; Supermercado, construído e mantido pela Empresa para o abastecimento dos operários;

1969 Na sede da fazenda de João Dias é inaugurado o Clube Minas do Camaquã; construído o Matadouro para o abastecimento de carnes;

1970 Construção do Cine Rodeio e de uma quadra esportiva próximo a este.

Em 1972 a população foi estimada em 3878 hab., destes 1460 eram funcionários. As continham já neste período, 485 casas.

1974 - 1975 - Em outubro de 1974 a FIBASE - Financiamento de Insumos Básicos, assumiu o controle acionário da CBC. Neste ano foi construída a piscina no Clube Minas e iniciou-se as obras da vila Bela Vista.

Em dezembro de 1975, quando a condição deficitário da lavra se somou à desativação da única metalurgia que utilizava o concentrado de cobre produzido nas Minas do Camaquã (Empresa Caraíba), foram suspensas as atividades de lavra, a fim de concentrar esforços na pesquisa geológica.

1976 - 1980 – Em 1980 foi implantado o Projeto Expansão Camaquã, iniciando-se uma nova escala de produção, passando de 1.500 para 5.500 ton/dia de minério. Nesta nova etapa além da lavra subterrânea da Mina São Luiz, também é lavrada a Mina Uruguai subterrânea e a Céu aberto.

1989 - O Governo Federal decidiu incluir a CBC no programa Nacional de Desestatização, realizando um leilão em outubro de 1988. Em 20 de março de 1989, os empregados da CBC fundaram a Bom Jardim S/A e adquiriram o controle acionário da CBC.

Analisando-se os fatos, pode-se verificar que a tentativa de absorção da mão-de-obra em outras atividades não teve sucesso. Muitos foram morar em outras cidades. Para uma parcela considerável da população, houve certa dificuldade em adaptar-se à nova realidade. De acordo com algumas informações, muitos não acreditavam que as minas poderiam parar. Conseqüentemente não se fez um planejamento prévio diante desta situação. Alega-se ainda que devido a um relativo poder existente dentre os funcionários, não se planejou o futuro, uma vez que se gastava muito com futilidades, relataram alguns entrevistados. Deve-se dizer ainda que a empresa CBC realizou Assembléias visando preparar a comunidade para o término das atividades.

Atualmente, a empresa CBC, continua suas atividades. Com um escritório no município de Caçapava do Sul, hoje esta empresa possui a sua maioria de ações sob posse da empresa de mineração de calcário “Calcário Mônego”.

4 AS MINAS DO CAMAQUÃ NO PRESENTE E AS TENDÊNCIAS DE OCUPAÇÃO DO ESPAÇO

4.1 A Condição Espacial das Minas do Camaquã Hoje

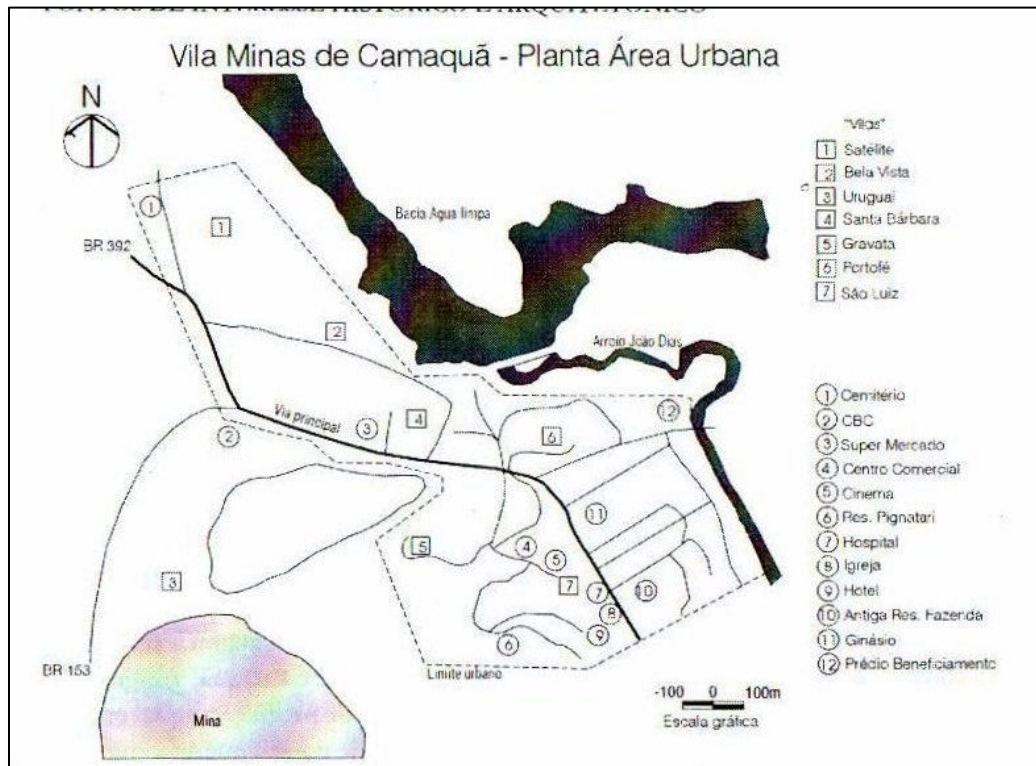


Figura 13: Mapa da Área Urbana das Minas do Camaquã. **Fonte:** Ronchi, 1998.

Pode-se dizer que o espaço Geográfico é o espelho social de uma determinada época. Nesta direção, o processo produtivo é a variável que maior influência possui na dinâmica espacial, uma vez que se trata da representação primeira das aspirações sociais de um determinado tempo. Conforme se pode verificar, o período CBC, até 1996, representou uma época de intensa atividade produtiva no espaço da Minas do Camaquã.

O cobre, atendendo as tendências produtivas da época, possibilitou a edificação de uma estrutura social composta por um aparato urbano bem estruturado, quando comparado a outras estruturas mineradoras. Pode-se verificar ainda que praticamente todas as esferas sociais que compunham este espaço, demonstraram-se satisfeitas quanto a oferta de bens e serviços sociais de utilidade pública ofertados pela empresa. Mas o mesmo cobre que teria

proporcionado períodos de prosperidade para esta região, anos mais tarde acabaria sendo o alçó da dinâmica social nas minas. Com as baixas cotações deste minério observadas no mercado internacional nos anos 1990, tornou-se inviável a exploração. A partir deste momento, o espaço das Minas do Camaquã, passaria por profundas transformações dentro do processo produtivo.

Nos anos seguintes ao término das atividades, muitas questões foram levantadas a respeito da estrutura, do equipamento urbano e industrial que a empresa CBC havia deixado neste local. Chegando a ser tratada como “Cidade Fantasma”, matéria editada na revista National Geographic, dentre outros veículos de informação, termo que neste trabalho, entende-se como tendo sido empregado de maneira infeliz, as Minas do Camaquã, ainda continuaria com uma pequena parcela de pessoas residindo em suas vilas. Em vista do importante potencial turístico da região, marcado por uma promissora paisagem constituída por belas estruturas geomorfológicas entalhadas pela ação do tempo, vivem cerca de 174 famílias na expectativa de que haja uma revalorização daquele espaço, uma vez que este inclui-se no roteiro dos principais pontos turísticos do Estado do Rio Grande do Sul. Outra possibilidade de revigorar a economia local trata-se de uma possível retomada da mineração, diante das atuais pesquisas realizadas que apontam para uma possível atividade de extração mineral.

Diante desta realidade, apresentar-se-á a seguir o resultado dos trabalhos de campo realizados visando apresentar a atual condição sócio espacial para as Minas do Camaquã.

Passados doze anos do término das atividades, grande parte das edificações encontram-se em ruínas. Logo após o fechamento em 1996, iniciou-se uma acentuada retirada das Minas do Camaquã. Casas, prédios, vilas inteiras foram abandonadas. Diante da situação, não demoraria muito para que estas estruturas começassem a ser transformadas pela ação do tempo e dos vândalos. Conforme fora apontado em páginas anteriores, as vilas durante o período CBC, recebiam a manutenção de sua estrutura por parte desta empresa. Mas deve-se registrar que, ainda na época da empresa, as moradias principalmente, não eram devidamente amparadas. Conseqüentemente em situação de abandono, foi justamente onde a ação do tempo pode ser mais bem percebida. Das sete vilas existentes na época restam ainda três, neste caso a São Luiz, pequena parte da Santa Bárbara e a vila Satélite.

Na vila Uruguai, uma das maiores dos tempos de mineração, hoje existe uma grande concentração de escombros. Praticamente tomada pela vegetação, esta vila jaze sobre a ação do tempo, com algumas residências que ainda preservam as estruturas e colorações, testemunhos de um tempo marcado pela prosperidade da extração do cobre.

Deve-se registrar que há uma atmosfera de desolação, quando se pensa que esta vila já esteve repleta de pessoas que dividiam suas atividades na busca por uma condição digna de sobrevivência e hoje encontra-se em ruínas. A mesma situação repete-se nas outras vilas.

Na vila São Luiz, boa parte das residências encontram-se habitadas, mas existe um grande número de prédios nas mesmas condições que a vila anteriormente descrita. Atualmente, é nesta vila que encontram-se os estabelecimentos comerciais das Minas do Camaquã, podendo-se citar: Açougue, 2 restaurantes, 1 bar, hotel, casa agropecuária, livraria, 2 lojas de venda de roupas, lanchonete, 1 farmácia, salão de beleza, rodoviária, escola 2 mercados, telefônica. Pode-se observar ainda que a comunidade conta com uma Igreja Católica no centro desta vila e ainda uma Igreja da Assembléia de Deus.

Analisando o padrão das casas da vila São Luiz, pode-se perceber que esta vila manteve o mesmo padrão dos tempos de CBC. Após o término das atividades em 1996, terrenos e casas das vilas que restaram, desvalorizaram-se acentuadamente. Nos anos seguintes, iniciar-se-ia uma lenta valorização destas estruturas, por motivos que serão abordados adiante. Hoje praticamente a totalidade destas casas, e terrenos já foram comprados da empresa. Pode-se notar que o padrão sócio-econômico das pessoas de uma maneira geral é superior aos moradores das vilas que ainda restaram nas minas.

Fazendo parte deste povoado existe ainda a vila Satélite, com aproximadamente 95 famílias, das 174 existentes. Igualmente a vila São Luiz, pode-se observar que o padrão sócio-econômico, perpetuou-se pelos anos seguintes nesta vila. Nos tempos da mineração este espaço era ocupado predominantemente pelos mineiros, trabalhadores das galerias. Sabidamente, o padrão social da classe trabalhadora operária, é mais modesto, refletindo-se na estrutura material de suas residências. A vila é quase toda composta por casas de madeira, chalés do tipo madezate, bastante usados nas Minas do Camaquã. Diferente da vila São Luiz, esta não conta com centro comercial e calçamento, podendo-se observar no seu entorno áreas de pastagens naturais para pecuária bovina e equina.

Encravada entre as duas citadas vilas, encontra-se a vila Santa Bárbara, ou o que teria restado ela. Esta é a que possui a menor quantidade de moradores. A grande quantidade nesta vila fica por conta dos escombros. Inúmeras residências refletem a perversa dinâmica do capital a qual tem a capacidade de inutilizar estruturas inteiras, em nome da busca pelo lucro. Deve-se dizer que grande parte destas ruínas, vem sendo negociadas com a CBC, fato que se explica pelos novos tipos de atividades que poderão vir a dinamizar a economia local. Em linhas gerais, pode-se afirmar que os prédios e edificação das Minas do Camaquã servem de grande exemplo da dinâmica produtiva, onde ao mesmo tempo em que se vê estagnação,

também se observa uma revalorização deste espaço, fato que poderia inserir esta região em uma posição mais promissora dentro do processo produtivo. “Vista do alto, Minas do Camaquã mostra um planejamento urbano impecável. As ruas têm uma pavimentação invejável. Os 167 hectares da vila modelo são apenas uma parte do patrimônio da CBC, à venda em Caçapava do Sul. ” (PENTEADO apud RONCHI, 1998 p. 64).

O Contexto Atual

Área Urbana



Figura 14: Panorama atual das Vilas das Minas do Camaquã. **Fonte:** Trabalho de Campo, jul. de 2008. Org: Silva, R.M., 2008.

As imagens acima demonstram a atual conformação espacial, observada na vila São Luiz, nas Minas do Camaquã. Percebe-se que boa parte das estruturas arquitetônicas do período CBC, ainda conserva seus traços, demonstrando um pouco dos tempos prósperos da mineração de cobre.

Área Industrial



Figura 15: Área Industrial, Minas do Camaquã. Fonte: www.visiteminasdocamaqua.com.br jul. de 2008. Org: SILVA, R.M. 2008.

Testemunhos de Uma Época



Figura 16: Edificações em Ruínas nas Minas do Camaquã. **Fonte:** Trabalho de Campo, jul.de 2008. Org: Silva, R.M. 2008.

O Espaço Geográfico traz o significado das transformações sociais. Cada tempo possui seu próprio ritmo, guarda suas próprias especificidades.



Figura 17: Edificações em Ruínas nas Minas do Camaquã. **Fonte:** Trabalho de Campo, jul. de 2008. Org: SILVA, R.M. 2008.

Todo final é precedido de uma transitoriedade que leva a um destino qualquer, cujo final, só o tempo revela.

As Novas Procuras

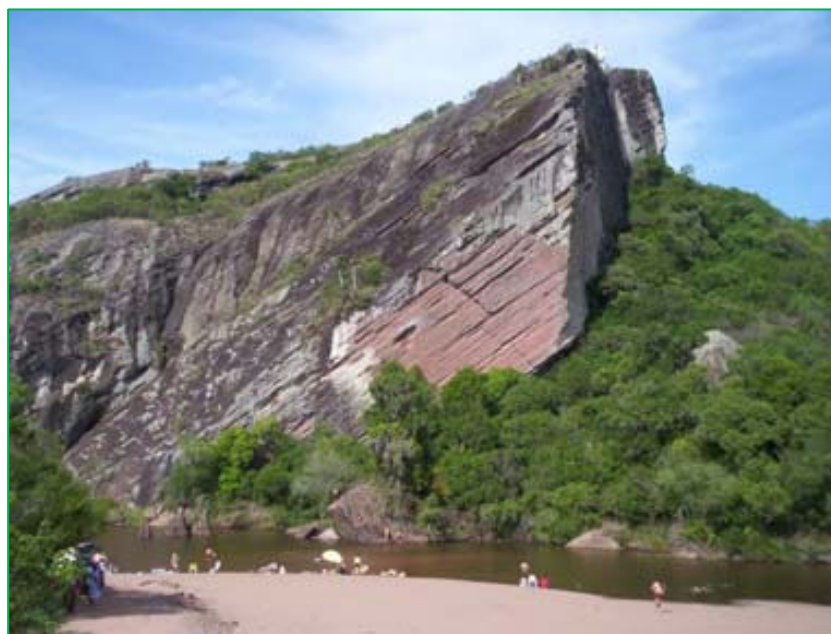


Figura 18: Espaços Destinados as Novas Tendências nas Minas do Camaquã. **Fonte:** Trabalho de campo, jul.2008. Org: SILVA, R.M.2008.

A revalorização econômica do espaço trata-se hoje de um novo paradigma de fundamental importância para o desenvolvimento de sociedades pós-industriais.

4.2 Os dados de população obtidos pela aplicação dos questionários

4.2.1 Estrutura Etária

A estrutura etária da população, reflete o ritmo de seu crescimento demográfico e sua expectativa ou esperança de vida. Para efeitos de análise, são identificados, num plano mais geral, três grupos etários :

- Jovens de 0 a 19 anos;
- Adultos, de 20 a 59 anos;
- Idosos, de 60 anos em diante.

Manual Nova Cultural, (2000:159).

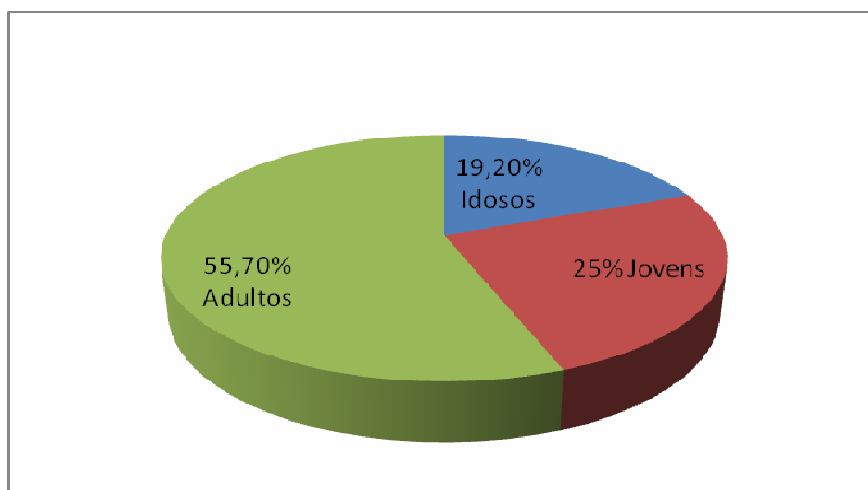


Figura 19: Gráfico de Porcentagem da Estrutura Etária nas Minas do Camaquã. **Fonte:** Trabalho de Campo, jul. de 2008. Org: SILVA, R.M. 2008

Deve-se dizer que para esta análise, levou-se em consideração o número total de moradores (406), obtido através de informações com o enfermeiro responsável pelo posto de saúde local.

Observando-se a estrutura etária dos moradores das Minas do Camaquã, pôde-se obter informações relevantes, no que confere ao padrão sócio-espacial do local. Analisando o primeiro grupo correspondente a população jovem de 0 a 19 anos, pode-se constatar uma situação já conhecida para estas áreas onde existem carências de oportunidades como emprego, qualificação profissional entre outros. Oferecendo o ensino fundamental e médio, a Escola Gladi Machado se trata de uma das únicas alternativas de atividade para esse percentual da população. Fato que merece atenção esta no percentual feminino deste grupo. Pode-se inferir que o total de 33% dos 25% do grupo de jovens, deve-se ao fato de que

culturalmente, as mulheres possuem maiores índices de instrução. Em consequência desta localidade não possuir melhores condições de qualificação profissional, existe a possibilidade de haver uma procura mais acentuada pelo sexo feminino por alternativas como cursos universitários ou ainda oportunidades de trabalho.

Nos outros 67 %, estaria o grupo dos homens. Foi possível através de diálogos com alguns professores, que existe uma forte tendência por parte de muitos jovens do sexo masculino, que afirmam ter o desejo de após o término dos estudos, seguir a carreira de pecuarista, atividade fortemente presente na cultura desta região do Rio Grande do Sul. Afirma-se desta forma que, devido a tais aspirações, o percentual observado para este grupo pode em parte ser explicado. Outra questão que pode favorecer a maior existência de jovens do sexo masculino está no mesmo fato apontado para o grupo feminino no caso a procura por qualificação. Uma vez que, de acordo com os números brasileiros, no geral os jovens de sexo masculino não possuem uma maior pré-disposição aos estudos, estes buscam alternativas de trabalho e emprego onde é bastante comum a migração para cidades vizinhas com Bagé, Santana da Boa vista.

Logo após os jovens encontra-se o grupo dos adultos, faixa etária compreendida entre os 20 e 59 anos de idade. Pode-se observar que nas Minas do Camaquã, 55,7% da população é adulta. Ao contrário do grupo anteriormente analisado, existe certo equilíbrio quando considera-se os gêneros masculinos e feminino com 50,2% e 61,5% respectivamente, dos 55,75 do grupo dos adultos, enquadrando-se nos números observados para o Brasil, segundo os dados do (IBGE 2008). Conforme se apresenta este, trata-se do grupo mais numeroso verificado nas minas. Fato que pode contribuir para o entendimento do presente quadro, trata-se desta faixa etária apresentar de maneira geral, uma relativa estabilidade. Pode-se verificar que a grande maioria da população adulta, residente nas minas é constituída de ex-funcionários da CBC, que encontram no local condições para sua fixação, por motivos que serão mais bem trabalhados quando discutida a ocupação destas pessoas.

Perfazendo um total de 19,2%, está o grupo dos idosos, pessoas com 60 anos ou mais. Verificou-se no ano de 2007 que a população idosa brasileira encontra-se na casa dos 10,2%. Comparando-se aos números encontrados nas minas, nota-se uma diferença de 53% a mais em relação a média nacional. Pode-se inferir que, pode -se tratar de uma região onde verifica-se uma significativa estagnação econômica, no sentido de não haver uma dinâmica que favoreça a população economicamente ativa local, o percentual de idosos, apresenta-se acima da média comparados aos demais grupos existentes já analisados nas minas, uma vez que estes na grande maioria são aposentados.

De maneira geral, pode-se afirmar que a dinâmica populacional nas Minas do Camaquã, não se enquadra nas médias nacionais, conforme se constatou nos números do IBGE de 2008, guardando suas próprias especificidades locais. O fato de esta região apresentar-se de maneira diferenciada, das demais no sentido de sua posição dentro do processo produtivo, possui grande influência, sobre os números populacionais. Ao mesmo tempo em que esta situação favorece os baixos percentuais encontrados para a população jovem, influencia para que o grupo de adultos e idosos apresente-se com índices mais elevados. São fatos como estes, que tornam as pesquisas dedicadas à estudos de caso, fundamentais para a tentativa de uma compreensão sócio-espacial de uma determinada região. Nota-se neste caso que ao mesmo tempo em que se pode observar um determinado padrão de comportamento espacial, deve-se levar muito em consideração as especificidades, demonstrando a grande complexidade que existe para qualquer tipo de tentativa que vise uma contribuição para o estudo do espaço Geográfico.

4.2.2 Ocupação

Os dados a serem abordados a seguir, correspondem ao total de 69 casos analisados sobre o total de 406 moradores, correspondendo a 17% da população. Além do item ocupação, esses números serão observados para os itens: Ocupação antes da aposentadoria, oferta de bens sociais, (água, luz, esgoto, saúde e educação, respectivamente), vantagens de morar nas Minas do Camaquã, Desvantagens de Morar nas Minas do Camaquã, A relação dos Moradores com Outras regiões e Perspectivas Futuras para as Minas do Camaquã.

Ao se investigar o tipo de ocupação de uma determinada parcela sociedade, pode-se retirar importantes informações. Nesta direção entende ser para este trabalho, demasiado necessário, pois se trata de uma área onde as relações sócio-espaciais são marcadas por um momento de estagnação econômica, fato que apresenta-se como condicionante para o tipo de ocupação desempenhada por estas pessoas. Para bem de alcançar este objetivo preparou-se um instrumento de pesquisa na forma de questionário, visando-se uma maior praticidade por parte dos entrevistados. No que diz respeito à ocupação das pessoas, elaborou-se o seguinte ordenamento das questões:

Funcionário Público, autônomo, aposentado, estudante e outros.

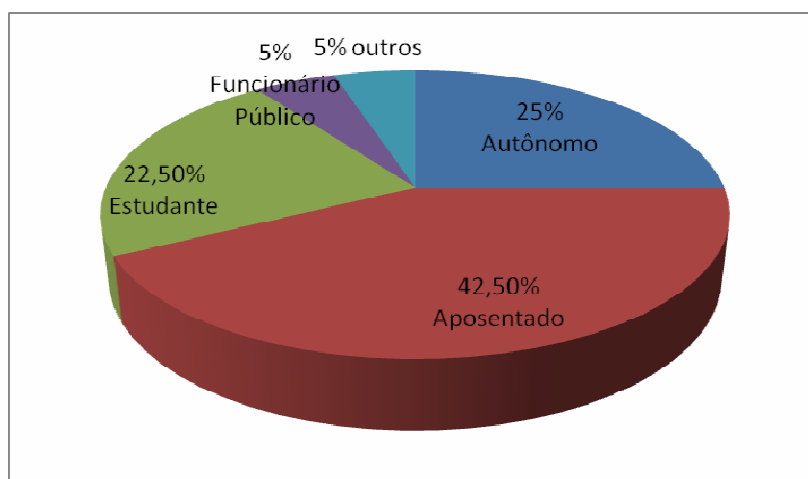


Figura 20 : Gráfico de Porcentagem do Tipo de Ocupação nas Minas do Camaquã. **Fonte:** Trabalho de Campo, jul. de 2008. Org: SILVA, R.M. 2008.

Importante de salientar, é o fato de muitas vezes, as perguntas realizadas não possuírem total compreensão por parte dos entrevistados. Desta maneira, justifica-se esta questão como uma possibilidade a mais que possa vir a influenciar na precisão dos dados obtidos. Na apuração dos dados, constatou-se que em 5% dos participantes, enquadram-se no item “Funcionário Público”. Pode-se afirmar que seguramente, este número corresponde a parcela de professores da escola Gladi Machado. Sobre este grupo pode-se perceber durante as entrevistas qualificadas, onde se teria dialogado com alguns professores, que a grande motivação em lecionar-se nas minas estaria na remuneração. Segundo o que se pode observar, é pago 100% de difícil acesso aos professores, quantia que exerce importante contribuição na folha de pagamento deste quadro.

Com 5% encontra-se o item “Outros” do questionário. De acordo com as informações obtidas este percentual de pessoas realiza atividades que podem ser enquadradas no ramo dos serviços gerais. Eletricista, carpinteiro, encanador são algumas das atividades que se pode constatar. Analisando-se este grupo, pode-se perceber que existiu alguma dificuldade no momento de optar entre os itens (outros) e (autônomo), onde se dedicou especial atenção de maneira a esclarecer-se esta informação.

Seguindo-se a ordem crescente de acordo com os números, têm-se os estudantes, que perfazem um total de 22,5%. Pode-se constatar que no geral, este grupo é expressivo para o percentual deste local.

De acordo com as informações já discutidas neste trabalho, o número de adolescentes que se enquadram juntamente as crianças neste grupo, é bastante reduzido nas Minas do Camaquã. Ao analisar-se mais especificamente este grupo, pode-se perceber que 45% são adolescentes e 55% são crianças. Outra variável que contribui para uma maior percentual de crianças, dos 22,55 que compõem o grupo dos jovens. Outra variável que contribui para um maior percentual de crianças, está no caso deste subgrupo possuir total dependência da família não havendo a mesma necessidade para o subgrupo dos adolescentes os quais encontram-se em uma faixa etária onde a busca por qualificação obriga muitas vezes a procurar-se outras alternativas em outros lugares.

Com 25%, apresenta-se o grupo dos autônomos. Durante as pesquisas, deve-se justificar que uma parcela significativa dos questionários em vista do número de habitantes, foi aplicada nos seguimentos comerciais. Deve-se dizer ainda que se optasse por tal situação pelo motivo de que em muitas residências, não haviam moradores presentes, quadro muito comum para as Minas do Camaquã. Desta forma, pelos motivos apontados, acredita-se que este percentual apresenta certa discrepância, não condizendo exatamente com a realidade local. Feitas as devidas ressalvas, a categoria de autônomo, por tanto, relegou-se basicamente à pessoas dos poucos estabelecimentos comerciais anteriormente citados e aos pecuaristas que sem dúvida perfazem um significativo percentual deste grupo.

Em seguida a este grupo apresenta-se a parcela mais significativa da população das Minas do Camaquã. Com 42,55%, apresenta-se a parcela dos aposentados. De acordo com os fatos que vem se apresentando ao decorrer desta pesquisa, esta se trata de região que atualmente encontra-se em uma posição desfavorável dentro do processo produtivo. Em consequência, a PEA, não vê possibilidades para o seu estabelecimento na região. A partir desta afirmativa, busca-se a justificativa para este elevado percentual de aposentados residentes no local. Segundo alguns diálogos, que não fizeram parte necessariamente dos questionários, pode-se verificar que existem casos de pessoas, na posição de visitantes na ocasião, que afirmam possuir interesse em residir nas minas ao aposentar-se. O baixo custo de vida e principalmente a tranquilidade, bastante destacada do local, oferecem condições para que este grupo sinta-se em condições de residir no local. Não se pode deixar de comentar ainda, a tendência até mesmo mundial a qual as pessoas procuram lugares onde o contato com a natureza pode ser mais bem vivenciado.

Ao longo da aplicação dos questionários, se obteve relevantes considerações a respeito do tipo de ocupação das pessoas desta localidade. Pode-se perceber que os grupos mais expressivos teriam sido os aposentados, com a grande maioria e, os autônomos. Mas ao

analisarem-se as especificidades dos grupos nota-se que existe uma maior representação no grupo dos estudantes, principalmente o subgrupo das crianças que perfazem 55% do grupo dos jovens. Nota-se que os extremos da faixa etária no caso as crianças e idosos, possuem maior expressão nas Minas do Camaquã, uma vez que a PEA, que segundo o (IBGE 2008), trata-se de pessoas que exercem atividades remuneradas a partir dos 10 anos em diante, possui grandes dificuldades para o seu estabelecimento na região. Conclui-se desta forma que através da análise do tipo de ocupação das pessoas pode servir de importante variável na demonstração da carência de oportunidades observado para esta região, uma realidade verificada em grande parte das localidades cujo sistema econômico tem relegado à condições desfavoráveis dentro do processo produtivo.

4.2.3 Ocupação Antes da Aposentadoria

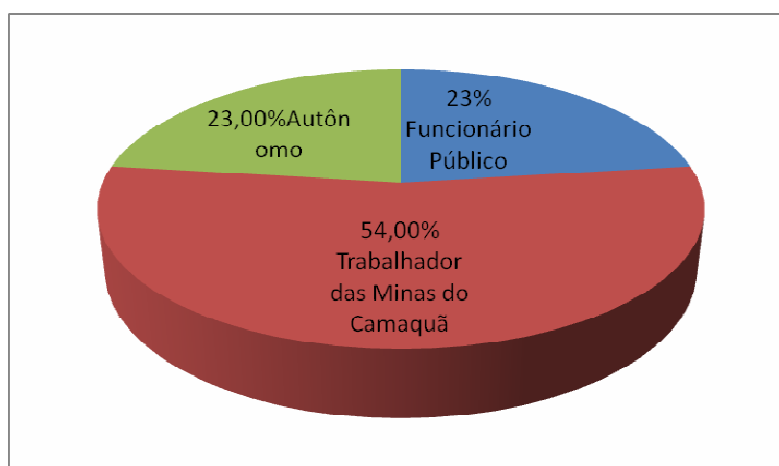


Figura 21 : Gráfico de Porcentagem do Tipo de Ocupação Antes da Aposentadoria nas Minas do Camaquã. **Fonte:** Trabalho de Campo, jul. de 2008. Org: SILVA, R.M. 2008

Com 23%, apresentam-se os participantes que se enquadram no item (autônomo). Infere-se a este respeito que boa parte destes desempenhava suas atividades nas Minas do Camaquã, uma vez que se tratava de uma comunidade com milhares de pessoas, onde necessitava-se de diversos tipos de serviços. Igualmente ao grupo anterior, 23% afirmaram ser funcionário público antes da aposentadoria. Pode-se observar que estes se constituem basicamente por professores que atuavam nas escolas das minas e funcionários públicos que desempenhavam suas atividades no município de Caçapava do sul.

A grande maioria com 54%, era funcionário da empresa CBC. Percebe-se a partir deste percentual, que muitas das famílias que permaneceram no local, optaram por residir nas minas. Mas deve-se registrar que segundo algumas informações obtidas, esta teria sido a única opção. Quando as atividades chegaram ao seu fim, muitos não haviam se preparado para buscar alternativas de moradia, ou ainda outros empregos. E parte disto deve-se ao motivo de que na época, não se acreditava que a extração de cobre poderia acabar, conforme se relatou por parte de alguns entrevistados. Além do exposto, deve-se considerar que é *inatu* ao ser humano o apego pelo local onde reside, sua comunidade, seu entorno. Esta afirmativa reforça-se no momento em que se considera o padrão de vida ofertado pela empresa CBC, conforme fora trabalhado anteriormente.

Pode-se dizer que na totalidade das pessoas que dedicaram alguma atenção a este trabalho, existe uma unanimidade na afirmação dos bons tempos em que vivia-se nas minas. Independentemente dos motivos, atualmente as Minas do Camaquã trata-se de uma localidade onde existem bons atrativos para o público aposentado, com belas paisagens naturais, além da tranquilidade do local, embora se deva considerar que existam alguns problemas estruturais que serão abordados nas páginas seguintes.

4.2.4 Oferta de Bens Sociais

Acredita-se que para qualquer tentativa de entendimento do padrão de vida de uma determinada sociedade, o estudo do acesso aos bens sociais de utilidade pública, podem servir de importante subsídio. Desta maneira, pesquisou-se o seguinte: Água, luz, esgoto, saúde e educação.

A fim de proporcionar um instrumento de pesquisa acessível à população, visando uma melhor compreensão das questões abordadas, optou-se por restringir as respostas em satisfatórias, respondendo-se sim ou não. Deve-se dizer ainda que não se objetivou um aprofundamento dos itens estudados. Isto se justifica pela complexidade existente na abordagem de determinados temas que seguramente oferecem resultados para um trabalho em separado. Diante do exposto, procurou-se dinamizar esta etapa do questionário de maneira a suprir as necessidades existentes para o cumprimento dos objetivos da presente pesquisa.

4.2.5 Grau de Satisfação com os Bens Sociais

4.2.5.1 Água

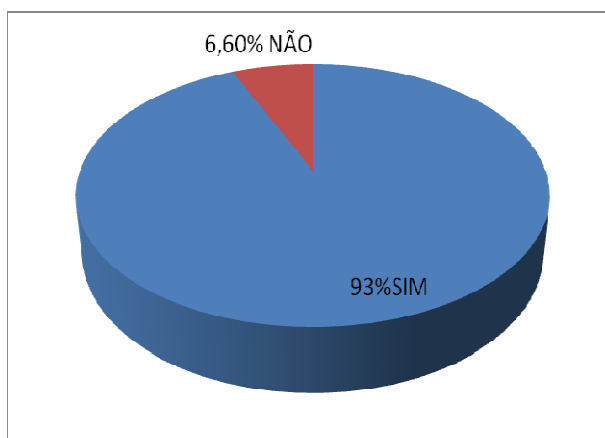


Figura 22: Gráfico de Porcentagem do Grau de Satisfação com a Água nas Minas do Camaquã. **Fonte:** Trabalho de Campo, jul. de 2008. Org: SILVA, R.M. 2008.

O percentual de 93,3% demonstrou-se satisfeitos com o abastecimento d'água. Até o ano de 2007, o abastecimento era feito através da barragem de tratamento mediante o bombeamento de água para todos os setores. Com o término das atividades em 1996, não houve manutenção no setor hidráulico das minas. Diante da situação a qualidade da água ficou ameaçada, havendo muita reclamação por parte dos moradores. Segundo as entrevistas qualificadas em abril de 2008, a partir de 2007, a Companhia Rio-Grandense de Saneamento-CORSAN passou a responsabilizar-se pelo abastecimento. Segundo as informações, a qualidade da água obteve melhoras conforme demonstraram os números. A parcela de 6,6% que se demonstrou insatisfeita, pode-se associar a questão do encanamento de algumas vilas que ainda não foram trocados, alterando o estado da água tratada pela CORSAN.

4.2.5.2 Energia Elétrica

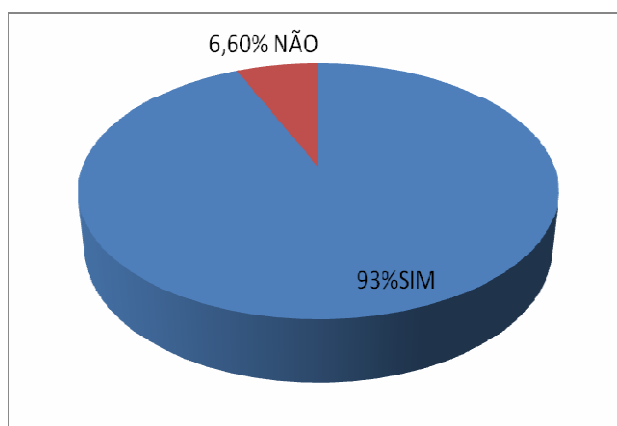


Figura 23: Gráfico de Porcentagem do Grau de Satisfação com a Energia Elétrica nas Minas do Camaquã. **Fonte:** Trabalho de Campo, jul. de 2008. Org; SILVA, R.M. 2008.

Igualmente a água, 93,3% das pessoas disseram-se satisfeitas com o abastecimento de energia elétrica. O percentual de 6,6% de insatisfeitos deve-se a problemas da mesma natureza verificados para a água, ou seja, problemas de manutenção da rede.

4.2.5.3 Esgoto

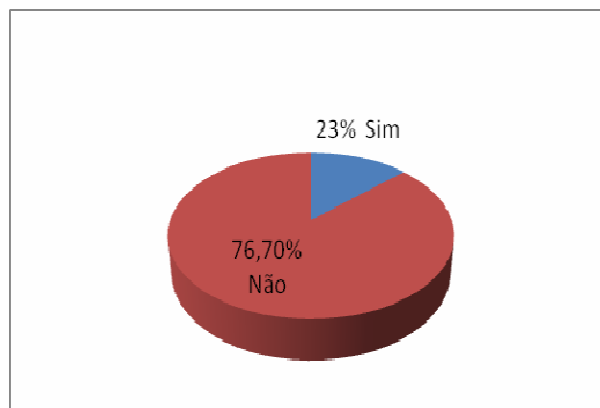


Figura 24: Gráfico de Porcentagem do Grau de Satisfação com o Esgoto nas Minas do Camaquã. **Fonte:** Trabalho de Campo, jul. de 2008. Org: SILVA,R.M. 2008.

De acordo com o estudo do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – IPEA, cerca de 34,5 milhões de pessoas em áreas urbanas do Brasil, não tem esgotos, embora tenha havido um aumento de 3,2 pontos percentuais, de 2001 a 2006, no acesso ao serviço de saneamento no Brasil. (<http://IPEA.GOV.BR>. Acessado em agosto de 2008).

Frente a esta realidade, pode-se avaliar que atualmente a questão do esgoto, trata-se do grande problema ambiental encontrado nas Minas do Camaquã. O percentual de 76,7% dos entrevistados, afirmou insatisfação no tratamento de esgoto.

Durante os trabalhos de campo, pode-se verificar que o esgoto é despejado em valas comuns tendo como destino os cursos d'água da região. Nas áreas de topografia mais suave, pode-se observar vários pontos onde o esgoto está a céu aberto. Sabidamente não somente o grau de poluição, mas também o risco de proliferação de doenças associadas, e a proliferação de insetos e ratos, podem oferecer perigo a estas comunidades desprovidas de sistema de tratamento de esgoto. Deve-se dizer que este, sempre foi um problema, desde os tempos da CBC, quando o esgoto era lançado no arroio João Dias. Com 23,3% ficaram os que se disseram satisfeitos com o esgoto. A esta parcela deve-se ao fato de que suas residências, ocupam regiões cuja topografia apresenta-se mais elevada não aparecendo portanto a visibilidade do problema.

4.2.5.4 Saúde

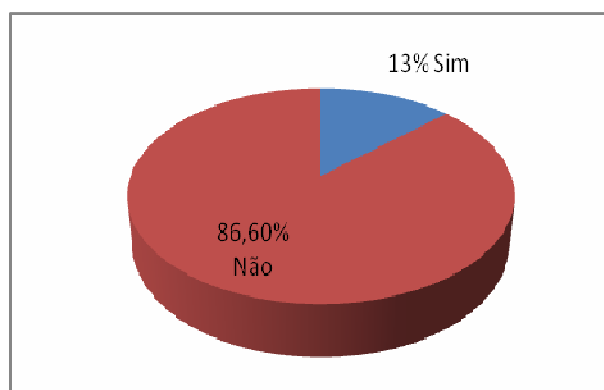


Figura 25: Gráfico de Porcentagem do Grau de Satisfação com a Saúde nas Minas do Camaquã. **Fonte:** Trabalho de Campo, jul. de 2008. Org: SILVA, R.M. 2008.

O Brasil possui 1 médico para cada 600 habitantes. A média mundial é de 1 médico para cada 300 habitantes. Sabidamente a questão da saúde é precária neste país. O item que maior reprovação recebeu nas Minas do Camaquã, foi a saúde. Cerca de 90% (62,1 casos) dos participantes da pesquisa mostrou insatisfação a respeito deste quesito. Pode-se citar dentre estas reclamações pela pouca frequência de médicos nas minas. Atualmente existe um posto de saúde o qual funciona no prédio do Hospital Júlio Pignatari. Segundo as entrevistas qualificadas em julho de 2008, houve muitas afirmações de que existem ocasiões em que se chega a passar até mesmo 2 meses sem serviço médico na localidade. Apesar de tudo, pode-se dizer que as minas encontram-se acima da média nacional no que tange a existência de médicos por habitantes. O município tem ofertado um profissional especializado em ginecologia e clínica geral, além de serviço médico odontológico também na frequência de um mês. Outro problema está na situação onde existe apenas um enfermeiro para atender o posto de saúde e ambulância dessa localidade. Verifica-se uma média de 29,4 consultas por mês segundo os números da secretaria da saúde do Município de Caçapava do Sul.

4.2.5.5 Educação

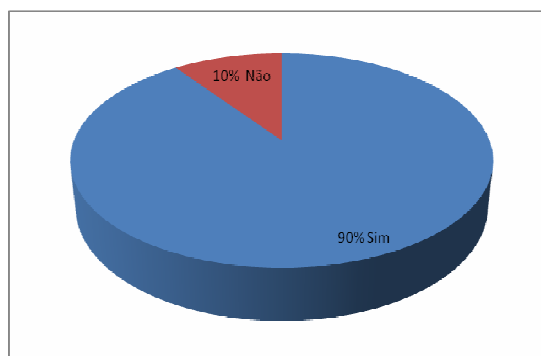


Figura 26: Gráfico de Porcentagem do Grau de Satisfação com a Educação nas Minas do Camaquã. **Fonte:** Trabalho de Campo, jul. de 2008. Org: SILVA, R.M. 2008.

Considera-se a educação como um importante item a ser analisado na investigação sócio-espacial de uma determinada região. Justifica-se este fato por tratar-se a educação um bem de primeira necessidade no que confere ao desenvolvimento de qualquer região. Pode-se observar que 90% dos participantes da pesquisa consideram satisfatória a educação nas Minas do Camaquã. Nos dias de hoje, encontra-se uma atividade a escola, Gladi Machado ainda com boa participação nas decisões da comunidade.

Ao analisar-se a situação das Minas do Camaquã, pode-se verificar sobre os itens pesquisados, certo grau de satisfação, quando levado em consideração a realidade sócio espacial brasileira. Deve-se dizer que a dimensão do universo estudado certamente influencia nos números observados, uma vez que se trata de uma pequena comunidade, fato que possibilita melhor acessibilidade para os agentes administrativos. Mas no momento em que se focaliza os números desta pesquisa, percebe-se uma nítida diferença entre os itens básicos cuja responsabilidade deposita-se sobre o poder público estadual e aqueles cuja responsabilidade está sobre o poder público municipal.

De acordo com as entrevistas qualificadas em abril de 2008, ao analisar-se água, luz e educação, verifica-se que respectivamente 93,3%, 93,3% e 90% dos participantes desta pesquisa disseram-se satisfeitos com as atuais condições destes serviços. Diante dos números apontados pode-se considerar que o Estado tem proporcionado o acesso a estes bens á população local, de maneira que lhe compete a garantia destes. Deve-se dizer que atualmente ao contrário do que se verificou nos tempos da empresa CBC, a água e a luz são disponibilizadas mediante o pagamento de tarifas cujos valores são os mesmos de outros locais onde estas fornecem seus serviços.

Mas o mesmo não se pode dizer da saúde e esgoto cuja responsabilidade cabe a administração municipal de Caçapava do Sul. Nestes dois itens, pode-se verificar os maiores índices de reprovação. 76,7% dos participantes da pesquisam, disseram-se insatisfeitos com o esgoto e 86% consideraram a saúde precária nas Minas do Camaquã. Analisando-se os fatos observa-se justamente que estes dois itens são de competência direta do poder público municipal de Caçapava do sul.

Pode-se apontar com grande probabilidade de acerto de que os motivos políticos e culturais desta região do estado responsabilizam-se pelo quadro verificado. Sucessivas administrações comprometidas com compromissos eleitoreiros alternam-se no governo municipal, realidade brasileira que se estende como um câncer a consumir a máquina pública social.

4.2.6 Vantagens de Morar nas Minas do Camaquã

Com objetivo de obter informações do perfil social dos moradores das Minas do Camaquã, optou-se pela construção de um instrumento de pesquisa de maneira a avaliar-se os motivos que levam as pessoas a residentes neste local, uma vez que trata-se de uma localidade que atualmente possui problemas estruturais que muitas vezes inviabilizam a permanência no local .

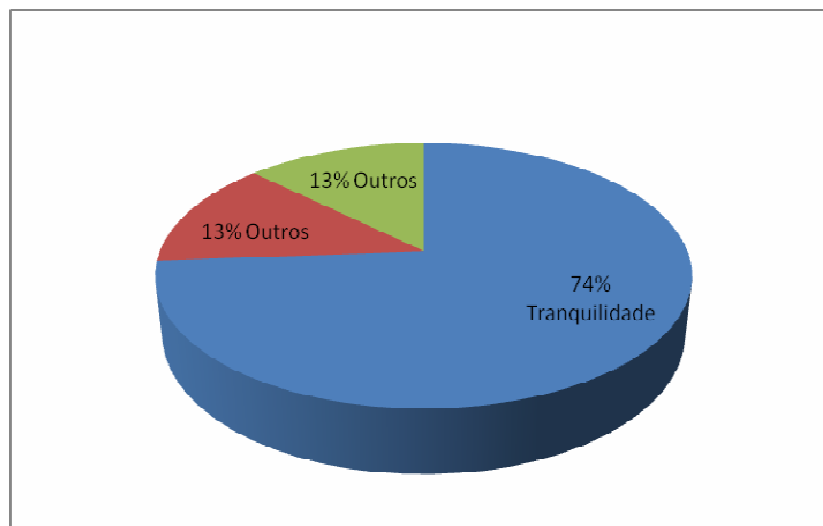


Figura 27 : Gráfico de Porcentagem das Vantagens de Morar nas Minas do Camaquã. **Fonte:** Trabalho de Campo jul. de 2008. Org: SILVA, R.M.

Perfazendo um total de 12,9%, enquadram-se as pessoas que elegeram como grande vantagem as belezas naturais desta região. Pode-se dizer que existe uma certa influencia na atualidade pela procura dos meios naturais, conforme pode-se observar através do planejamento de diversos seguimentos como o setor turístico e sua grande exploração das paisagens naturais e a programação de vários canais da TV fechada com programas que conduzem os telespectadores a verdadeiras aventuras no meio do Safári africano ou uma incursão pelo rio Amazonas, por exemplo.

Com os mesmos valores observados para o primeiro grupo analisado, ou seja, 12,9%, estão as pessoas que apontaram outros motivos como o baixo custo de vida, as possibilidades turísticas do local, a "não" existência do uso de drogas, a inexistência de poluição, etc. A respeito deste último item, percebe-se o quanto é difícil de administrar a questão ambiental, uma vez que para muitos passa despercebido o problema da poluição causada pelo esgoto nas minas.

A maioria com 73,3% do percentual, acredita que a maior vantagem de se morar neste local, está na tranquilidade, onde muitos dizem não trocar o sossego deste local por outras regiões. Analisando-se este caso, deve-se observar que, o motivo que provavelmente contribui significativamente para esta realidade, seria a parcela de adultos, a mais representativa, que reside nas minas. Sabidamente, a faixa etária dos jovens prefere lugares e situações mais dinâmicas com entretenimento, disponibilidade de atividades diversas, até mesmo porque existe uma maior necessidade pela busca de alternativas para este grupo do que a parcela adulta que geralmente, encontra-se em uma situação de maior estabilidade. Além dos fatos apontados, atualmente a região adjacente tem registrado uma escalada dos níveis de violência e do uso de drogas. Diante deste quadro apontado vários pais disseram-se sentir mais tranquilos em educar seus filhos em uma comunidade como a estudada. Alega-se ainda o caso do tamanho da comunidade de maneira que se torna mais seguro viver e cuidar dos filhos. Em contrapartida, alguns acreditam que seus filhos precisam conhecer outros lugares alegando que a realidade das outras regiões é outra, preparando-se desta maneira os jovens para o convívio social em ambientes mais densamente povoados.

4.2.7 Desvantagens de Morar nas Minas do Camaquã

Da mesma maneira em que se trabalha as informações a respeito das vantagens ,verifica-se ainda as desvantagens, de morar nas minas. Acredita-se ser este item importante para compreensão dos motivos que dificultam a permanência na área.

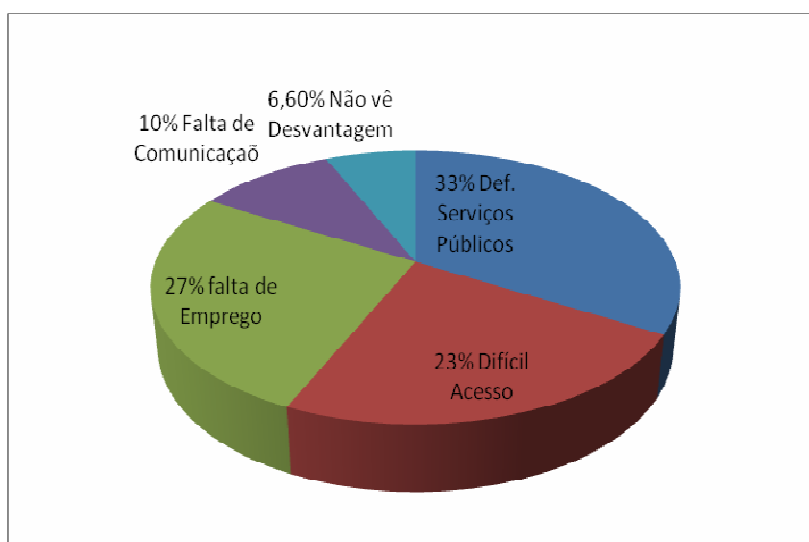


Figura 28 : Gráfico de Porcentagem das Desvantagens de Morar nas Minas do Camaquã. **Fonte:** Trabalho de Campo, jul de 2008. Org: SILVA, R.M. 2008

Com 6,6%, apresentam-se as pessoas que disseram não haver qualquer desvantagem em residir no local. Pode-se inferir que estes provavelmente tratam-se da parcela aposentada ou adulta, que conforme fora comentado, possuem alguma estabilidade nesta localidade. Observou-se que 10% da população diz-se insatisfeita com a comunicação, no que tange as dificuldades existentes para a telefonia celular e a falta de repetidoras para a televisão aberta, apontando como principal desvantagem existente em residir-se nas Minas do Camaquã. Correlaciona-se com este último item o difícil acesso que conforme demonstram os números 23,3% dos entrevistados apontam como a principal desvantagem para esta localidade.

Distanciando-se aproximadamente 69 Km da sede do município, as minas encontram-se isoladas, dificultando em vários aspectos, a vida dos moradores. Soma-se ainda, o fato da estrada de chão que compreende uma distância de 25 Km até a RS 153, apresentar-se em precárias condições para o trânsito. Segundo alguns relatos, nos anos 2000 teria sido conseguido através do orçamento participativo, um pavimento asfáltico para as minas. Mas até o presente momento não se sabe que destino teria tomado as verbas destinadas a tal empreendimento. Um das maneiras em que se observa este problema está na dificuldade de vendedores em deslocarem-se até a localidade. Para 26,6% dos entrevistados, a falta de empregos é o grande problema local.

A deficiência em Serviços de Utilidade Pública teria sido apontado com a maior desvantagem com um percentual de 33,3% dos participantes da pesquisa. Pode-se dizer que esta questão possui relação direta com as demais apontadas anteriormente. Para a maioria da população há uma grande lacuna a ser preenchida nestes quesitos. Além dos já apontados problemas como saúde, existe a falta de segurança do local. Não se verificou nenhum posto policial. Boa parcela da comunidade local se diz preocupada com esta situação. Relata-se ainda que nem mesmo um conselho tutelar possui para auxiliar a sociedade.

Durante os dias em que se realizou as pesquisas, pode-se observar um certo problema de vandalismo por parte de alguns jovens. De uso bastante imprudente, motocicletas percorrem em alta velocidade as ruas em grande número e quase que em sua totalidade dirigidas por menores de idade sem o uso de capacete e muitas vezes, com permissão dos pais. Deve-se dizer ainda que a maiorias destes veículos que colocam a vida dos moradores em risco não possuem documentação alguma. Naturalmente, localidades isoladas não somente pela geografia, mas principalmente dos meios de produção, apresentam problemas relacionados. Há de se dizer que, existindo possibilidade para o retorno financeiro, o capital pode vencer enormes distâncias ao mesmo tempo que do contrário isola estruturas inteiras do processo produtivo.

Analisando a realidade das minas, nota-se que as distâncias são longas tanto em uma condição como em outra. Exemplo disto se trata dos 10% apontados insatisfeitos com a falta de comunicação existente no local, impossibilitando muitas vezes a comunidade de interagir com o entorno. A esta falta de interação pode-se somar o difícil acesso apontado por 23,3% dos entrevistados. Acesso este que ultrapassa a dificuldade para o trânsito até as minas, manifestando-se ainda no tomar as decisões administrativas para esta região. Problemas que se acentuam ainda mais no momento em que 26,6% dos participantes, vê como grande desvantagem a falta de emprego. A estes números, deve-se dizer que o percentual não condiz com a gravidade da questão. Deve-se considerar que a preocupação com emprego, provavelmente pertence em maioria a parcela jovem das minas. E este grupo é pouco representativo no local. Guardadas as proporções a questão de desemprego seria ainda maior. O maior percentual no caso a deficiência dos serviços públicos reflete duas realidades. Primeiramente observa-se que são problemas que condizem com a idéia de permanência no local, preocupações voltadas ao melhoramento da infra-estrutura.

4.2.8 Relação dos Moradores com Outras Regiões

Analisando-se a localização geográfica das Minas do Camaquã, percebe-se a necessidade que esta possui em integrar-se com outras localidades. Não somente os bens necessário a qualquer tipo de estrutura urbana, mas também uma troca de idéias e saberes, se trata de importante fator para a localidade estudada.

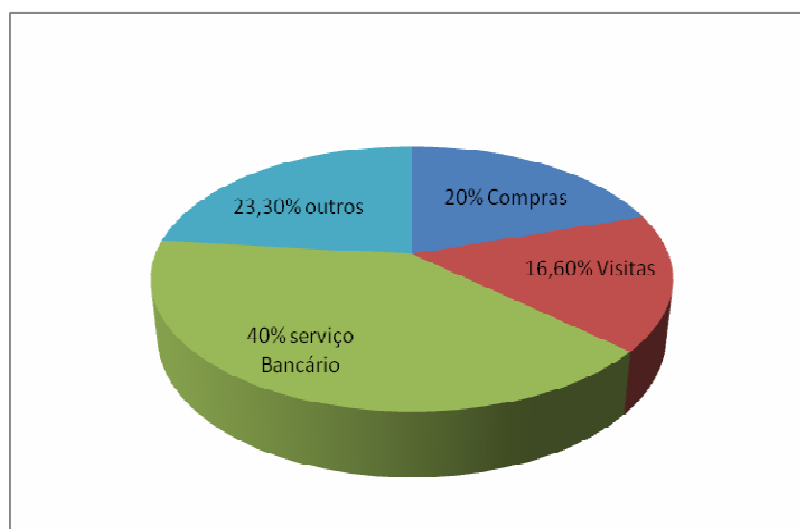


Figura 29: Gráfico de Porcentagem da Relação dos Moradores com Outras Regiões. **Fonte:** Trabalho de Campo, jul. de 2008. Org: SILVA,R.M. 2008.

O valor de 16,6%, foi observado para o grupo de pessoas que afirma ser a visita a amigos e familiares o principal motivo da procura por outras localidades. Isto se deve ao motivo da grande maioria atualmente pertencer ao município de Caçapava do Sul, havendo portanto um considerável grau de parentesco nesta cidade. Seguidamente a este grupo, observa-se que 20% dos entrevistados, alega a necessidade por compras a interação com outros lugares. Este percentual justifica-se pelos motivos já trabalhados, como o difícil acesso a este local, além do inexpressível centro comercial existente nas minas.

Com 23,3% do mesmo universo observado anteriormente, apresenta-se as pessoas que procuram outras regiões por vários motivos com a busca por cursos profissionalizantes, entretenimento, consultas médicas, entre outros. A grande maioria dos entrevistados um percentual de 40% alegou que o principal motivo que leva as pessoas a procurarem outras regiões, está na necessidades de serviços bancários. A este respeito, verificou-se que os motivos que impedem a oferta deste tipo de serviço estão na baixa densidade populacional existente no local.

Analisando-se a condição das Minas do Camaqua, conclui-se que seu distanciamento dos centros urbanos possui grande influencia na sua dinâmica espacial. O isolamento obriga as pessoas a deslocarem-se em busca de suas necessidades primárias, sendo este o principal tipo de relacionamento com outras regiões. Pode-se perceber que não existe o interesse em buscar-se outras informações, melhoramentos, trocas de outra natureza, que não meramente as próprias necessidades. Pode-se dizer que o isolamento geográfico, o descaso político e a falta de espírito empreendedor da localidade, salvo algumas exceções, são fatores que se combinam para explicar a escassez de recursos da região. Com principal exemplo tem-se a questão do serviço bancário onde não somente a questão do número de habitantes, mas também a falta de segurança deste local deve ser levado em consideração ao analisar-se os motivos que levam a carência deste tipo de serviço, praticamente impossibilitando a existência de um terminal bancário nesta localidade.

4.2.9 As perspectivas futuras para as Minas do Camaquã

É da natureza humana, refletir o passado e planejar o futuro. Dentro de uma ótica temporal afirma-se que: O passado não nos pertence mais, o presente nos foge a todo momento e o futuro nunca alcançamos. Seguindo-se este raciocínio, pode-se dizer que o

espaço é o conjunto de significados temporais que unidos representam uma determinada situação, em vias de transformação a todo instante. Nesta lógica, têm sido analisado que as Minas do Camaquã, guardam evidências da dinâmica espacial marcada pela adaptação permanente ao ritmo da produção. Idéias, pessoas e edificações, coexistem em um mesmo espaço expressando as efemeridades do capital.

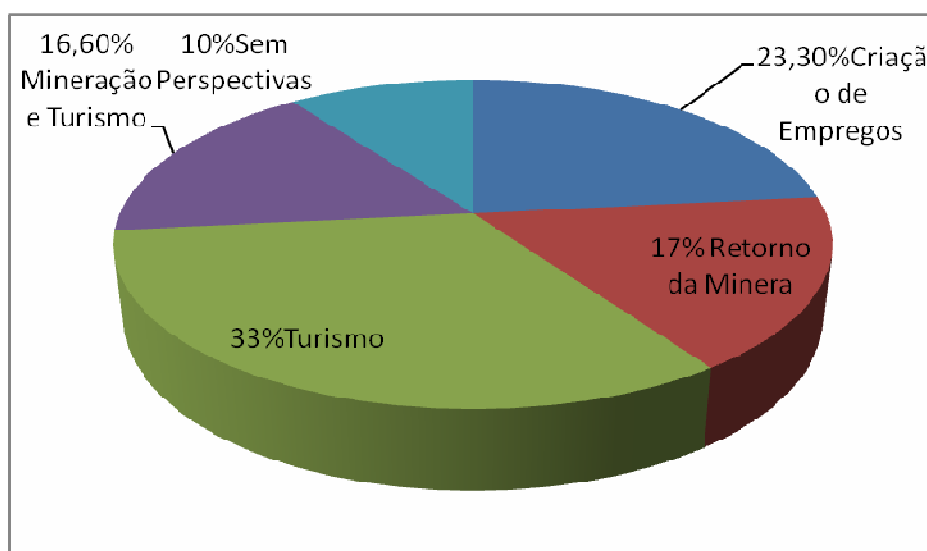


Figura 30: Gráfico das Perspectivas Futuras para as Minas do Camaquã.
Fonte: Trabalho de Campo, jul. 2008. Org: SILVA, R.M. 2008.

Diante do exposto, verificou-se que 10% dos participantes da pesquisa, considera-se sem perspectivas para as minas. Ao longo dos anos, tentou-se realizar algumas poucas alternativas de dinamizar-se a área, porém todas sem êxito, fato que provavelmente cooperou para este percentual.

Em seguida, apresenta-se a porcentagem de 16,6%, onde as perspectivas futuras apresentam-se na forma da retomada da mineração. Atualmente tem realizado-se algumas prospecções que, dados os resultados, aparece como real possibilidade para reativação da atividade mineradora. Segundo as entrevistas qualificadas em abril de 2008, a firma chamada I'am Gold instalou-se já há algum tempo na região, aonde vem realizando pesquisas, as quais tem-se mantido em sigilo. Cogita-se a exploração de chumbo e zinco na mina Santa Maria distante cerca de 6 Km a qual faz parte do patrimônio da CBC.

Com o mesmo percentual, apresenta-se o público que acredita estar na mineração e no turismo a possibilidade para uma dinamização econômica na região. Entende-se que atualmente tratam-se dos principais temas discutidos para revitalização desta região, tendo-se tornado parte das perspectivas futuras para 16,6% da população das Minas do Camaquã.

Para 23,3 da população, a criação de postos de emprego, independente destas variáveis expostas anteriormente, representa uma importante aspiração para o futuro desta região. Mas com 33,3% (22,7 casos) do total entrevistado, aponta-se as pessoas que depositam suas esperanças no turismo como alternativas futura para região, dado o seu potencial físico-natural.

Nos anos que se se seguiram a desativação da mineração, muito se especulou. Não somente as tentativas frustradas da empresa CBC, como a criação da Mademina e do Calário Mudador, alternaram-se algumas atividades como a vinda de uma indústria de cerveja e até mesmo a cogitação da instalação de um parque temático do complexo Beto Carreiro no local. Desconsiderando os motivos que se impuseram como obstáculos para revitalização econômica da região, observou-se que uma significativa parcela das pessoas diz-se sem perspectivas para o local, fato que se justifica pela alternância de projetos mau sucedidos ao longo dos anos.

Nos dias de hoje, tem-se observado, por motivos já trabalhados, que a esperança de maneira geral deposita-se na criação de postos de emprego na região. Nota-se que muito se tem esperado das atividades de mineração e do turismo. A primeira trata-se da atividade responsável pela criação da localidade, apresenta-se como grande possibilidade já que a estrutura local pode surgir como possibilidade da revitalização econômica, independente da região e da situação. Mas para a grande maioria 33,3% os tempos da mineração ficaram para traz. Estaria somente na atividade turística a grande possibilidade de inserir a região em uma posição mais favorável dentro do processo produtivo. Atualmente tem sido disponibilizado alguns cursos profissionalizantes por parte do SEBRAE, voltados a atividade turística para a população.

4.3 As Novas Realidades

Tem-se tornado comum, diante da aceleração do processo produtivo o surgimento de espaços que, dependendo da condição para a reprodução do capital podem tornarem-se pólos atrativos quando existem condições estruturais, ou ainda a formação de lugares relegados ao esquecimento quando o capital não possuir condições para a sua reprodução. Conforme vem sendo trabalhado nesta pesquisa as estruturas refletem os ritmos ditados pela produção. Atualmente tem-se tornado comum a formação de espaços degradados como antigas bases militares, áreas portuárias em decadência, vilas ferroviárias entre outras. É o que tem-se observado em exemplos como os apresentados a seguir.

“O Estado norte americano de Dakota do Norte é todo salpicado de cidades fantasmas”. “No início do século XX, as ferrovias atraíam os povoados para Dakota. Havia a promessa de terras. Cidades brotaram. Casas despontaram na vastidão das planícies. As pessoas acreditavam na vastidão das planícies. As pessoas acreditavam que a chuva abençoaria o trabalho. Estavam erradas”. Outro motivo a que pequenas e médias propriedades não são mais sustentáveis. Como o aumento da área das fazendas, a terra vê-se salpicada de milionários franciscanos, vivendo na vastidão solitária das planícies, cercadas de comunidades que o vento carregou. Interessante para este trabalho, trata-se do seguinte relato retirado da mesma matéria: “Tom Rafferty, de 59 anos, pertence à terceira geração de sua família a viver em Havelock, e virou agora o dono da cidade. Ele e a mulher são seus últimos habitantes. O lugar já teve 250 moradores, um depósito de madeira, currais, ferrovia, dois bancos, 3 silos, um armazém com mesa de biliar. Em torno do burgo haviam 7 minas de carvão. (Revista National Geographic, maio de 2008)

Pode-se apresentar também o caso da mina da Serra do Navio, localizada no estado do Amapá, desativada em 1988. O complexo mineiro constituía de usina de beneficiamento e estrada de ferro, ligando o porto à mina e as vilas existentes do porto a mina. O porto que se situa próximo a Macapá esta atualmente em operação dando sustentação econômica a vila portuária. As áreas mineradas e de depósitos de rejeitos estéril de mineração foram reabilitados e hoje integrados a floresta. O problema social é a vila da mina que não tem até o momento, alternativa econômica que lhe dê sustentabilidade. (Farah, 1993 p. 79). Conforme pode-se observar, esta trata-se de uma realidade presente em vários lugares de acordo com a situação econômica dentro do processo produtivo. Nesta direção, pode-se dizer que:

De um estágio da produção a outro, de uma organização de espaço a uma outra, o homem está a cada dia e permanentemente escrevendo a sua História, que é ao mesmo tempo história do trabalho produtivo e história do espaço. (SANTOS, 1996 p. 163).

Das componentes espaciais, os objetos materiais, muito tem para demonstrarem da dinâmica espacial. Hoje, boas partes das edificações das Minas do Camaquã encontram-se em escombros, registros de pretéritos estágios produtivos que expressão na atualidade a transitoriedade daquela estrutura social existente. Explica-se esta transição pelas novas funções a que estas edificações vem recebendo, denotando novos tipos de procura.

Tão logo se desativou a mineração, iniciou-se a venda de casas e terrenos da CBC a particulares. Ao longo dos anos, tem-se observado que o interesse pelas estruturas do local

como as citadas anteriormente tem acentuado-se. Pode-se apresentar como exemplo deste tipo de procura o caso da mina Cachoeirinha e Massagená de extração da cassiterita no estado de Rondônia. Com o fechamento das minas em 1989, as alternativas econômicas da região combinadas a boa infra-estrutura das vilas das áreas de mineração, parte das casas foram vendidas para a população do entorno. Fonte: <http://c.ql.org.br>. abril de 2008.

Tratando-se das Minas do Camaquã, tem-se verificado que as atuais discussões que fazem menção a uma atividade turística no local têm aumentado o interesse pela aquisição de imóveis no local. Tem-se notícia de que alguns terrenos têm sido negociados com intuito de construção de pousadas, pensões, dentre outros. Verifica-se também que algumas pessoas têm comprado casas e terrenos para voltarem a residir no local quando aposentarem-se, situação que estaria de acordo com o que já foi discutido quando se mencionou as vantagens existentes no local para o público desta faixa etária. Atualmente já se pode verificar no local, exemplos de novas atividades sendo praticadas, aproveitando as estruturas antigas. Pode-se apresentar o restaurante Bela Mina e o Projeto Portal, o qual organiza encontros anuais de Ufologia, bastante discutida na região

De acordo com o que fora apresentado, observa-se que existe uma certa procura por outras atividades que venham a possibilitar uma revalorização do espaço estudado.

4.3.1 O Isolamento da Região

Na atividade extrativista, é muito comum os empreendimentos localizarem-se em regiões isoladas e sem nenhuma infra-estrutura. Nestas situações, tais itens poderão ser assegurados pela empresa. Nas regiões interiorizadas como nas Minas do Camaquã, isto se torna ainda mais importante, sendo uma das condicionantes básicas da fixação ao emprego, diminuindo-se o risco de ocorrências de índices elevados de rotatividade de mão-de-obra via de regra prejudicial ao empreendimento. De acordo com o que fora relatado nas páginas anteriores, a empresa CBC, garantiu, durante a sua estada na região o acesso aos bens de utilidade pública a população, onde pode-se observar que os índices de satisfação eram bem significativos. Desta forma, esta região ao longo de 54 anos foi assistida pela CBC, período em que esta empresa teria explorado cobre nas Minas do Camaquã.

Com o término das extrações esta localidade, passaria a ser responsabilidade total do município de Caçapava do Sul. Segundo o que se pode coletar de informações, tão logo terminara as atividades, pode-se perceber que houve certa dificuldade para o poder administrativo de Caçapava, assimilar a idéia de responsabilidade neste local. A comunidade

que permaneceu nas minas ficou utilizando o equipamento ainda dos tempos da CBC. O abastecimento de água, por exemplo, somente a partir de 2007, sofreu melhoras. Passados 12 anos do término das atividades, pode-se observar ainda que muitos problemas persistam. A falta de saneamento básico, faz com que o esgoto seja o maior impacto ambiental observado nas vilas. A segurança e a saúde representam outros grandes focos de problema encontrados no local.

Ao analisar esta questão, atribui-se ao isolamento da localidade, o motivo maior da precariedade de alguns serviços. Deve-se atentar para o motivo de que, o isolamento observado nesta região trata-se não somente de sua posição geográfica afastada dos centros urbanos. Atribui-se as atuais condições sócio-espaciais nas minas, o resultado do distanciamento tanto do poder público municipal, como do processo produtivo. No primeiro caso, observa-se que a infra-estrutura local como a manutenção das estradas, e os outros problemas já citados, tratam-se do descaso do poder político administrativo. Segundo alguns relatos, casos de desavenças entre representantes da comunidade local e representações da prefeitura, dificultando a manutenção da infra-estrutura da localidade. Sabidamente, este não se trata de um fato isolado, mas sim de uma realidade brasileira, um problema sócio-cultural que estende-se por séculos por estas terras. Em segunda instância, menciona-se a questão desta região dentro do processo produtivo. Quando se verifica esta situação, é necessário observar-se o contexto regional, observando-se que historicamente a chamada “Metade Sul” do Estado do Rio Grande do Sul, possui grandes problemas estruturais que dificultam o desenvolvimento desta. Atribui-se em parte á cultura conservadora as dificuldades impostas ao empreendedorismo nesta região.

Conforme se pode perceber o isolamento para esta região, adquire diversas conotações, tornando-se complexa a enumeração de sentidos relacionados a este fato. Os reflexos desta combinação de fatores podem ser observados claramente no perfil social da localidade. Observa-se que existe uma nítida dificuldade da população local em interagir com outras realidades que não o seu cotidiano. Por tratar-se de uma comunidade no geral fechada, no sentido de atitudes e pensamentos, muitas vezes as poucas oportunidades inovadoras não conseguem espaço em meio a localidade. Além da descrença existente fruto de uma política assistencialista eleitoreira, esta dificuldade imposta pelo pensamento local, pode muitas vezes impedir o estabelecimento de ações que visem o melhoramento do local, independentemente da natureza. Pensa-se que para buscar-se qualquer possibilidade para melhoria desta comunidade, deve-se trabalhar muito a questão da sociabilidade das pessoas.

É necessário criar-se espaços de convivência com outras realidades, como a oferta de cursos, a promoção de atividades sociais de maneira a inserir estas pessoas em, preparando-as para as novas possibilidades que possam surgir para esta região.

4.3.2 Tendências

Com o término das atividades, toda região foi atingida. A maioria viu-se obrigada a buscar novas alternativas de sobrevivência. Mas uma pequena parte insistiu em permanecer no local. Passados 12 anos do fim das atividades cupríferas, cerca de 400 pessoas residem no local. Em meio a uma paisagem hora desoladora, com seus prédios em ruínas, hora belíssima pelas suas belezas naturais, as Minas do Camaquã aguardam alternativas que coloquem esta novamente em um lugar mais favorável dentro do processo produtivo.

Com uma população constituída em sua maioria por adultos e idosos, hoje as estruturas urbanas e mineradoras enfrentam uma situação de abandono. Até o período em que se verificou a atuação da empresa CBC, pode-se observar que existia um maior interesse pela vida daquelas pessoas. Os números atuais revelam que, após o fim desta fase descrita houve uma certa negligência com a população atual. A partir da análise da oferta dos bens sociais nas minas, pode-se notar que os índices mais altos de reprovação, estão justamente nos atributos cuja responsabilidade está no poder público municipal de Caçapava do Sul. Hoje, por exemplo. Este abandono, explica-se pelo descaso do poder municipal e também pela falta de iniciativa de considerável parte da população residente neste local. Sabe-se que este problema não é exclusivo das Minas do Camaquã, mas de muitos lugares no Brasil e até mesmo em outros países que se encontram nesta condição periférica dentro do modelo capitalista. Entende-se que a formação desses espaços decadentes, atualmente tem-se tornado muito comum.

Está em prática o planejamento bem como o estudo destes locais de maneira a analisarem-se as diversas realidades a fim de se encontrar alternativas de recuperação socioeconômica e principalmente ambiental destes lugares. Porém, muito pouco foi feito para resolver estes problemas. Justifica-se talvez por ser esta problemática uma situação que necessita de tempo para ser praticada. Diante do imediatismo atual torna-se incompatível que se executem alternativas para estes espaços pós-industriais.

4.3.2.1 As Minas do Camaquã como um Espaço de Novas Tendências de Comportamento

Nos dias de hoje tem-se tornado bastante comum o movimento de pessoas que buscam regiões mais afastadas dos grandes centros. O ritmo de vida acelerado, o trânsito dos grandes centros, poluição, a grande escalada da violência, são algumas das variáveis que vem fazendo com que uma quantidade considerável da população brasileira busque alternativas mais tranquilas por moradias. Pode-se citar desta forma a seguinte contribuição:

Nas últimas décadas, a ocupação sem controle das áreas centrais por edifícios e pelo comércio afugentou quem quer morar em uma casa e ter um, pouco de área verde. "Isso reduziu a qualidade de moradia", diz o urbanista paulista Cândido Malta. "As pessoas incomodadas começaram a se mudar para as áreas mais tranquilas." (<http://veja.abril.com.br>, acessado em setembro de 2008).

Completa-se esta afirmação da seguinte forma:

A fuga da classe média para as proximidades dos centros urbanos é um fenômeno que deve continuar crescendo por pelo menos uma década, afirma o geógrafo Paulo Roberto Moraes da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. (<http://veja.abril.com.br>, acessado em setembro de 2008).

Verifica-se que esta tendência não é exclusividade brasileira, mas também observa-se o mesmo em outras cidades pelo mundo. Ao analisar-se as Minas do Camaquã, observa-se que a tranquilidade local, tem feito desta, destino que começa a ser procurado por algumas pessoas já a algum tempo. Na região adjacente, não existe nenhuma grande aglomeração urbana, mas mesmo assim pode-se verificar que algumas pessoas tem preferido o local em detrimento de Caçapava do Sul. Conforme tem-se trabalhado nesta pesquisa, verifica-se que o público adulto trata-se da maioria nas minas. Hoje, este local tem possibilidade de um padrão de vida calmo e barato. Especula-se que esta tendência venha a aumentar, uma vez que os problemas observados nos ambientes urbanos aumentam constantemente. A atual tendência direciona-se para este local a morada de crianças, adultos e idosos. Mesmo frente à carência de alguns recursos. Mas mesmo assim, muitas pessoas têm preferido as Minas do Camaquã, conforme alega um entrevistado quando afirma tratar-se o local um "paraíso" para educar os filhos.

Pode-se dizer que esta tendência existente, tem feito das Minas do Camaquã, um local favorável para este tipo de procura. Esta mudança de comportamento é bem mais expressiva na classe média e pessoas que possuem alguma estabilidade financeira. Outra variável que

contribui para esta mudança de comportamento das pessoas diz respeito à busca pela proximidade com o meio natural.

A sociedade industrial avançou no sentido de fazer da máquina uma poderosa prótese humana. O que se pode notar foi um distanciamento dos princípios humanos, tendo como conseqüência o desemprego, um consumismo exacerbado, e altos índices de degradação ambiental. Diante destes problemas, nos últimos anos tem havido uma procura pela natureza, não somente o meio natural, mas também uma redescoberta da própria natureza humana. Parques, áreas verdes, praças, tem recebido maior atenção por parte das pessoas. A busca pelo meio natural bem como a sua preservação tem obtido considerável espaço no imaginário social coletivo até mesmo porque chega-se a conclusão de que o futuro depende de ações que visem a preservação sócio-ambiental. Conclui-se desta forma que as Minas do Camaquã, atualmente inserem-se como exemplo de locais onde se procura um convívio social alternativo, apresentando suas especificidades que se bem trabalhadas poderão servir de possibilidades para uma revitalização deste espaço.

4.3.3 Usos potenciais

A recuperação de espaços degradados, tem-se tornado uma necessidade crescente diante dos atuais padrões econômicos. Pois se vive um fundamentalismo capitalista, cujos efeitos tem-se demonstrado muitas vezes desastrosos, uma vez que o interesse monetário encontra-se acima dos demais. Desta forma, pessoas idéias e lugares, tornam-se obsoletos diante deste paradigma econômico baseado no lucro a qualquer preço. Diante do exposto, acredita-se que é justamente no espaço, enquanto produto da produção, que estas mudanças possuem maior visibilidade. Nesta direção, pode-se acrescentar Santos, (1996:159), onde: “A história humana é marcada por saltos quantitativos e qualitativos, que significam uma nova combinação de técnicas, uma nova combinação de forças produtivas e, em conseqüência, um novo quadro para as relações sociais.” Pode-se completar este raciocínio exposto com a seguinte explicação:

Um paradigma afeta ao mesmo tempo todas as disciplinas científicas, “exatas” ou não. Se é um fato que a cada aparição de um novo paradigma a ordem de importância das ciências também muda, isso não quer dizer que há departamentos do saber que escapem à sua ação revolucionária.” (SANTOS, 1996 p.163).

Analisando-se estas contribuições de Santos, nota-se que este expõe a necessidade de novos conceitos que substanciam as novas tendências diante das novas realidades impostas pelo capital. Desta forma, o corpo analítico de um determinado campo, deve impor os novos conceitos que substanciam as novas tendências. Partindo-se da idéia de que o Espaço Geográfico é fruto da dinâmica social, este se apresenta com um constante formar/transformar, representando as aspirações coletivas em um determinado tempo. Verificando-se o caso das Minas do Camaquã, pode-se perceber que a ação do capital, proporcionou à região diferentes surtos produtivos, originando uma paisagem que reflete estas oscilações ao longo do tempo.

4.3.3.1 O Potencial Turístico como Possibilidade para as Minas do Camaquã

Atualmente a atividade turística tem surgido como grande oportunidade para revitalização econômica de regiões decadentes. Passados 12 anos do término das atividades, algumas medidas na tentativa de valorizar a região têm sido abordadas. Dentre estas, o turismo surge com grande significância, uma vez que conforme fora abordado, trata-se de uma possibilidade que vem sendo explorada e tem apresentado resultados no que confere a confere a formação de fonte de renda.

Para a Organização Mundial de Turismo, OMT, as receitas internacionais desse setor cresceram mais rápido do que o comércio mundial como um todo (serviços comerciais e exportações de mercadorias) nos anos 1980 e hoje constituem a maior proporção no valor das exportações mundiais sobrepondo-se a todos os setores, com exceção do petróleo e seus derivados e dos veículos e suas peças e acessórios. (<http://UCS.BR WORD Travel and Turism, 2003>, acessado em abril de 2008).

Ainda nesta direção pode-se acrescentar:

O World Travel Turism, estimou que a atividade do turismo emprega um em cada nove trabalhadores no mundo todo, ou cerca de 212 milhões de pessoas, tornando-se o maior empregador do mundo. (<http://UCS.BR WORD Travel and Turism, 2003> acessado em setembro de 2008).

No caso das Minas do Camaquã, podem-se apontar diversas alternativas de exploração turística do local. Situadas na Formação Guaritas, a região possui grandes atrativos naturais, passíveis de alguma exploração. Pode-se destacar ainda a estrutura dos tempos de CBC, cujos

prédios guardam registros importantes do período da mineração. Na área industrial, existem vestígios da mineração como a mina Uruguai a céu aberto, e quilômetros de galerias subterrâneas que apesar de tratar-se de grandes impactos ambientais, existe a possibilidade de se aproveitar estes espaços degradados a fim de se demonstrar a história da dinâmica da extração mineral.

Partindo-se destes atributos, a seguir serão apresentadas algumas possíveis modalidades de turismo que podem ser explorados no local.

4.3.3.1.1 Ecoturismo:

As condições físico-naturais da região das Minas do Camaquã, tem despertado a atenção do público praticante desta modalidade turística. As formações rochosas e a fauna e flora ainda praticamente inexplorada do Bioma Pampa, inserem esta região na categoria de uma das Sete Maravilhas do Estado do Rio Grande do Sul.

4.3.3.1.2 Turismo de Aventura:

Nesta direção, pode-se dizer que a região oferece atributos passíveis deste tipo de atividade. As matas nativas em meio as formações rochosas são convidativas ao visitante para trilhas e explorações, dado o contato com a natureza que o local oferece. Os grandes paredões de rochas areníticas, que datam do Paleozóico, tem sido explorados com frequência por montanhistas de todo o Brasil, fazendo desta região roteiro dos encontros desta modalidade no país. As Minas do Camaquã também têm sediado campeonatos de orientação, esporte que encontra viabilidade em meio a paisagem local formada por matas, rochas e rios. Algumas literaturas citam ainda a possibilidade de esportes náuticos como a canoagem, por exemplo, diante do volume de água disponível na barragem João Dias.

4.3.3.1.3 Turismo Científico:

As formações geológicas das Minas do Camaquã são de registros que podem revelar boa parte do passado do planeta. Marcado por eventos, vulcano-sedimentares segundo (Ronchi, 1998), a região estudada fornece uma grande diversidade litológica para pesquisa. A riqueza científica destas rochas pode revelar diferentes estágios tectônicos que ocorreram na região, servindo de importante contribuição para o estudo da dinâmica interna do planeta.

Suas rochas sedimentares revelam o regime fluvial de rios que existiram no passado. O estudo das paleocorrentes revela as condições atmosféricas, ambientes deposicionais dos tempos em que a Bacia do Camaquã ainda estava em formação. Certamente, estudar a geologia desta região se trata de uma viagem no tempo que poucos lugares podem oferecer.

Diante do exposto, pôde-se chegar a algumas conclusões. Sem dúvida, os atributos físico-naturais, desta área, possuem boas possibilidades para uma exploração turística. Porém algumas ressalvas devem ser observadas. Analisando-se a realidade local, nota-se que o desenvolvimento da atividade turística, trata-se do desejo de uma pequena parcela da população. Apesar do esforço de alguns agentes externos à região, pouco se tem realizado. Verificando-se o fato, percebe-se que o desenvolvimento do turismo na região esbarra basicamente no seguinte: Poder público municipal ineficaz e poucas ações da comunidade local, em geral.

Entende-se neste trabalho, que para o êxito de qualquer empreendimento, necessita-se do apoio de todos os agentes envolvidos. Em primeira instância, necessita-se qualificar o quadro profissional, a começar pelo poder municipal, que até o momento não conta com nenhum agente da área do turismo. Deve-se realizar um trabalho preparativo dentro das necessidades técnicas que envolvem a atividade turística. Conclui-se, por tanto, que as potencialidades são indiscutíveis nesta região, porém muito trabalho deve ser feito para o estabelecimento do turismo.

4.4 A Retomada da Mineração

Durante as pesquisas pode-se observar que parte considerável da população aguarda um possível retorno das atividades mineradoras na região. Isto tem um motivo. Há aproximadamente 2 anos, a empresa canadense de prospecção “I Am Gold” vem realizando pesquisas na região. Os resultados das prospecções revelaram que existe um potencial mineral em ouro, chumbo e zinco nesta área. Em meio a muitos comentários ainda pouco divulgados para a população, especula-se que a mineração poderá voltar nos próximos meses. Hoje a empresa de extração calcária “Mineração Mônico” detém a maioria das ações da empresa CBC, possuindo portanto a maior possibilidade de lavra neste local.

Tem-se realizado algumas reuniões entre empresários do setor em Caçapava do Sul. O resultado das pesquisas revelou que existe a possibilidade para uma reativação da mineração

na mina Santa Maria na localidade do Paço do Cação as margens do rio Camaquã. Segundo as informações, para esta atividade utilizar-se-ia a estrutura das Minas do Camaquã devido à proximidade deste local. Deve-se evidenciar que até o presente momento, tudo está no espaço das especulações, mas ressaltando-se as chances reais para que aconteça esta retomada na mineração na região. De fato, é que esta região possui várias carências de recursos.

A volta da mineração significa para muitos moradores, não somente uma atividade econômica que dinamize o local, mas também, de certa forma, um resgate do passado, uma vez que muitos mantêm um apreço pelos tempos da mineração. Ao longo das entrevistas, percebeu-se que a grande parcela de aposentados residentes nas vilas, aspira por verem seus filhos, sobrinhos, trabalhando nas minas, talvez como forma de resgatar o passado dos próprios.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os acontecimentos do passado relegam a uma dada sociedade a sua memória. É no espaço geográfico que os registros de uma determinada época, encontraram subsídios para a sua existência.

Na análise do passado histórico das Minas do Camaquã, pode-se notar que o desenrolar das ações sempre repercutem mesmo que de maneira indireta umas sobre as outras. Estágios econômicos, momentos políticos, tendências ideológicas, deixam, a todo o momento seus registros e repercussões no espaço. Este fato se acentua ainda mais, quando analisado sob uma óptica histórico-geográfica, que leve em consideração, a situação socioeconômica brasileira ao longo do tempo.

Com o exemplo da extração de cobre nas Minas do Camaquã, pôde-se analisar a dinâmica imposta pelo capital no espaço geográfico. Estágios de atividade alternaram-se com épocas de estagnação ao longo do tempo no espaço estudado, evidenciando-se a dependência externa a que se submetem as nações subdesenvolvidas.

Através da mineração de cobre e a Companhia Brasileira do Cobre, a localidade teria construído toda uma história. Ao longo de 50 anos, constituiu-se uma estrutura que teria se tornado uma das principais regiões de mineração de cobre do Sul do Brasil. Minas do Camaquã, chegariam a ter comportado um conjunto de 7 vilas, chegando a comportar nos anos 1980, cerca de 5000 habitantes.

Pode-se dizer que o período CBC, teria sido o apogeu da mineração no local, pois foi quando este espaço recebeu a maior infra-estrutura, em decorrência da escalada produtiva desta empresa. Deve-se considerar ainda, que o contexto histórico econômico, brasileiro, favoreceu muito para que esta fase da mineração tivesse grande prosperidade.

Ao observar-se a paisagem local, pode-se verificar que se estabeleceu uma boa estrutura urbana quando em face de outras vilas de mineração existentes na mesma época. Para efeito de análise, pode-se dividir a vila em setores. O setor mineiro que se compõe por minas a céu aberto (mina Uruguai), e subterrânea (mina São Luiz) e possui também uma superestrutura e edifícios, galpões para armazenamento de máquinas, instrumentos e veículos necessários à extração dos minerais, além de edifícios administrativos. O segundo setor a ser considerado era o de alojamentos e residências, organizado em vários níveis e dimensões, constituindo testemunhos de sua história. O último setor seria o representando pelos prédios e

espaços públicos, formado pelo hospital, cinema, praça, Igreja, Escola, clube, ginásio, CTG, supermercados e outros. Neste último setor, se pode dizer ainda, que existe uma pavimentação não vista em muitas cidades.

Analisando-se os fatos, pode-se afirmar que a empresa CBC oferecia o acesso a bens sociais que para muitos moradores, não seria possível de se obter. Não somente esta questão, mas também uma satisfatória remuneração pelos serviços prestados fazia deste local um bom lugar para o convívio social.

Pode-se dizer que a empresa ao mesmo tempo em que sanava as necessidades da população, mantinha um relacionamento nitidamente hierárquico, a fim de se administrar o empreendimento bem como a garantia de mão-de-obra operária ao longo dos anos. Mas deve-se dizer que isto não era exclusividade do local, mas sim um princípio capitalista, onde deve existir o braço do trabalhador para abastecer o bolso do empreendedor.

Analisando as características locais, pode-se mencionar que esta localidade enquadrava-se no modelo Company Town apontado para este tipo de vila de mineração, nos trabalhos que serviram de fonte para esta pesquisa, ou seja, tratava-se de uma vila de caráter autárquico associada a uma empresa onde existia a necessidade de apoio direto dos setores habitacionais. Em linhas gerais, considera-se que este empreendimento, possuía grande importância econômica não somente ao município de Caçapava do Sul, mas também para as demais regiões adjacentes como Santana da Boa Vista, Lavras do Sul e Bagé.

Passados 12 anos, após o término das atividades mineradoras, Minas do Camaquã, aguarda uma nova possibilidade para os poucos que permaneceram no local. Possibilidades estas que muito pouco saíram do papel, fato que esta de acordo com a realidade brasileira no que confere a recuperação de espaços pós-industriais. Atualmente, o turismo, em virtude de suas belas paisagens naturais e o retorno da mineração, surgem como alternativas de dinamizar a economia local, embora poucas práticas tem se observado neste sentido.

Diante do exposto, pensa-se que o estudo do Espaço Geográfico, trata-se de uma constante reflexão social, cuja história está em constante transformação. Esta prática torna-se desafiadora, uma vez que as humanidades têm por objetivo o estudo de possibilidades que viabilizem meios de se conquistar uma condição digna de existência, em cada espaço, em cada tempo, de maneira que se deseja que este trabalho possa ter contribuído em algum momento nesta direção.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Andrade, M.C. **Imperialismo e Fragmentação do Espaço**. São Paulo: Contexto, 2002.

_____ **Geografia Econômica. A Terra e Homem**. São Paulo: Atlas, 6ª ed. 1979

Arruda J. J. A. & Piletti, N. **Toda A História. História Geral e do Brasil**. São Paulo: Ática, 8ª ed. 1998.

Biblioteca Municipal de Caçapava Do Sul José Luis Almeida

Calado, C. **A Indústria Estrativista Portuguesa**. Breve Análise da Situação Atual. 2007.

Carlos, A. F. **Ensaio de Geografia Contemporânea**. São Paulo: Hucitec, 1996.

_____ **O Espaço no Fim de Século: A Nova Realidade**. São Paulo: Contexto, 1999.

Castro, I. E, et al. **Geografia: Conceitos e Temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

Cheuiche, A. et al. **Baby Pignatari: O Centauro de Bronze**. Porto Alegre: Metópole, 2006.

Claval, P. **Geografia Cultural**. Santa Catarina: UFSC, 2001.

Comitê Ambiental da Bacia do Camaquã. Disponível em <http://WWW.sema.co.br>, acessado em 8 de setembro de 2008.

Companhia Brasileira do Cobre, 1992.

Estall, R. & Buchanam, O. **Atividade Industrial e Geografia Econômica. A Terra e o Homem** Rio de Janeiro: Zahar, 2ª Ed. 1976.

Farah, F. **Vilas de Mineração e de Barragens no Brasil: Retrato de Uma Época**. São Paulo: Instituto de Pesquisas tecnológicas. 1993.

Fundação Instituto de Geografia e Estatística. **Geografia do Brasil. Região Sul**. Rio de Janeiro: IBGE, 1977.

Garnie, B.J. **Geografia da População**. São Paulo: Nacional, 1993.

Gomes, H. **A Produção do Espaço Geográfico no Capitalismo**. São Paulo: Contexto, 2ª ed., 1991.

Gomes, F.A. **Transamazônica. A Redescoberta do Brasil.** São Paulo: Livraria Cultural, 1967.

Harvey, D. **A Produção Capitalista do Espaço.** São Paulo: Annablume, 2005.

Haesbart, R. **O Mito da Desterritorialização. Do “Fim dos Territórios” a Multiterritorialidade.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

Haidrich, A. L. **Além do Latifúndio. Geografia do interesse Econômico Gaúcho.** Porto Alegre: UFRGS, 2000.

IBGE. Disponível em:<http://WWW.ibge.com.br>, acessado em 9 de agosto de 2008.

Konder. L. **O Que é Dialética.** São Paulo: Brasiliense, 1ª ed.,1981.

Machado, I.F. **Estudos Avançados. Dossiê Recursos Naturais. Indústria Mineral,** 1998, disponível em <http://www.pcp.index>

Moraes, A.C.R. **A Valorização do Espaço.** São Paulo; Hucitec,1999.

Moreira, I. **O Espaço Geográfico.** São Paulo: ática, 2002

Moreira, R. **O Que é Geografia.** São Paulo: Brasiliense, 10ª ed., 1985.

Moreira, I. & Haesbart, R. C. **Espaço e Sociedade no Rio Grande do Sul.** Porto Alegre: Mercado Aberto, 4ª ed. 1995.

O Fechamento de Minas. Minérios e Minerales. Ano XXXI, julho de 2007.

Pereira, O.D. *et all* **Política Mineral do Brasil.** Brasília: CNPq, 1987.

Prefeitura Municipal do município de Caçapava do Sul

Rampazzo, L. **Metodologia Científica Para Alunos dos Cursos de Graduação e Pós-Graduação.** São Paulo: Stiliano, 1998.

Ribeiro, W. C. **Relações Internacionais. Cenários para o Século XXI.** São Paulo: Scipione, Ponto de Apoio, 2000.

Rodrigues, A.B. **Turismo e Espaço: Rumo a um Conhecimento Transdisciplinar.**São Paulo: Hucitec,1999.

Ronchi, L.H. et al. **Minas do Camaquã: Um Discurso Multidisciplinar.** São Leopoldo:Unisinos, 2000.

Sanches, J. L.R. **Geografia do Brasil.** São Paulo: USP, 4ª ed. 2003.

Santos, M. **Por Uma Geografia Nova**. São Paulo: Hucitec, 4ª ed., 1996.

_____ **Técnica, Espaço e Tempo: Globalização e Meio Técnico Científico Informacional**. São Paulo: Hucitec, 3ª ed., 1997.

_____ **Pensando o Espaço do Homem**. São Paulo: Hucitec, 1ªed.,1982.

_____ **Pensando o Espaço do Homem**. São Paulo: Hucitec, 1997.

_____ **Espaço e Método**. São Paulo:Nobel, 4ª ed.,1997.

_____ **O Espaço Interdisciplinar**. São Paulo: Nobel, 1986.

_____ **O Brasil. Território e Sociedade no Início do Século XXI**. São Paulo: Record, 2001.

_____ **Metamorfose do Espaço Habitado**. São Paulo: Hucitec, 1991.

_____ **A Natureza do Espaço.Técnica e Tempo Razão e Emoção**.São Paulo:Hucitec, 3ªed.,1999.

Santos, D. **A Reinvenção do Espaço: Diálogos em Torno da Construção do Significado de Uma Categoria**. São Paulo: UNESP, 2002.

Silva, L. R. **Do Senso Comum Á Geografia Científica**. São Paulo: Contexto, 2004.

Spósito, E . S. **Geografia e Filosofia: Contribuição Para o Ensino do Pensamento Geográfico**. São Paulo: UNESP, 2002.

Valverde. O. **Grande Carajás. Planejamento da Destruição**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989.

Volpato, T.G. **A Pirita Humana. Os Mineiros de Criciúma**. Santa Catarina: UFSC,1984.

Torres, J.C.B. **Transcendentalismo e Dialética: Ensaio Sobre Kant, Hegel, o Marxismo e Outros Estudos**. Porto Alegre: L& PM, 2004.

World Travel and Tourism Council. Disponível em: <http://www.ucs.br/posgraduacaõ>.

Anexo I

Roteiro Elaborado para as Entrevistas Qualificadas em Abril de 2008.

1 Cargo Ocupado na Empresa CBC;

2. Condições Estruturais Durante o Período CBC

2.1 Localização da Residência;

2.2 Qualidade da Água;

2.3 Tratamento de Esgoto;

2.2 Energia Elétrica;

3 Oferta de Bens Sociais Durante o Período CBC

3.1 Saúde;

3.2 Acesso a educação;

3.3 Cultura;

3.4 Lazer;

3.5 Segurança.

4. Relacionamento

4.1 Como eram as relações sociais? Todos ocupavam os mesmos espaços públicos?

4.2 Existia algum sentimento de identidade com as Minas do Camaquã?

5. O Final do Período CBC

5.1 Houve algum aviso, no sentido de orientar a população local a respeito do fim das atividades de extração de cobre nas Minas do Camaquã? Qual foi a postura adotada pela empresa em relação a esta questão?

ANEXO II

Questionário Sócio Espacial

Roteiro elaborado e aplicado no período de 24 a 28 de julho nas Minas do Camaquã

1. Endereço residencial;

2. Ocupação: Marque um x ao lado do tipo de ocupação;

Autônomo;

Aposentado;

Estudante.

3. Acesso aos Bens Sociais de Utilidade Pública: Responda SIM ou NÃO no que confere a satisfação dos seguintes tipos de serviços:

Água;

Luz;

Esgoto;

Saúde;

Educação.

4. Quais são as vantagens de morar nas Minas do Camaquã?

5. Quais são as desvantagens de se morar nas Minas do Camaquã?

6. Qual o tipo de relação existente com as outras cidades?

7. Quais são as suas perspectivas futuras para as Minas do Camaquã?

Obrigado pela Colaboração.